

EDUCAÇÃO FÍSICA, VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA CORPORAL

Por

Samuel Macêdo Guimarães

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física na
Área de concentração Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física do
Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação Física

Florianópolis
Estado de Santa Catarina
Fevereiro de 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação:

"EDUCAÇÃO FÍSICA, VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA CORPORAL"

Elaborada por:

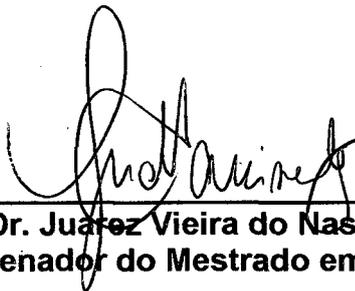
SAMUEL MACÊDO GUIMARÃES

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de:

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

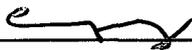
Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica

Data: 26 de Fevereiro de 2002



Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Elenor Kunz – Orientador



Prof. Dr. Adolfo Ramos Lamar



Profa. Dra. Ana Márcia Silva



Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva

As informações codificadas no cosmos estão encarnadas em cada corpo histórico. Um Ser Humano é uma porta para o além.

Sam Keen

No palpitar da vida interior, que se acha imediatamente presente, agora, em cada um de nós, há um pouco de passado, um pouco de futuro e um pouco de consciência de nosso próprio corpo, de cada uma das outras pessoas, dessas sublimidades sobre as quais estamos tentando falar, da geografia da terra e da direção da história, de verdade e de erro, de bom e de mau e de quem sabe quantas coisas mais?

William James

Sempre me emociono com o jeito pelo qual os lobos batem uns nos outros quando correm e brincam: os mais velhos ao seu modo, os jovens ao deles, os magros, os gordos, os de pernas longas, os de rabo cortado, os de orelhas caídas, os de membros quebrados que ficam tortos ao sarar. Todos têm sua própria configuração corporal, sua própria força e sua própria beleza. Vivem e brincam de acordo com o que são, quem são e como são. Eles não tentam ser o que não são.

Clarissa Pinkola Estés

A Ana Flávia, Clara e Flora, amores da minha vida. Parceiras de todos os dias, das quais recebo luz, carinho e atenção e que me tornam cada vez mais vivido no amor.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado do diálogo entre o interno e o externo. Do interno as reflexões nas angústias, expectativas e esperanças conduziram a caminhada na direção de um auto-reconhecimento. Do externo, as leituras, observações, constantes conversas, sugestões e indagações dos que acompanharam o processo, fizeram o caminhar em direção a um aperfeiçoamento constante.

Neste caminhar, encontramos pontos de apoio em determinados momentos da caminhada, que ajudaram a superar as conseqüências do conflito entre o interno e o externo. Estes são os(as) parceiros(as) que surgem no processo da existência e nos tornam vivos. São eles que nos tornam humanos no momento em que mais precisamos. Entre todos, agradecemos:

Ao Deus do meu coração, sempre parceiro no aqui-agora, dialogando e permitindo o livre-arbítrio;

Aos meus pais Jacob e Maria, pela participação direta na construção desta vida que Sou;

À UESC, pela liberação institucional para desenvolver este estudo;

A René Albagli, Maridalva, Mércia e Joelma, mulheres fortes entre tantas da UESC, de quem sempre contei com o apoio e orientação;

Ao Departamento de Ciências da Saúde da UESC e aos demais colegas que dele participam, pela oportunidade das constantes discussões acadêmicas;

Ao amigo Peligra pela iniciação à filosofia e pelas leituras dos primeiros escritos;

A Adolfo Lamar, quando na UESC enxergou mais longe do que eu;

A Henriqueta, bibliotecária da UESC, pelos empréstimos via aérea;

Aos meus alunos de Grupos de Movimento da UESC, que me proporcionaram maravilhosas horas de convívio e aprendizagem;

Ao Mestrado em Educação UFBA/UESC, Saúde Pública UFSC, Educação UFSC, e Doutorado em Educação UFSC, pela oportunidade de participar de algumas disciplinas que contribuíram para o meu crescimento;

Ao Programa de Mestrado de Educação Física do CDS/UFSC, que me recebeu na condição de aluno e onde sempre tive orientação e segurança necessárias para minha vivência de mestrando;

Ao Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, Coordenador do Mestrado em Educação Física, por demonstrar certezas e reconhecimento, pela amizade e apoio profissional nas horas necessárias;

Ao meu orientador Prof. Dr. Elenor Kunz, pela partilha na construção de laços fraternos no convívio acadêmico e pela orientação necessária;

Aos membros da minha banca examinadora, Prof. Dr. Adolfo Ramos Lamar, Prof^a Dr^a Ana Márcia Silva, Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva, expressões em seus campos de conhecimento, por terem acolhido minha solicitação neste processo de avaliação e pelo apoio nos momentos em que procurei;

Aos professores e professoras do CDS, Adair da Silva Lopes, Ana Márcia Silva, Antônio Renato Pereira Moro, Edio Luiz Petroski, Elenor Kunz, Giovani de Lorenzi Pires, Joaquim Felipe de Jesus, Jonh Peter Nasser, Juarez Vieira do Nascimento, Maria de Fátima da Silva Duarte, Maurício Roberto da Silva, Sidney Ferreira Farias, Markus Vinicius Nahas e Viktor Shigunov; do CED, Demétrio Delizoicov e Selvino Assman; do DSP, Marcos Da Ros e Maria Helena, e do DLLE, Arlene Dias Rodrigues, pelo convívio paciente nas salas de aula e pelas trocas possíveis.

Ao amigo Jairo, figura forte do Mestrado em Educação Física;

Às bibliotecárias do CDS Olga, Neusa e Carla;

Aos meus inesquecíveis colegas de mestrado, Cazuzza, Daniela, Edson, Lucinéia, Maika, Maria Denis, Mário Guarizi, Mário Pires, Marta, Michel, Renildo, Sérgio e Wallace, pelo convívio nestes dois anos;

A Josenei Bragat dos Santos, um irmão encontrado, por tantas conversas sobre a vida vivida e pelas grandes lições de força superior;

A Carmem Isabel Pereira Sinzato, por haver lido meu trabalho com a visão do coração, a minha gratidão, e a seus familiares Elídio, Alice e Luiza, pela amizade recebida;

A Lia Rosa Leal pela amizade e acompanhamento criterioso das questões vernáculas;

Aos amigos Artur e Nádia, que me proporcionaram a tranquilidade e a qualidade do Restaurante Verdilha em todos os dias desta minha passagem por Floripa;

A Natanael, Pedro, Luís e Lívia por tantas oportunidades de maravilhosas conversas, parceiros de trabalho inesquecíveis.

Aos inomináveis que são tantos em minha vida. O meu serviço e a minha devoção.

Ao PICDT/CAPES/UESC, pelo suprimento material parco, mas de grande aproveitamento.

RESUMO

A Educação Física como espaço de uma perspectiva sensível, com visão crítica e emancipatória, vem construindo-se gradativamente através de estudos reflexivos na área de Teoria e Prática Pedagógica. Muitos cenários estão sendo construídos nos constantes diálogos com teorias do conhecimento. Nesses cenários o campo fenomenológico aponta a necessidade de aprofundamentos filosóficos. Para este trabalho, o tema foi as Vivências Corporais interpretadas como Espaço de Probabilidades e Possibilidades (EPP) do Movimento Humano Sensível. Como um Estilo de Pensamento para o trabalho com o Ser Humano que favorece a relação com a *experimentação do corpo*. Nessa forma de pensar o Movimento Humano é possível torná-lo mais abrangente, construindo oportunidades de vivenciar tonalidades de percepções a partir das próprias experiências corporais. O processo gerado pela reflexão oportuniza elaborações que podem conduzir o Ser Humano a responder a si mesmo o como está sentindo-se no contexto em que está inserido na vivência. Assim, orientou-se pela questão: *Quais são os cenários teórico-interpretativos que fundamentam as Vivências Corporais como EPP para o trabalho na perspectiva de corpo relacional na Educação Física?* Teve como objetivo descrever cenários teórico-interpretativos com por base na fenomenologia de Merleau-Ponty. Em sua metodologia se pautou por um estudo bibliográfico que procurou detectar no que foi possível encontrar e elaborar, as reflexões que contribuíram para ampliação do conhecimento filosófico para acrescentar subsídios para discussões pedagógicas do Movimento Humano que se ocupa com o aspecto sensível. Utilizamos uma abordagem fenomenológica hermênêutica, tendo como pergunta se na literatura disponível poder-se-ia encontrar aspectos que pudessem favorecer a construção de cenários teóricos interpretativos para trabalhar com Vivências Corporais na Educação Física. Utilizamos o artesanato intelectual de Mills como suporte para movimentar os fragmentos desarquivados, que se constituíam nos textos estudados como motes para desenvolver as reflexões críticas. No trajeto do estudo, tivemos como objetivo perceber como a fenomenologia de Merleau-Ponty pode fundamentar filosoficamente os trabalhos de Vivências Corporais na Educação Física. Outras temáticas foram aparecendo na condição de essências textuais. Destacamos as que mais se associam ao contexto da experiência corporal desvelada das vivências e da experiência corporal. Algumas são consideradas núcleos temáticos, outras aparecem como propostas constitutivas de novos estilos de pensamento. São elas: semiologia, holografia, cuidado de si, entre outras. Os pressupostos para a busca foram: (a) Os seres humanos buscam sentido em suas vidas; (b) Existem realidades múltiplas - mesmo quando as vivências são as mesmas - em função da singularidade da percepção e da experiência de mundo vivido; (c) As realidades são socialmente construídas. Apesar de não ter sido esta a nossa intenção, tais pressupostos podem também encaixar-se em estudos de interacionismo simbólico, já que o interesse pela experiência vivida e pelo mundo do outro está em ambas as abordagens. Essa descrição irá contribuir para prover a Educação Física de conhecimento reflexivo sobre as Vivências Corporais, como campo fértil da percepção de informações pertinentes à construção da autonomia.

Palavras chaves: Vivência Corporal, Educação Física, Movimento Humano, Experiência, Fenomenologia, Corpo.

ABSTRACT

The Physical Education as a space of sensible perspective, with emancipating and critical vision, has been building gradually by the reflexives studies and the constant dialogues in the area of Theory and Educational Practice. Several settings are being building in the constant dialogues with theories of knowledge. In these settings the fields of phenomenology point at the necessity of philosophic depth. For this work, the subject was the Corporal Experiences interpreted with Probabilities and Possibilities Space (PPS) by sensible Human Movement. As a Thought Style for the work with the Human Being that facility the relationship with the body experimentation. In these kinds of though the Human Movement is possible to become more understanding, building possibilities of experience tonalities of perceptions using the suitable corporal experiences. The process generated by the reflexive offers elaborations that can conduct the Human Being to answer by himself how he is feeling in the context when he is inserted in the experience. Thus, he can find his way by the question: *What are the interpretative-theoretical settings that substantiate the Corporal Experiences by PPS for the work in the perspective of relational body in the Physical Education.* The objective was to describe interpretative-theoretical settings based on the theoretical support of phenomenology by Merleau-Ponty. In his methodology we were guided by bibliographic study that tries to detect, where it was possible, to find and to elaborate, the reflexives that contributed for the enlargement of the philosophic knowledge. To add subsidies for the educational discussion of Human Movement that takes up with the sensible aspects. We used a phenomenological and hermeneutical approach, having as a question if it was possible to encounter in the accessible literature, aspects that facilitate the construction by interpretative-theoretical settings to work with Corporal Experiences in the Physical Education. We used the intellectual craftsmanship by Mills as a support to move the fragments unfilled, that constituted themselves in the studied texts with signals for developing critical reflexives. In spite of the objective was to study as Merleau-Ponty can substantiate philosophically the works of Corporal Experiences in the Physical Education, another subjects were appearing as word-perfect essences conditions. We pointed out those ones that had more affinities in the context of Corporal Experiences using the experience and experiential by the vivid world. Some are considerate thematic nucleus, others appear with constitutive proposals of new Thought Style. They are: Semiotic, holography, self-care, and others. The points considerers for the research were: (a) The Human Being look for senses in their lives; (b) There are multiple realities - even when the experience are the same - in function of the singularity of perception and the experience of the experiences of world; (c) The realities are socially constructed. In spite of not being our intention, these points can be associated to the studies of the Symbolic Interactionism, since the interest by the way of living experiences and by the world of others are in both approaches. These description will contribute for promoting the Physical Education by reflexive knowledge about Corporal Experiences, as a fertile field of perceptions of pertinent information as to the construction of autonomy.

Key Words: Corporal Experience, Physical Education, Human Movement, Body, Phenomenology.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE IMAGENS	xii
LISTA DE ANEXOS	xiii
ANUNCIANDO O CAMINHO	2
Introdução.....	2
O "Aparecimento" da Problemática	8
Justificativa e Relevância da Questão Situada como Problemática	14
Pensando no(s) Objetivo(s).....	25
Tecendo uma Forma Metodológica	27
Limites e Limitações	35
CENÁRIOS TEÓRICO-INTERPRETATIVOS	42
Cenários como Espaços de Probabilidades e Possibilidades (EPP).....	42
Cenário Fundo: Nos Caminhos da Fenomenologia.....	46
Cenário Sutil: O Sentido do Corpo Fenomenal.....	66
Cenário Prático: Sintonizando com o Corpo Relacional	71
Cenário Sensível: Vivência Corporal	76
ESPAÇOS DE PROBABILIDADES E POSSIBILIDADES QUE SE AVISTAM....	95
Educação Física e Vivência Corporal	95
A Experiência se Constitui nos Significados Percebidos da Vivência.....	101
Metáforas para serem Compreendidas	112
Considerações Finais	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR	145
ANEXOS	148

LISTA DE QUADROS

Quadro

Página

1. Fenomenologia: entre a Metafísica e as Ciências Positivas 48

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. O Fundo dos Movimentos	70
2. Diferenças entre Corpo Substancial e Corpo Relacional	72

LISTA DE IMAGENS

Figura	Página
1. Homenagem ao Diálogo: Escultura da UFSC.....	01
2. Homenagem aos Cenários da Vida: Um par de sapatos.....	41
3. Homenagem à Paz: Guernica.....	94

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Programa de Grupos de Movimentos da UESC	149
2. Projeto de Extensão: Caminhos para interpretar o corpo	154
3. Grupo de Movimento: Cenários Básicos das Vivências Corporais	160
4. Grupo de Movimento: Amostra de alguns depoimentos	165
5. Grupo de Movimento: Resumos de apresentações em congressos	168
6. Outros resumos de trabalhos apresentados em congressos	173

HOMENAGEM AO DIÁLOGO



Figura 1: Escultura que se encontra no Campus da UFSC
Foto: Samuel Macêdo Guimarães

UM ABRAZO ANDINOAMERICANO AS PESSOAS UNEM

Escultura coletiva creada por estudantes de arte
de La Universidad de Concepción, Chile.

Cordenación: Lautaro Labbé
Florianópolis, Julio de 1994

... um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência. (Fiori, *in* Freire, 1999: 09)

Mas, para isto, para assumir responsavelmente sua missão de homem, há de aprender a dizer sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o. (Freire, 1999: 13).

CAPÍTULO I

ANUNCIANDO O CAMINHO

Introdução

Em muitos fóruns de instância universal, nota-se contemporaneamente a preocupação constante com a Educação. Estamos num espaço social que se configura como uma passagem de um mundo para o outro. De um mundo que não conseguimos construir, para outro que não sabemos qual seja. Nessa transição, conforme Negri (2001), muda significativamente a noção de sujeito. Um sujeito cuja noção "*é uma noção extremamente controvertida*" Morin (1996: 45).

Diante das evidências deste quadro contemporâneo em que é situado o sujeito, ponto fulcral de todas as transformações de visões de mundo, é de interesse da pedagogia explorar os Espaços de Probabilidades e Possibilidades (EPP)¹. Detectar onde existem campos de oportunidade para uma intervenção pedagógica, e que esta possa voltar-se para uma reflexão mais radical. Uma reflexão que possa pensar criticamente, a forma como o Ser Humano se constitui.

Elegemos então, neste estudo, como campo de oportunidades, para temática transformadora, as Vivências Corporais como EPP de constituírem um

¹ Espaço no qual a consciência do observador escolhe as probabilidades e possibilidades do real observado e por livre escolha as converte em eventos, ações ou objetos. O pressuposto é o de que não há fenômeno no mundo, a menos que ele seja observado. Com este sentido, busca demonstrar a necessidade das intervenções pedagógicas na condição de atos conscientemente observados. Neste estudo, vislumbra que as intencionalidades pedagógicas são tomadas à consciência, a partir do conhecimento das realidades do mundo, como um EPP.

ou outro "que-fazer"². Por isso, antevemos a Educação Física como campo propício de tais vivências que pode propiciar, conforme Nóbrega (1999), novos olhares sobre os corpos existencializados. Consideramos que é nesse "corpo existencializado"³ que se constitui, por si mesmo, o sujeito, na relação em direção ao Mundo, com o Mundo que convive enquanto ser-no-mundo.

Estudamos e pensamos uma episteme apoiada em Tesla (1992), que sugere a transformação de sujeitos epistemológicos em sujeitos amorosos epistêmicos. Uma forma de episteme que não se excede nos referentes empíricos: mais que um trabalho teórico, é um estudo que se anuncia para uma ação dialógica. Uma tentativa de começar a abandonar a idéia de que o excesso de metodização resolva realmente algum problema. Trata-se de uma reflexão com origem na prática e sobre a prática, parte da qual se relata na autocrítica, mas que também alcança suporte nas teorias.

A respeito das reflexões anteriores, pensamos que a Vivência Corporal pode ser tratada como componente fundamental do Mundo dos Movimentos Humanos na Educação Física. Um EPP que pode contribuir para uma prática corporal e filosófica para admirar-se com o ser-no-mundo e assim promover autoconhecimento nutrido das relações entre autonomia (Freire, 1999 e Soares & Pereira, 1998 e Soares, 1998, 1993) e emancipação (Adorno, 1995). Poder abrir configurações, tantas quantas sejam necessárias, considerando os diferentes estágios ou níveis de consciência. E, refletindo neles, conhecer a realidade em

² Capela (2000: 138) cita que esse termo é utilizado por Paulo Freire para dizer da superação entre teoria e prática nas ações humanas. É com essa intenção que aqui é apresentado, e também como um "que-fazer" na condição de ampliar os EPP e oferecer suporte a um trabalho de Vivências Corporais na Educação Física.

³ Uma compreensão de Ser Humano em sua condição existencial básica no seu dia-a-dia enquanto ser-no-mundo. Aberta a novos modos de auto-organização, conhecimento e convivência ética e social. Para Merleau-Ponty, (1948: 143) "a existência é o movimento pelo qual o homem está no mundo, comprometendo-se numa situação física e social que se torna sua visão de mundo."

que se situa, se relaciona e por isso vive e atua. Compreender os níveis de Consciência Mágica e Consciência Crítica (Oliveira, 1996), da sombra e do transpessoal (Wilber, 1996).

É nesse contexto que se faz necessária a introdução de um pensar as Vivências Corporais, sob a perspectiva de uma filosofia do diálogo, de uma educação libertadora que possibilite reconhecer aspectos de sombra e consciência mágica, e, através dos EPP das Vivências Corporais, constituir experiências transpessoais e críticas.

Discutimos as Vivências Corporais iluminadas pelo que foi tecido por Merleau-Ponty e seus predecessores (Husserl, 2000; Heidegger, 2000, 1991a, 1991b), com apoio de alguns trabalhos sobre esta forma de "ver" o mundo (Müller, 2001; Alliez, 1996; Babo, 2001; Dartigues, 1992; Éden, 2001; Freitas, 1999; Furlan, 1999, 2000, 2001; Galise Filho, 2001; Gomes, 1977; Greuel, 1996; Moreira, 1997; Carmo, 2000; Rezende, 1990; Martins & Dichtchekenian, 1994; Coelho Jr. & Carmo, 1991; Lyotard, 1967).

Outros autores foram localizados para oferecer um debate pedagógico, dentre os quais destacamos Freire (2000, 1999, 1996, 1980, 1979); Oliveira (1996); Assman & Sung (2001); Assman (1994) e Gadotti (1992), entre outros. Nesse sentido, o pensamento foi o de defender que estudos teóricos na Educação Física, dessa natureza em particular, são relevantes, visto que podem, por hipótese, construir perspectivas de fomentar maior reflexão crítica. E também compor os espaços vazios do conhecimento (Kunz, 1991) por trabalhos com esse Estilo de Pensamento.

Outro aspecto importante é o fato de que convivemos com um Mundo no qual a maior parte das tentativas de explicá-lo é através dos pressupostos das

ciências naturais, e por isso tendemos a ter uma visão unilateral desse Mundo. Nele, o Movimento Humano tende a ser observado de forma direta, quantificada e com o desígnio de ser observado da mesma forma por outros observadores, privilegiando a observação do comportamento. Neste estudo focalizamos um aspecto que também é construtor de conhecimentos: a descrição do Movimento Humano sob o ponto de vista da experiência.

Dessa forma, por intermédio de uma bibliografia por vezes limitada para fornecer informações mais pertinentes, apesar de sua amplitude, procuramos descrever tessituras que dão suporte a um pensar diferente do pensar que pensa o corpo de um ponto de vista do comportamento. Inclinar-nos a pensar um corpo que se espelha nas suas experiências, que ao nosso ver, valendo-se das Vivências Corporais, constitui-se como o EPP do se-movimentar num contexto de corpo relacional (Kunz, 2000a, 2000b, 1998, 1991; Trebels, 1993).

A meta foi trazer as discussões para o campo da Educação Física, sem contudo impermeabilizá-lo, buscando mantê-lo aberto às reflexões críticas vindouras, como um campo de debate permeável. Neste, as entradas e saídas se constituem apenas em fluxos processadores para novas pertinências pedagógicas, e, no que se refere ao corpo, pelo menos nessa dimensão de vida, como EPP para constituição das experiências (Márquez, 1985; Merleau-Ponty, 1999a, 1973).

Na construção do conhecimento, quando se busca preencher lacunas, convive-se com o paradoxo de, tendo em vista complementar os espaços vazios, detectarmos outras dimensões que não eram visíveis. Dessa forma, apesar de ser uma tentativa de ocupar espaços vazios, no que diz respeito à discussão dos EPP

das Vivências Corporais na Educação Física, num trabalho "teórico", percebemos claramente o aparecimento de outras lacunas.

Os movimentos espontâneos experimentados nas Vivências Corporais são, hipoteticamente, espaços onde se produzem possibilidades de construção do Movimento Humano Sensível; quando tais espaços são trabalhados nos seus sentidos e significados, proporcionam autoconhecimento. De outra forma serão apenas gestos "espalhados" no tempo e no espaço, lacunas não percebidas e por isso desconhecidas.

Por essa razão, o conhecer deste trabalho é a metáfora⁴ dos movimentos espontâneos trabalhados em seus sentidos e significados, porque preencher lacunas de conhecimento é também EPP de gerar conhecimento de lacunas antes desconhecidas. No contexto deste trabalho, em um determinado aspecto do conhecimento, se assim fosse tão material, preencheu-se alguma lacuna; mas, em outros, o invisível continua desafiando-nos a ser constituído na nossa consciência.

A importância do que se realizou é a demonstração de um exercício de alteridade, de um olhar para os EPP, que podem ser úteis para sugerir que o campo das Vivências Corporais possa ser olhado com mais atenção no que diz respeito às estratégias pedagógicas de formação humana, notadamente pelas infinitas rotas possíveis de serem seguidas. Isto porque uma experiência vivida pode ser traduzida em forma de conhecimento concreto, tendo em vista ser

⁴ Neste texto o termo metáfora será sempre concebido como um EPP de um micromundo para compreender um elemento da nossa experiência em relação a outro micromundo na forma como é percebido por Sinzato (1998: 49), ou seja, um espaço de vivência virtual, como reflexo do mundo real, "trazendo a nossa atenção analogias e similaridades, fornecendo um tipo de lente por meio da qual observamos fenômenos relevantes".

necessário olhar para experiência e poder ser apresentada como um recorte para conhecer-se no Cuidado de Si⁵ (Foucault, 1999; Birman, 2000; Ortega, 1999).

Sua relevância epistemológica é a de demonstrar que a amplitude de uma teoria do conhecimento é mais vasta do que a própria epistemologia, pois ela, concordando com Greuel (1996), é o foro de discussão de todos os fenômenos relacionados com a cosmovisão da convicção humana.

Assim, a tarefa realizada foi a de reconhecer limites e limitações, na construção de cenários teórico-interpretativos que fundamentem a resposta para a pergunta: "O que é Vivência Corporal?". E, na tentativa de respondê-la, considerar também as incertezas das reflexões que são apresentadas como possíveis respostas, porque são apenas fundamentos para um pensar diferente, à luz de um Estilo de Pensamento Fenomenológico⁶.

O que se espera é que a Prática Pedagógica na Educação Física seja iluminada naquilo que for possível de ser iluminado, através de reflexões com

⁵ Conhecer-se no Cuidado de si é um aspecto importante para o ser-no-mundo. O cuidado de si precisa do outro, precisa de dialogicidade de trocas. Assim, a necessidade de compreender o sujeito não deve estar baseada numa teoria do objeto como único critério de verdade. É preciso consciência histórica da situação experimentada na vida em si mesma, formulada por um pensamento crítico e autocrítico. Um exercício para ajudar a reconhecer que estrutura de sujeito incorpora e constitui nossa consciência para um determinado momento: se um sujeito submetido pelo controle ou se conectado a sua própria identidade pela consciência e cuidado de si. Neste estudo buscamos uma reflexão filosófica nos moldes da pergunta: *Como nos sentimos como intelectuais neste momento?* Tal reflexão é apoiada nos conceitos de intelectual orgânico (Gramsci), da genealogia do sujeito (Foucault), e de autonomia (Paulo Freire). Uma busca de autocompreensão tendo como meta o bem-viver. Ao recusar o que somos a partir daquilo que é dado, torna-se possível pelo autoconhecimento, nos libertarmos dos tipos de ações recorrentes oriundas do mundo externo de referencial reificador. Ocupar-se de si é tarefa do intelectual. Cuidar de si é tarefa para a vida inteira e implica aprender a reconhecer os obstáculos que desvinculam o ser humano de suas próprias subjetividades. Neste sentido valoriza a intersubjetividade de forma plural, considerando a presença do outro como necessária para construir relações valendo-se das próprias experiências de cuidado de si. Sugere que a Educação Física é campo privilegiado de vivências, onde o outro está sempre presente na origem da constituição da estética da existência de si, na figura do mestre, guia, professor, diretor de consciência, amigo, colega de turma. (Guimarães, 2001c).

⁶ Coelho Júnior & Carmo (1991) assim se expressam sobre um Estilo de Pensamento Fenomenológico: "O que o pintor põe num quadro não é uma objetividade... é o seu estilo que ele põe na tela e o estilo do artista é como seu próprio corpo, não é um instrumento ou um simples veículo, mas sua maneira de habitar e de assumir o mundo, sua maneira de **(se)** apresentar aos outros, sua existência". **Grifo nosso.**

este tema. E, ainda mais, pela permeabilidade do enfoque teórico escolhido, esperar em conformidade com o tempo e o contexto, por outros aparecimentos ou desaparecimentos que deste texto possam receber contribuições.

O "Aparecimento" da Problemática

As questões do conhecimento mais humanistas contribuem para a busca de fundamentos para o trabalho na Educação Física. Opõem-se a um ponto de vista formativo apoiado em uma razão unicamente instrumental e técnica; razão esta que exclui o diálogo, desconecta a vida do mundo vivido, que para Freitag (1993: 61) é uma "*perspectiva subjetiva dos atores, inseridos em situações concretas de vida*".

Kunz (1991), apresentando um conceito de mundo vivido de Maraun (1991), esclarece que condições objetivas, num contexto social, tornam-se subjetivamente significativas e que experiências de vida pelo movimento espontâneo são essenciais no contexto da história de vida, para o se-movimentar.

O mundo vivido é a instância em que o sentido material se faz presente na história individual que envolve de uma ou de outra forma todas as suas ações – independente se isto acontece de forma consciente ou inconsciente. (Maraun citado por Kunz, 1991:86).

A idéia de que vida e história são representações de um mesmo processo mais profundo, que se manifestam ao longo das experiências de mundo vivido, expressa de uma certa forma a qualidade das experiências que acumulamos no jeito singular de como conhecemos o mundo, na forma de ser-no-mundo com base em nossas próprias relações com o mundo: por intermédio das múltiplas experiências diretas que vão sendo realizadas durante a vida.

É necessário, portanto, questionar um processo de formação sedimentado exclusivamente para refletir a influência de uma "ciência" de manuais, de como

fazer isso ou aquilo, de maneira marcadamente reprodutiva. Assim se constrói a possibilidade de buscar "outros mundos", outras Gestalt⁷, que cada vez mais possam aproximar-se de quaisquer conhecimentos sem preconceitos. Espera-se que possamos questionar quaisquer forças, que produzem um Estilo de Pensamento⁸ (Fleck, 1986) que impõe reproduzir um jeito de fazer "o certo" num "mundo errado". Que possibilite resistir a uma razão autoritária e que é contrária a toda possibilidade de amplitude da dimensão humana, porque confunde suave coerção com imposição.

⁷ Forma, configuração total. Escola de pensamento fundada por Fritz Perls que tem como pressuposto o organismo como totalidade. Apóia-se no estudo dos fenômenos da percepção para o enfoque do aqui agora. Abordagem existencial e fenomenológica, inspirada nos novos paradigmas da física moderna. Enfatiza o processo, e não a busca de essências. Possui ponto de vista de que o Ser Humano é parte integrante e inseparável do mundo. "Enfatiza a importância da *awareness* (ou consciência organísmica, isto é, uma consciência que não se limita ao âmbito racional, mas inclui a dimensão corporal e sensória), a importância da experiência vivida e a ênfase no diálogo. [...] Apoiada na perspectiva existencial, essa corrente defende que o Ser Humano pode ser agente transformador de sua própria vida e do meio em que vive, sendo a criatividade o processo vital. [...] É uma abordagem que se caracteriza por respeitar e apreciar as diferenças, cultivando o contato genuíno e humano entre pessoas". (Lillienthal, Fernandes & Myrian, 2001: 5-7).

⁸ Fleck desenvolve o seu pensamento a respeito das práticas profissionais para construir e validar fatos científicos, apoiando-se no que ele denomina *Estilos de Pensamento*. Vai desvelando que o ser humano "enxerga" o objeto enquanto fenômeno, tendo como suporte sua relação de forma e visão de mundo apoiada em um sistema de crenças. A esse sistema de crenças denomina "harmonia das ilusões" que produzem um determinado *Estilo de Pensamento* que é sempre reforçado por um *Coletivo de Pensamento*. Reflete que a gênese de um conhecimento científico é feita com os erros e os acertos obtidos ao longo dos estudos em busca de uma verdade qualquer num determinado campo. Mais do que buscar um conhecimento, implica estabelecer relações com o ambiente que produz as possibilidades das observações. Implica também ter hipóteses nascidas do que se espera, de um dado comportamento da natureza. Para Fleck não existe nenhum erro absoluto, nem nenhum acerto absoluto quando o motivo é buscar o conhecimento. No tempo histórico, marcado pelas influências dos *Estilos de Pensamentos*, da comunidade que estuda determinados fenômenos, muitas variáveis estão implicadas, para resolver os problemas que vão surgindo no campo. Tais problemas, de acordo com a tornada de decisão do pesquisador, sofrem as conclusões do contexto em que estão sendo vistas, isto é, da vivência associada ao tempo histórico. Entretanto a associação a um *Estilo de Pensamento* é a possibilidade de enclausurar "verdades", que podem tornar-se complicações em outros estilos. Entre alguns problemas, que podemos apontar como mecanismos que impedem uma mudança de Estilo de Pensamento, é o critério de verdade no interior do *Estilo de Pensamento* do pesquisador. Este provavelmente poderá determinar a direção do encaminhamento dos resultados de pesquisas e das decisões que serão tomadas a partir das conclusões apresentadas pelas descobertas, que são pressupostos do *como* e do *porquê* um pesquisador estabelece relação com seu objeto de pesquisa. São estes critérios de verdade, no interior do *Estilo de Pensamento* onde cada grupo toma determinados rumos passíveis de serem conduzidos, como propostas diferenciadas de construção do conhecimento. (Guimarães, 2001d)

A suave coerção (Fleck, 1986) é a introdução de alguém num determinado conhecimento. Tem como pressuposto o aprendizado de um ver formativo, aprendizado este que progressivamente vai sendo facilitado pelo convívio com os pontos de vista desse conhecimento, mas que não fecha a possibilidade de conhecer outros mundos.

A suave coerção conduz a "ver" um dado conhecimento com um determinado Estilo de Pensamento. Ainda que seja um mundo dado, possibilita mudança de ponto de vista. A imposição, por sua vez, introduz no ato formativo a impossibilidade do diálogo, a ausência de trocas, uma relação na qual o superior 'ensina' o inferior. A este respeito, cabe aqui lembrar o processo da relação opressor-oprimido discutida em Freire (1999).

Na relação autoritária, a impermanência do saber adquirido, como produto das relações de descoberta, proporcionado pelo EPP de desvelar conhecimento na relação do sujeito-de-ação-no-mundo, torna-se empobrecida pelo sentido causal, objetivista e determinista. Favorece o aparecimento de uma visão linear, estreita, produzindo um olhar único para o mundo, que não possibilita uma multiplicidade de percepções que podem ser produzidas valendo-se de um olhar de diversidade⁹ que se baseia no diálogo.

Sendo assim, empobrecem as possibilidades de leitura de mundo, que ofereçam oportunidades de contactar tantos olhares quanto seja possível, na direção do objeto de conhecimento. Ou seja, um olhar mediado pelo processo do "isso-é-isso", enrijece o saber, condicionando o conhecer a um espaço mecanizado. Esta forma desconhece a alteridade como componente fundamental e proporcionador de intersubjetividades.

⁹ Significa não apenas olhar para o mundo, mas ter uma leitura de mundo considerando o "Contexto de Totalidade".

Na perspectiva de mundo dado, fixo e concluído, proposto circular com idéias "colonizadas", denota uma forma condicionada de desenvolver – nessa perspectiva – uma aula de Educação Física na escola, por exemplo. Aula linear, com início, meio e fim, condicionada à metáfora da máquina (entrada, processamento e saída) na qual a possibilidade de transformação não é pensada.

Isto nos chama a refletir criticamente que tipo de conhecimento é proporcionado para Educação Física. A dar espaço à necessidade de superar atitudes que não possibilitem pensar, abstrair e desenvolver idéias próprias. José Ângelo Gaiarsa já antevia o contexto de uma formação técnica e instrumental¹⁰ quando assim se referiu à Educação Física:

Toda a nossa formação na chamada Educação Física – falo dos ocidentais todos – é digna de trogloditas. Melhor se a denominaria Educação para a Deformação Física. Nossas regras nessa área são apenas duas: repita até não agüentar mais, e faça sempre o impossível a fim de vencer – que é o essencial. Não importa como. (Gaiarsa, 1977:14).

Assim, é preciso pensar em um se-movimentar que não se preocupe apenas em tirar proveito do conhecimento fisiológico para "aumentar" a produtividade; uma nova ordem de escravidão (Negri, 2001); especializar o gesto, em padrões motores, exclusivamente associados a estereótipos. É necessário, portanto, questionar o Estilo de Pensamento em que os processos pedagógicos de aprendizagem na Educação Física são movimentos-fragmentos, selecionados mecanicamente para "ensinar" a um se-movimentar completamente destituído de EPP para construir conhecimento de si.

Esperamos que as conseqüências das aprendizagens não sejam apenas os gestos dos movimentos especializados apoiados em conhecimentos que se esquecem de dizer que o Ser Humano é um ser-no-mundo: verdadeiros

¹⁰ A esse respeito sugerimos ler Freitag (1993).

"aprisionamentos corporais"¹¹". Buscamos aproximações com saberes que possam emancipar os nossos alunos, e não enquadrá-los em gestos estereotipados para satisfazer as necessidades reificadoras, geradas com base em referenciais externos e alheios ao que se passa ao redor.

Destas compreensões do referencial de mundo vivido, procurando encontrar respostas para os problemas de aplicação das Vivências Corporais no respectivo Mundo dos Movimentos e da necessidade de mais conhecimento sobre o assunto, é que se fez presente esta busca.

Os estudos que têm como tema o corpo apresentam diversas dimensões e são complexos. Portanto, é importante circunscrever um entendimento de que é através do corpo, onde se estruturam as diversas dimensões de compreensão de realidade, que se formam através dos elos de consciência adquirida na construção do conhecimento.

No processo de busca por este conhecimento, conforme a visão que se estabelece como orientação, é possível construir um melhor conhecimento de si que possibilite a necessidade de sintetizar os referenciais teóricos, aliados à experimentação prática; é possível encontrar um contexto especial de busca, no qual as experiências em Vivências Corporais se constituam em autoconhecimento. Enfim, uma forma de Movimento Humano, que tenha como fundamento um corpo-no-mundo: um não-espaco-não-tempo das relações humanas que se estruturam, pela amplitude das possibilidades vivenciais como oportunidades de formação e capacitação humana; uma busca por uma prática profissional que possa associar os conhecimentos e saberes, com a finalidade de

¹¹ Forma de trabalhar única e exclusivamente valendo-se exclusivamente de gestos técnicos, tendo como fim um se-movimentar para atender metas não problematizadas, sem que atendam o interesse dos alunos, por exemplo. Neste contexto, a livre expressão, o contato consigo mesmo, o cuidado de Si, ficam comprometidos e os gestos são alienados de uma reflexão crítica.

encontrar uma síntese e constituir o processo do conhecer-se conhecendo; que possibilite, ainda, discussões e vivências para a autonomia, consciência crítica, habilidades semoventes¹² preenchidas de significados.

Para esta tarefa apareceram questões associadas ao processo de interpretação das reflexões nos processos do se-movimentar desenvolvidos com este enfoque. Que vivências podem ser associadas ao Movimento Humano num estilo de pensamento fenomenológico? O que considerar do mundo vivido, para estabelecer contextos pedagógicos no processo do conhecer-se e no diálogo entre teorias do movimento de forma que se desviem simplesmente da prescrição? Como estruturar discussões que possam refletir sobre a experiência do Movimento Humano, no respectivo Mundo dos Movimentos da Educação Física?

Sintetizar fundamentos em um estudo teórico que privilegia a hermenêutica do sujeito enquanto ser-de-ação-no-mundo foi a meta pretendida. O pensamento foi o de perspectivar, à luz da condição teórico-prática, um olhar para o corpo-sujeito. O eixo norteador da reflexão foi o Movimento Humano constituído no contexto do que denominaremos Vivências Corporais, um espaço essencial pensado como núcleo teórico-interpretativo no Mundo dos Movimentos da Educação Física.

A meta foi dissertar uma intenção das metáforas do corpo de um modo especial, associadas a uma experiência profissional de 25 anos em escola, dentro dos quais nos últimos 10 anos também em universidade. Também refletir as experiências das diversas práticas corporais desenvolvidas no trabalho de Grupos

¹² Do Ser que se movimenta por si mesmo.

de Movimentos¹³ e suas variantes, desde 1995, na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Dentro das possibilidades, qualificar o Movimento Humano de acordo com Kunz (1991), como uma das formas de entendimento e compreensão do Homem em relação ao seu contexto de relações – "seu mundo", e pensando também em que direção avançar na construção de um enfoque que considere a compreensão do Movimento Humano, como um "Contexto de Totalidade". Kunz (1991:163) contrapõe às análises ou pesquisas "disciplinares" do Movimento Humano com uma proposta de interpretação integral (interdisciplinar) só possível de constituir-se no âmbito de uma formação/construção que pretenda atingir o Contexto da Totalidade no qual "*o produto dessa análise ofereça mais do que a soma das partes 'disciplinares' das demais análises.*"

Assim, pensando com a ajuda desses pressupostos, tendo como contexto do problema a temática do corpo fenomenal e a concepção de corpo relacional, buscamos entendimento de tais questões valendo-nos do Estilo de Pensamento Fenomenológico de Merleau-Ponty, e ainda situarmos essa compreensão pelo que foi possível ser confrontado como processo de mediação das Vivências Corporais, como EPP do Mundo dos Movimentos da Educação Física.

Justificativa e Relevância da Questão Situada como Problemática

Na nossa forma de refletir a prática da Educação Física na Escola, acreditamos *ser* importante ao profissional de Educação Física dominar um

¹³ Sobre esta temática foram apresentados alguns trabalhos pelo autor em congressos. (Guimarães, 2000, 2001a, 2001b, e 2001e). Resumos no anexo 5.

conhecimento que possa compreender a realidade em que vai atuar e interpretar como uma sociedade funciona. Sugerimos que o aprofundamento possa ocorrer pelo aprendizado, reflexão e crítica das bases teóricas existentes e que, na relação entre estas e a compreensão da realidade, construam-se espaços nos quais o homem se torne humano sendo reconhecido como consciência e liberdade.

Para Kunz (1998), praticamente não existem estudos sobre o Movimento Humano com base em fundamentos filosóficos nem uma teoria que analise o Ser Humano que se movimenta. Indica então a necessidade de uma teoria que estude o Ser Humano que se movimenta e não os movimentos por este realizados, e que um estudo dessa dimensão teria de ocupar-se necessariamente com o campo filosófico.

Para as questões do ensino do Movimento Humano, especialmente no âmbito escolar, um estudo mais abrangente e aprofundado do mesmo - e, claramente, não isoladas das demais questões que o envolvem - entendendo como da mais alta relevância a atualidade. (Kunz, 1998: 5).

Em Gardner (1995) podemos encontrar argumentos que denotam uma grande preocupação pedagógica pelo alto grau de concentração nas capacidades cognitivas. Ou seja, esclarecer que, ao direcionarmos o foco exclusivamente para as capacidades lingüísticas e lógicas, podemos prejudicar os indivíduos com capacidades em outras inteligências.

Fica claro que a partir do exame dos papéis adultos, mesmo na sociedade ocidental dominada pela linguagem, que as capacidades espaciais, interpessoais ou corporal-cinestésicas geralmente desempenham papéis-chave. No entanto, as capacidades lingüísticas e lógicas constituem o núcleo da maioria dos testes diagnósticos de "inteligência" e são colocadas num pedestal pedagógico em nossas escolas. (Gardner, 1995: 33).

Cabe então pensar o Movimento Humano nas Vivências Corporais

como expressões da vida em sua humanidade sentida e expressiva, apontando para direções filosóficas. Pensadas dessa forma, ao nosso ver, podem proporcionar elementos para refletir a Educação Física na direção de um Projeto Humano adequado às condições desfavoráveis da Modernidade¹⁴.

O Movimento Humano como elemento da Educação, se não incluído entre as categorias necessárias para uma reflexão crítica, pode contribuir para uma limitação ao autoconhecimento. Sendo assim, tal procedimento dificultaria superar a condição de Ser Humano sujeitoado¹⁵, inviabilizando atingir a condição de sujeito¹⁶, capaz de conquistar espaço histórico próprio.

Neste contexto, é viável sugerir que se pode re-conhecer o corpo do Ser Humano como espaço vivenciador, o Ser-no-mundo constituindo-se "dono do seu território". E, pelo processo da participação das Vivências Corporais na Educação Física, ele pode reconhecer-se, na consciência de si, como construtor do seu processo de autoconhecimento. E mais: que se experimente como autônomo e possa seguir rumo à sua própria emancipação. Portanto, que descortine uma perspectiva de ser-no-mundo que vá além da condição de corpo substancial¹⁷.

Para Szekely (1997), a palavra usada pelos essênios para indicar o corpo físico, tanto em aramaico quanto em hebraico, significava função do corpo. Agir, mover-se. Mas o que é mover-se? Merleau Ponty, (1999b) diria que movimentos são apenas índices de refração do meio transparente que nos

¹⁴ Destaco a recente produção de Fensterseifer (2001) e Silva (1999, 2000, 2001a, 2001b) como significativa para pensar a Educação Física no contexto da visão crítica da Modernidade.

¹⁵ No sentido de Ser submetido, subordinado. Constrangido a um domínio moral; tornado obediente ou dependente.

¹⁶ No sentido de ser o indivíduo real, portador de determinações e capaz de propor objetivos e praticar ações.

¹⁷ Corpo mecânico, destituído de vida. O capítulo II, p. 72, destaca a diferença entre corpo substancial e corpo relacional.

separam das próprias coisas. Diferentes expressões de um intumescimento coerente, de uma alteração de tonalidade, através do qual se mostra e se oculta o Ser.

Isto nos revela um senso no qual se mover seria uma expressão daquilo que sou e também daquilo que não sou, ou talvez daquilo que me é consciência e daquilo que é além da minha consciência, mas que mesmo assim ainda sou eu. Ou, de outra forma, uma expressão de um *eu momentâneo*, que me localiza no tempo e no espaço tridimensional. Diz ainda Merleau Ponty (1999b: 212) que *"mobilidade é o meio de compensar a mobilidade das coisas, e, portanto de compreendê-la e sobrevoá-la. É por princípio que toda percepção é movimento."*

Entretanto Ser um corpo-no-mundo é apenas o começo do aprendizado sobre si mesmo, na medida em que, na concepção de Buzzi (2001:102), é no corpo – *"essa sensibilidade suspensa, essa vitalidade cindida que busca, esse ponto de coesão, esse lugar benéfico de mil encontros, esse lugar ameaçador de mil desencontros..."* – que existimos e que é por intermédio dele e nele que estabelecemos a nossa relação com o mundo inteligível e com o mundo sensível.

No mundo inteligível de Parmênides de Eléia (530 a 460 a.C.) só podemos pensar o Ser, não podemos dizê-lo, não podemos defini-lo; o que é conhecido por meio do pensamento puro é apenas a opinião dos homens. Brazil (1992) cita que Parmênides é o primeiro pensador que distingue os dois caminhos principais que a filosofia posterior veio a seguir: a percepção e o pensamento.

No mundo sensível de Heráclito de Éfeso (540 a 470 a.C.), a linguagem é sempre sensível e não expressa o real; em oposição ao sábio Parmênides, chamou atenção para a teoria da impermanência do Ser, introduziu o conceito do

de vir, do vir a ser, o princípio de que tudo está em movimento, que nada é estável, que o Ser é mudança.

Meu corpo é esse núcleo significativo que se comporta como uma função geral e que, todavia, existe... [...] Nele aprendemos a conhecer esse nó entre a essência e a existência que em geral reencontramos na percepção, e que precisaremos então descrever mais completamente. **(infinitamente...)**¹⁸ (Merleau-Ponty, 1999a: 204).

Neste sentido, nos aprofundamos na questão que nos orientou, levando em consideração que na tradição filosófica encontramos duas formas de considerar o corpo (Buzzi, 2001): uma que o distingue como uma máquina, tendo Descartes (1596-1650) como seu maior protagonista; e outra de considerar o corpo como *experiência*, *vivendo* situações bem definidas que nos obrigam a situar-nos, pois com ele não podemos fugir, colocando-nos cara a cara com o aqui-agora. Um corpo presente em que o "mesmo olhar comum" do mundo da cultura construída pressente e se transforma num "mesmo olhar de diferentes olhos" de um mundo mais real e menos ideológico.

Fingimos que estamos no real. E nisso o corpo padece horivelmente. Sente-se sufocado, porque lhe tiramos a corporeidade... O real nunca sufoca o corpo! Pode machucá-lo e até martirizá-lo. Mas nunca levá-lo à neurose nem ao suicídio. (Buzzi, 2001:105).

Estudamos também os contextos antropológicos das reflexões sobre o corpo de Almeida (1996). Estudamos as principais metáforas de corpo no trabalho de Kunz (1991), no que se refere ao Movimento Humano focalizando o corpo relacional, atentando para a possibilidade de margear a significância da concepção de Corpo-sujeito de Merleau-Ponty.

As concepções da "Imagem de Corpo-relacional" caracterizam-se, acima de tudo, pela interpretação que fornece à concepção de "Corpo-Humano", uma "compreensão-de-Mundo-pela-ação", onde uma rede complexa (*Netzwerk*) de relações implícitas se manifesta como relações

¹⁸ Grifo nosso

significativas, confirmando o vínculo inseparável entre Homem e Mundo. (Kunz, 1991: 172).

As expressões visíveis do que somos se dão na dimensão corporal, que abrange, além da saúde física, tudo que está relacionado às sensações, habilidades e ações. Assim, é preciso ser capaz de viver em interação com o outro, viver uma concepção de corpo relacional na qual cada um possa desenvolver, conforme Cardoso, (1995) sua própria capacidade de transformação pessoal, aspecto fundamental para a transformação social.

Para Craxi (1995: 200), *"um Ser Humano é a ponte que serve de ligação entre o visível e o invisível, e é muito mais precioso do que podemos calcular, porque é nele que habita o princípio de todas as coisas"*. Sendo assim, o cuidado com este Ser Humano pressupõe também uma canalização para o viver em grupo. Numa sociedade baseada em valores humanos¹⁹, produz-se um Ser Humano que compreende os mecanismos culturais repressivos da emoção e do prazer, entre outras coisas.

Em nossa experiência com Grupos de Movimento na Educação Física curricular na UESC desde 1995 (Anexo 1), criado como alternativa de Movimento Humano Sensível, temos observado que, devido à nossa cultura negadora do corpo, valorizando apenas os aspectos cognitivos, é muito comum nos depararmos com grupos praticamente desconhedores de um se-movimentar sensível-intuitivo.

Esta forma cultural negadora do processo sensível-intuitivo favorece uma reflexão de que o Movimento Humano *"sucumbiu ao poderoso tabu que pesa sobre o corpo humano, sobre a carne... Se o corpo não é bom o movimento não pode ser bom"* (Gaiarsa, 1977: 09), valorizando sempre a linguagem verbal e o

¹⁹ (Craxi, 1995; Martinelli, 1999; Puebla, 1997).

cognitivo.

Quando falamos em corpo não devemos pensar no sentido usual da palavra, que contrapõe corpo e alma, matéria e espírito. Corpo seria uma parte do Ser Humano e não sua totalidade. Nas ciências contemporâneas prefere-se falar de corporeidade para expressar o Ser Humano como um todo vivo e orgânico. Fala-se de homem-corpo, homem-alma para designar dimensões totais do humano. (Leonardo Boff, 1999:142).

O que se buscou neste estudo foi desenvolver uma compreensão do Movimento Humano na Educação Física, como fundamento para o autoconhecimento, capaz de proporcionar alegria, prazer e saber. Saber gerado da experiência, na qual seres humanos possam produzir conhecimento sem apresentar os desequilíbrios de uma Educação essencialmente intelectualista, valendo-se unicamente de experiências livrescas²⁰. Saber que não produza apenas erudição em pessoas totalmente desamparadas para enfrentar as situações da vida.

Procuramos conduzir tais reflexões para construções de ações que busquem a superação do limite entre o saber e o fazer, o sentir e o agir. Que possam revelar a consciência dos fatores em cada história pessoal e comunitária, que possam evitar a barbárie. Que façam da Educação Física um trabalho com princípios educativos que facilite aos alunos desvendarem os caminhos da sua existência nos EPP vivenciais do Mundo dos Movimentos Humanos. Finalmente, compreendendo um eixo central que contemplou profundamente a possibilidade de um currículo intencionalmente aberto para a produção do conhecimento e para uma formação continuada; contextualizada historicamente, com tendências e transformações significativas da sociedade livre pensante, na qual o corpo

²⁰ Adquirida por meio de livros, sem experiência própria. Segundo Forghieri (1984:13) não ser apenas um aprendiz de textos, "*aprender também a conviver melhor consigo mesmo e com seus semelhantes; aprender a descobrir nos textos que lê a mensagem vivencial que freqüentemente se encontra encoberta.*"

singular se aventure para uma essência amorosa e uma existência fraterna, construindo os nós de uma comum unidade.

O elemento singular, do qual partimos para conquistar a *existência comunitária*, é o *corpo*. Atuando sobre ele fazemos aparecer "o maior", a *forma de vida superior* que chamamos "comunidade". O Corpo deseja a existência comunitária. Mais que o Sol, que pressuroso todas as manhãs sobe as montanhas da terra para confraternizar com os que habitam suas cavernas, o corpo aspira além de si, luta para conviver com todos seus habitantes. (Buzzi, 2001: 108).

Andrade (1997) sugere que Habermas analisa a comunicação buscando promover normas para a relação de não-dominação sobre os outros. Uma noção mais ampla de razão, e que a meta última de sua proposta é unir teoria e prática. Fazer uma filosofia que integre os aspectos normativos de reflexão filosófica com as realizações explicativas das Ciências Sociais, considerando que a validade das normas sociais seria fundamentada na intersubjetividade da compreensão mútua de intenções.

Não resta a menor dúvida de que o espaço subjetivo das comunicações, ainda que Habermas não o focalize assim, é o próprio corpo do indivíduo-pessoa; corpo este que, buscando o entendimento do significado em lugar da casualidade e em função das condições de comunicação e de intersubjetividade, exprime-se enquanto Movimento Humano.

Se o Movimento Humano é o elemento fundamental para o trabalho do profissional de Educação Física e se esse Movimento expressa um corpo-no-mundo, podemos pensar esse Ser conforme Cardoso (1994:177): um eu individual (indivíduo) e um eu coletivo (pessoa).

Pensando desta maneira, como forma de construção, o Movimento Humano é fundamental para valorizar no contexto das práticas pedagógicas a noção de "pessoa" e para "*...resgatar a subjetividade através da adoção de outros*

valores como o artístico, e o incentivo ao estilo motor dos seus praticantes estará estimulando e motivando as pessoas...". Ao nosso ver, essa "adoção de outros valores" só será importante se em tais valores estiverem incluídos os Valores Humanos (Craxi, 1995) que acreditamos serem complementares a qualquer projeto de Educação Humana.

Vivemos numa era tecnológica na qual as trocas e a velocidade das comunicações mostram o intercâmbio, a ligação de uns com os outros e assim o Ser Humano adquire a riqueza moral da humanidade inteira, que é representada pelos Valores Humanos, pois são eles os denominadores comuns de todas as tradições religiosas, culturais, éticas, filosóficas e jurídicas do mundo todo. (Craxi, 1995: 09).

Daólio (1998) aponta a fenomenologia como a tendência mais recente que passou a influenciar a Educação Física brasileira, utilizando em particular a contribuição de Merleau-Ponty; essa tendência propõe um certo olhar para a Educação Física e para o corpo buscando compreender seu significado. Um olhar que, conforme Oliveira (1996), procura analisar e interpretar o fenômeno de uma forma preferencialmente aberta, não se aprisionando a objetividades. Não estabelece nenhuma separação entre consciência e mundo, entre objeto e sujeito: consciência e mundo, pesquisador e objeto pesquisado são inseparáveis, pois dependem um do outro.

Neste sentido, sinalizamos uma possibilidade de que é possível conhecer o mundo tomando-se por base contextos menores do Movimento Humano. Para refletir sobre essas possibilidades, foi escolhido o contexto das Vivências Corporais como um EPP no Mundo dos Movimentos Humanos Sensíveis inclusos na Educação Física. Contexto este, transformado em espaço no qual seria possível apreender o mundo num processo em que as Vivências

Corporais possam ser pensadas valendo-se de uma perspectiva holográfica²¹. Ou seja: pela compreensão e reflexão crítica do vivenciado, pelo desvelar da experiência, estabelecer uma relação de conhecimento com o todo. Isto poderia ser possível por intermédio da interpretação dos significados individuais que por sua vez possuem um inegável componente subjetivo que por hipótese, desencadeia autoconhecimento.

Trata-se de importante componente de pesquisa para preencher lacunas no que se refere a discussões teóricas que proporcionam reflexões crítico-dialógicas sobre a vida e aos significados que as pessoas atribuem ao mundo. Silva (1996) refletindo sobre o processo histórico, sugeriu a hermenêutica como uma possibilidade de trazer mais luz a esse tipo de conhecimento.

Uma das questões cruciais que vem sendo anunciada há pelo menos três décadas e que têm colocado esta área de conhecimento em efervescência no Brasil desde a década de 80 é a da identidade da Educação Física. [§] Há uma grande quantidade de discursos a respeito do significado da área acadêmica (por exemplo: estudo do Movimento Humano, ciência da motricidade humana, ciência do ser-que-se-move), como também a respeito da profissão ou da sua caracterização enquanto componente curricular (por exemplo: educação do movimento, educação através do/pelo movimento, educação a partir do movimento, educação do físico). [§] Na busca de se conseguir mais luz sobre este questionamento, vejo que os instrumentos e as modalidades de pesquisa qualitativa demonstram boas perspectivas de sucesso. Através de análises históricas, hermenêuticas, através da pesquisa do que

²¹ Um entendimento de que a parte contém o EPP do reconhecimento do todo. "O paradigma holográfico pode ser capaz de oferecer uma linguagem de disciplinas cruzadas para discutir sobre os domínios da experiência humana que tem sido tradicionalmente ignorado... [...] Além disso, se o universo funciona com base em tipos holográficos de princípios, onde o todo está contido em cada parte, faz sentido que diferentes conjuntos de dados venham a revelar tipos similares de padrões, e que tanto a física quanto a neurofisiologia modernas tenham uma familiar qualidade *déjà vu*, que faz eco à antiga sabedoria das tradições místicas e às modernas descobertas da fenomenologia. Entretanto, uma forma conceitual jamais poderá substituir o conhecimento direto e a realização vivencial". (Welwood, 1991: 129). "Uma misteriosa propriedade, tanto do holograma como do cérebro, consiste na distribuição das informações por todo o sistema, com cada fragmento codificado para produzir as informações do todo". (Wilber, 1991: 13). "Sincronicidade e coincidência significativa fazem sentido num universo significativo, holográfico. [...] No domínio holográfico, cada organismo representa, de certo modo, o universo, e cada porção do universo representa de certo modo os organismos que ela contém". (Pribram, 1991: 15 e 37). "A plena inclusão do intelecto, dos sentidos, da intuição e da experiência acumulada em toda uma vida". (Dychtwald, 1991: 105).

especialistas, profissionais e populações em geral pensam e conhecem sobre a corporalidade e o movimento, é possível conseguir uma melhor compreensão sobre estes fenômenos. (Silva, 1996: 96).

Ainda que a temática do corpo tenha sido discutida na Educação Física por alguns autores como Santin (1987, 1990), Moreira (1995), Kunz (1998), Nóbrega (1999) entre outros, buscamos neste trabalho retomar a questão por considerá-la um espaço de discussão contemporaneamente relevante. A natureza de trabalhos dessa vertente os torna sempre abertos a novas incursões, podendo contribuir para o exercício do diálogo científico associado à temática do Movimento Humano, inserido no respectivo Mundo dos Movimentos da Educação Física.

Dentro desta temática, procuramos refletir criticamente sobre o que é navegar no devir, considerando a ontológica vocação humana de ser-mais, tendo as Vivências Corporais como possibilidade de compreender as conseqüências da visão dualista de corpo e alma. Consideramos também a importância da intersubjetividade e o critério do corpo-sujeito (Merleau-Ponty), na dimensão corporal deslocada para o plano primeiro, ou seja, encontrar, no que foi possível aproximar, vivência e experiência corporal.

Na medida do possível, orientamos-nos pela seguinte questão: **Considerando o Movimento Humano do corpo relacional como conceito vivencial, seria possível construir cenários teórico-interpretativos que fundamentem as Vivências Corporais como Espaço de Possibilidades e Probabilidades do se-movimentar na Educação Física?**

Outros contextos apareceram como situações tangenciais à questão da pesquisa, como por exemplo: Sentimentos e suas relações com o se-movimentar, metáforas de Corpo e de Mundo que aparecem nos estudos do Movimento

Humano, e a relação do Movimento Humano com a Educação. E, finalmente, considerando a problemática sugerida na pergunta central deste estudo, o foco foi dirigido na busca de contribuir com cenários, metáforas e interpretações que ajudem a refletir criticamente uma concepção de corpo menos fragmentada, mais humana e menos técnica.

Pensando no(s) Objetivo(s)

Ao refletir sobre os objetivos pensou-se metaforicamente na possibilidade de constituir, pelo processo da busca em conhecer, um objetivo que pudesse ter vida, de ser por isso mesmo fonte inesgotável. Que em cada cenário teórico-interpretativo, nas reflexões do momento, possibilitassem o desvelar de novas respostas, mesmo no entendimento de que são verdades sempre inacabadas. Assim escolhemos:

1. estudar a concepção de corpo fenomenal e de vivência em Merleau-Ponty, de um ponto de vista da experiência corporal;
2. aprofundar, dentro do possível, aspectos relevantes para uma ação pedagógica progressivamente re-inovada utilizando-se do Movimento Humano Sensível, procurando compreender as Vivências Corporais como EPP do Mundo dos Movimentos da Educação Física.

Às vezes no processo das reflexões, desejamos trabalhar com um objetivo "vivo", dinâmico, mutante, que na sua própria formulação mostrou e escondeu nuances insondáveis. Um objetivo que deixava espaço para o incógnito e também para o aparecido re-aparecer. Para aquilo que não pôde ser mencionado, pela impossibilidade das articulações da fala expressa, por conter limitações, sejam elas físicas, emocionais, psíquicas, bibliográficas e outras. Um

objetivo que às vezes "escapava das mãos", mas que, também re-velando uma outra face, pesava como chumbo, quando nele se projetavam as tantas intencionalidades que em certos momentos nos desviavam dele. A necessidade de tornar visíveis palavras que refletissem o vivenciado e não palavras sem sentido, que fossem apenas refletidas de escombros descontextualizados.

Isso ocorria ora pela perda gradativa da *função fraterna* (Kehl, 2000), na qual se buscou pautar, ora pelo medo do *exílio* (Negri, 2001) constituído no esquecimento da condição de ser-no-mundo, ou ainda pelo visível que também é invisível e nos coloca o paradoxo humano de ser-no-mundo, um *sujeito encarnado* (Najmanovich, 2001).

Estimulava-me a possibilidade de ressaltar a experiência vivida, nos achados bibliográficos "assaltados", por novas reflexões que pudessem ser "re-vividas" como o próprio objetivo, uma vez que volta e meia se transfigurava em estase²², em função da luta estafante da busca. Noutras transcendia em êxtase, pela emoção da descoberta; inquietava-me a possibilidade de poder perguntar-me algumas vezes: mas que ciência é essa que me assusta?, pois nela não encontrava fundação para dar sentido ao ato da emoção nos aparecimentos que se mostravam, para depois serem descritos na forma como foram interpretados pela minha consciência, e depois, voltavam a esconder-se.

Não foi conseguido mostrar o deleite da descoberta, a angústia da dúvida, a dor da tradução, o perigo das interpretações, as incertezas vividas no escuro do desconhecido que se fazia luz ao seu próprio controle. Da solidão acadêmica que às vezes estrangulava o pulsar, na ausência de mais

²² Estagnação no organismo, entorpecimento, paralisia. Diz-se de um organismo com perda de vitalidade.

dialogicidade, e que, perigosamente, muitas vezes colocou este objetivo diante da possibilidade de seu inacabamento literal.

Tecendo uma Forma Metodológica

No processo de descrição dos "achados" dessa dissertação, queremos estabelecer, como forma de reflexão autocrítica, a condição de que a realidade humana é sempre mais rica do que a explicação e a descrição que dela se pode fazer. Nesse sentido, adotamos a postura de buscar uma relação de intensidade²³ com os textos, focalizando o mais nitidamente possível, a aproximação reflexiva mediante uma "interpretação ostensiva", para além dos dados empíricos, sem o esforço da objetivação.

Penetrar nas entrelinhas dos espaços, em que foi possível navegar no devir intencional, para desvelar outros significados, tomando por base a experiência de vida no contexto acadêmico, sob as luzes da bibliografia consultada, foi uma tarefa prazerosa apesar de árdua, solitária, e muitas vezes delicada. Delicada por ser preenchida de sentimentos que colocavam em xeque situações que envolviam as surpresas, o inesperado e as mudanças de rumo.

Este trabalho é exposto sem qualquer ambição de ser o supra-sumo das possibilidades discursivas da questão que orientou o processo. Mas busca ser construtor de idéias pedagógicas em forma de fundo perspectivo²⁴ e prospectivo²⁵. Entretanto, é possível dizer que foi o melhor conseguido

²³ Segundo Demo (2001), A intensidade é própria dos fenômenos complexos, não está livre de ambigüidades, mas pode antever um horizonte de uma realidade. Fenômenos que se distinguem pela intensidade, não se esgotam em extensão, voltam-se para dimensões marcadas pelo envolvimento e pela participação, se confundem com não-linearidade. Possuem uma capacidade reconstrutiva ligada a pontos hermenêuticos, ou seja, "conhecer a partir do que já se conhece, aprender do que já se aprendeu, refazer contextos interpretativos similares, e assim por diante. (67)".

²⁴ Sob o ponto de vista do futuro, de jamais perder a esperança.

²⁵ Sob o ponto de vista da vida, de estar olhando adiante e construindo antevisões.

considerando o momento, diante das condições em que foi gestado. Teve como suporte filosófico a busca de um espaço reflexivo que, se possível, levasse para além das concepções tradicionais (Suchodolski, 1992). Concebeu o Ser Humano no seu eterno devir, na condição de ser-*vir* ao seu *vir-a-ser* sob contextos que colocam qualitativamente esse Ser Humano enquanto criador do seu próprio meio e de si mesmo.

A informação qualitativa é o resultado da comunicação discutida, na qual o sujeito pode questionar o que se diz, e o sujeito objeto também. [...]... não busca ser neutra ou objetiva, mas permeável à argumentação consensual crítica, dentro de meio termo sempre difícil de exarar: num extremo estará o questionamento de tudo, sem que nada fique de pé; no outro, a crença fácil em tudo sem atinar para o implícito e o contraditório. (Demo, 2001: 30).

A pesquisa qualitativa trabalha com fenômenos²⁶. Busca uma compreensão²⁷ particular daquilo que se estuda. É uma forma de pesquisa que depende da *intuitividade* e da *habilidade* do pesquisador.

O que acontece com o pesquisador consciente é que ele substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais e as conexões causais objetivas pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas. (Martins & Bicudo, 1994: 24).

A pesquisa qualitativa é concebida como um empreendimento mais abrangente e multidimensional (Bogdan & Biklen, 1994). Neste caso, sendo uma pesquisa bibliográfica, observou-se a comunicação dos sujeitos por intermédio de uma interpretação que possibilitasse "aparecer" um esclarecimento dos sentidos e significados das idéias, pensamentos e palavras dos textos. Optamos por uma posição filosófica incluindo estar aberto a aspectos epistemológicos. Tomamos como referência pensar o fenômeno *Vivência Corporal*, valendo-nos do enfoque

²⁶ A idéia de fenômeno tal como está sendo utilizada neste trabalho encontra suporte na visão fenomenológica de Merleau-Ponty a respeito da realidade do conhecimento. A expressão *fenômeno* significa aquilo que se manifesta a si mesmo, o manifesto; o que pode ser trazido à luz. Os fenômenos mantêm-se a si mesmos, situando-se.

²⁷ Entendida como capacidade compreender inerente ao Ser Humano.

intencional construído no objetivo e da experiência adquirida no exercício profissional com o Movimento Humano há mais de duas décadas.

A preocupação se distinguiu então por aquilo que vivenciamos, tendo como suporte a "experiência máxima²⁸" do momento, através de interpretações, achados, aparecimentos e insights. Assim, coletar descrições e fragmentos textuais, tentando desvelar, para o contexto interpretativo, as possíveis essências associadas ao fenômeno Vivências Corporais. Em seguida, "traduzir intencionalmente²⁹" a perspectiva das Vivências Corporais, com base em uma visão das essências³⁰ para construir as descrições do seu ponto de vista.

Então, mesmo trazendo à luz as descrições, percebe-se que aquilo que foi buscado mostrou-se apenas em parte, porque do fenômeno só é possível "vê-lo" como se mostrou no contexto dos seus significados relacionais.

...as descrições se referem às experiências que os sujeitos viveram. Nelas estão a essência do que se busca conhecer e a intencionalidade do sujeito. Isso quer dizer que o sujeito que descreve sua experiência é situado e que os significados das suas vivências emergem do seu real vivido. (Martins & Bicudo, 1994: 36).

Assim, os textos com seus fragmentos extraídos pela intenção não foram o fim da análise, mas o meio pelo qual foi possível descrever as percepções da experiência vivida. Dessa descrição, captar a essência do momento, pois o que foi refletido é apenas uma janela de possibilidades de significados, e o significado da essência não necessariamente é apenas um.

Ora, isso pode ser claramente confirmado quando, no processo das Vivências Corporais, é dada ao que experimenta as vivências a oportunidade –

²⁸ Assumido numa perspectiva de Fleck (1986) que sinaliza para dimensão de uma epistemologia comparada. Apoiado no melhor que se conhece.

²⁹ Traduzir intencionalmente não quer dizer manipular a informação e sim realçar aquilo que o problema com sua pergunta produz: um intento de busca que caracteriza a intencionalidade referendada.

³⁰ A visão das essências baseia-se simplesmente na possibilidade de distinguir, em nossa experiência, o *fato de vivê-la* e *aquilo que através dela vivemos* (Merleau-Ponty, 1973).

que surge sem quaisquer pressões de origem externa, que nascem das próprias pulsões perceptivas – de, pela aproximação com sua autonomia, transformar os gestos em linguagem oral. Uma alquimia do corpo-no-mundo, transduzindo³¹ as percepções para o entendimento do ser-no-mundo.

Márquez (1985) estabelece três "níveis", os quais denomina de "estrutura prévia" de toda interpretação:

1. totalidade de sentido ou horizonte de expectativas – possui significado pré-reflexivo, condição pragmática do nosso trato com as coisas – "apropriação" de uma totalidade de sentido já compreendido de antemão;

2. "ponto de vista" ou visão prévia – destaca aquilo que é a possibilidade de toda interpretação; condição existencial de possibilidade; ponto de referência para o qual a compreensão se orienta;

3. culminância da estrutura existencial da interpretação ou antecipação – o objeto se configura como condição de possibilidade de investigação, e a consequência dessa situação é a possibilidade da compreensão do sentido tematizado da investigação como pertencente a uma totalidade.

Explicando: no palco da intuição é possível vislumbrar – o horizonte de possibilidades a partir do Mundo Vivido – um novo horizonte. Nesse sentido a antecipação se torna pressentida em todo contexto, pois é um aspecto comum que une os três momentos. Para Márquez (1985:61),

A compreensão da fenomenologia supõe, mesmo quando se apóia na imediata evidência dos fatos, uma teoria da experiência no sentido mais amplo da palavra. [...] O objeto da fenomenologia determina o caráter do sujeito da experiência fenomenológica. Este último se define em termos de uma total correspondência e adequação àquele.

Enfim, uma percepção dos textos, tendo o cuidado de, conforme Giorgi

³¹ Ação capaz de transformar um tipo de sinal em outro tipo, com o objetivo de transformar uma forma de energia em outra, possibilitar o controle de um processo ou fenômeno, realizar uma medição etc.

(1997: 344), "*reportar-se a experiência ordinária e não a qualquer escolha romântica ou esotérica*", procurando elaborar as interpretações com base no que se denomina Descrição de Aprendizagem Situada³², segundo a qual

Aprendizagem é a aquisição de conhecimento e execução de uma tarefa, assim como uma crença na capacidade do sujeito executar individualmente, quando solicitado, um procedimento de passos progressivos que, inicialmente, envolvia o esclarecimento através da indicação de outros, de ambigüidades vividas em vários momentos por causa da falta de conhecimento ou de proposições definidas de maneira errada. (Giorgi, citado por Martins & Bicudo, 1994: 37).

Desta forma, é possível afirmar que o que se buscou não foi mais do que o desvelar de uma aprendizagem, valendo-se dos achados textuais e colocando entre parênteses o que foi lido, interpretado e depois descrito. Dentro desse contexto, concordando com Foucault (1981), quando reflete que o lugar das Ciências Humanas é no espaço fronteiro onde se trata da vida, do trabalho e da linguagem do Ser Humano.

As Ciências Humanas não são, portanto, uma análise daquilo que o homem é na sua natureza. É, porem, uma análise que se estende daquilo que o homem é na sua positividade (vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo) para aquilo que habilita esse mesmo homem a conhecer (ou buscar conhecer) o que a vida é, no que consiste a essência do trabalho e das leis, de que forma ele se habilita ou torna-se capaz de falar. (Martins & Bicudo, 1994: 43).

Na tentativa das interpretações, ficou implícita a dimensão das nossas intensidades que foram sendo diluídas na dinâmica dialógica não-linear de um encontro por vezes textual, por vezes caótico-criativo. O desvelado para cada momento nas surpresas das nossas subjetividades transformadas em reflexões críticas; apresentadas em forma de texto, buscaram abrir espaços de

³² Descrição ingênua transformada em uma descrição de conhecimento baseado na intencionalidade e apoiada pela experiência máxima do pesquisador. Não é conclusiva, mas denota um contexto situado, que referencia um conhecer para um dado momento. Algo similar ao que Ludwik Fleck chama de Estilo de Pensamento.

possibilidades de ampliação do sentido hermenêutico, da comunicação humana em si, presente em cada fala.

Sendo assim constituído em seu espírito, sua metodologia pautou as condições de um trabalho bibliográfico e, conforme o ponto de vista da sua natureza, como uma pesquisa teórica. Ou seja, objetivou refletir criticamente o conhecimento existente na tentativa de gerar conhecimentos novos, úteis, para aprofundamento de ordem mais universal. Assis (2001: 35) tece os seguintes comentários sobre os trabalhos bibliográficos:

A pesquisa bibliográfica está presente em todos os estudos, seja para situar o "estado da arte" a respeito de uma temática, permitindo um melhor delineamento do objeto da investigação, seja para apresentar as definições, os conceitos e as categorias importantes para análise e a discussão de dados. [...] No entanto, há uma outra dimensão do uso da pesquisa bibliográfica. É o caso da pesquisa que se desenvolve valendo-se de fontes bibliográficas, ou seja, em que as publicações são a própria fonte dos dados que merecem atenção do pesquisador.

Os focos do processo de construção dessas reflexões foram vivenciados nos textos como tentativa de em cada reconstrução fazê-la também criticamente, com a visão de que possam estar sempre abertos a novas revisões. Isto é, a sua incompletude corresponde ao que Demo (2001) preconiza, ou seja, que possa ser sempre questionado abertamente, refeito, rediscutido.

No aspecto metodológico, desviou-se da tradição dominante da pesquisa científica lógico-experimental, em razão da necessidade de construir uma tessitura, levando em conta que a complexidade dos referenciais teóricos pesquisados produz aproximações não-lineares.

A rota qualitativa, sem desprezar a quantitativa, aposta em consensos possíveis e provisórios em torno da informação, tomando a sério o processo de reconstrução. Toda análise qualifica, não desfaz o mistério da comunicação e da consciência humanas. A possibilidade do entendimento vem da variação interpretativa, não de padronizações únicas. Sentidos únicos da fala seriam perturbações neuróticas ou prepotentes, não o resultado da comunicação crítica. Certeza temos

apenas da incerteza. O que alguém queria de verdade dizer em seu depoimento permanece mistério indevassável, porque nem o analista consegue deslindar de todo as entranhas da fala, nem o depoente sabe totalmente de si para garantir que disse o que realmente queria dizer. (Demo, 2001: 33).

Buscamos um âmbito de reflexão que pudesse descrever as totalidades desencadeadas pelo poder criador da Fenomenologia de Merleau-Ponty, que é, segundo Müller (2001), uma filosofia que pretende refletir nos fenômenos a partir da experiência. Nesse sentido procuramos também dar significado ao espaço bibliográfico que foi vivenciado, tendo como suporte a imaginação sociológica e o artesanato intelectual³³, constituindo os textos à condição de território das experiências mapeadoras da intencionalidade reflexiva. Müller (2001: 127), afirma que "*Para Merleau-Ponty, constituir é dar significação integral, é desencadear a totalidade ou fenômeno, de que os elementos envolvidos são partes reais.*"

Nesse sentido, desvela o vínculo com o trabalho artesanal preconizado por Mills (1972), considerando que dessa reflexão crítica, com base em experiências indissociáveis, construímos um trajeto quase arqueológico. Vivenciar os sentidos e significados não foi tomar *por base a "verdade"* que algum pensamento presume existir, mas refletir os fenômenos associados à questão e de que forma podemos enquanto educador, interferir no processo da construção da autonomia.

Em comum acordo com Müller (2001) avalizado por Merleau-Ponty, consideramos dois aspectos para observar o contexto das reflexões. Primeiro: admitir que nas experiências reside um poder criador e que os fenômenos são as totalidades desencadeadas por esse poder; segundo: admitir que cada

³³ Entendo que o Artesão Intelectual de Mills (1972) seja o indivíduo que associa no seu trabalho as qualidades de um bom trabalhador, conjugando na sua prática de pesquisa o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa.

experiência expressiva é o análogo de todas as outras, e que as totalidades expressam um sistema de equivalência que é a nossa vida.

A descoberta da vinculação entre a "figura" percebida e o "contexto" em que o nosso corpo se situa ao percebê-la demonstra que os fenômenos estão indissociavelmente ligados às nossas experiências (ou, mais precisamente, à organização espontânea desencadeada por nosso corpo aos dados sensíveis). (Müller, 2001: 15).

É a ruptura da tese cartesiana de unidade entre nossas experiências e os fenômenos que torna a filosofia de Merleau-Ponty um espaço que estrutura descritivamente o contato com nós mesmos, com o outro e com o mundo. Assim, um ser-no-mundo, que também é ao mesmo tempo um corpo no mundo³⁴, reconhecendo a imanência do fenômeno em relação à experiência num contexto de visão especular na relação entre o *Visível* e o *Invisível*.³⁵

Intuir formas de pensar que desgeometrizessem o corpo. Espelhar na vivência como campos pulsáteis em que os fenômenos físicos são as nossas próprias experiências. Em outras palavras, considerando que não é preciso pensar para se-movimentar³⁶, uma vez que o próprio movimento é o pensamento expresso em gesto. Assim, dispomos do se-movimentar da mesma forma como dispomos da fala. Aquilo que é vivenciado já é a própria representação, enquanto a nossa experiência é a própria célula germinativa do fenômeno.

Pensando dessa forma, tomamos por base o pressuposto de que a Educação é o espaço da ação, da práxis, das tomadas de decisão. Consideramos também que o cotidiano é o engajamento principal, razão pela qual não quisemos nos afastar do vivido, daquilo que foi experimentado em forma de compromisso

³⁴ "O corpo é posto diante do mundo e o mundo em pé diante dele, e há entre ambos uma relação de abraço. Entre estes dois seres verticais não há fronteira, mas superfície de contato". (Merleau-Ponty, 1999b: 242).

³⁵ Merleau-Ponty (1999b: 243). Mostrar que toda expressão é tomada de empréstimo a esta estrutura especular, por exemplo, *reflexão*.

³⁶ No sentido de uma não existência dicotômica entre pensar e movimentar-se.

com a vida; do que foi ativado pelas reflexões críticas em contato com os textos associadas à vida de um professor enquanto sujeito-objeto de sua ação profissional.

Na ordem da abordagem das questões levantadas, procuramos não perder de vista que a relação sujeito-objeto é uma relação dinâmica, preferencialmente qualitativa, na qual o sujeito e o mundo real convivem dialeticamente, relação esta, construída sob a mediação do que se conhece, buscando as conexões ativas e passivas³⁷ dessa relação como fatores para produção de novos saberes, procurando evitar espasmos antidialéticos.³⁸

Assim, considera que o vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito é indissociável. Nessas condições de estudo, o pesquisador é o processo chave da interpretação do que foi observado, já que é quem refletirá criticamente sobre os significados dos "achados" no processo da pesquisa. Tem, de certa forma, um caráter descritivo, apoiado pela assunção³⁹ bibliográfica hermenêutica, na qual os dados "desarquivados" e organizados em forma de texto, valendo-se das reflexões críticas, são considerados o foco principal de onde se coletaram formas e estilos de pensamento como fontes produtoras e geradoras de reflexões de diversas ordens, mas sempre de natureza crítica.

Limites e Limitações

O conhecimento pertinente às questões do corpo é amplo e complexo, exige abertura e arejamento das estruturas do pensar. As teias das relações dos

³⁷ Os pressupostos sociais e históricos do sujeito são chamados de conexões ativas, enquanto o que se percebe como "real, verdadeiro" são as conexões passivas. Ambas devem ser vistas como constituídas uma na outra e nunca como se fossem dicotômicas. (Fleck, 1986).

³⁸ Interrupção ou supressão do diálogo.

³⁹ Proposição ou princípio admitidos em vista das conseqüências que deles se podem tirar, abstraindo-se a sua verdade ou falsidade intrínsecas.

estudos sobre a forma de tratar possibilidades de desenvolver trabalhos mais globalizantes⁴⁰ no campo da pedagogia do se-movimentar, no campo fenomenal sugere que, nada pode ser desprezado. Por outro lado, desprezar essas teias cria possibilidades de desencadear percepções unilaterais, desvinculadas de uma noção de totalidade. Talvez até uma relação autoritária, vinculada a mecanismos de doutrinação ideológica, com o conhecimento.

Trabalhos globalizantes, baseados no princípio da totalidade, não são uma posição frouxa, apoiada no princípio do tudo-vale. São posições geradas tendo por base o pensamento em termo de relações de linguagem, que se reconhecem inseparáveis de um modo de viver; de pensar e de sentir a vida e não apenas do se-movimentar numa estrutura de ação simplesmente substancial.

Pensamos em favorecer a concepção de corpo relacional, à condição de um corpo sempre inconcluso aprendente, em que suas vontades, inteligências, consciências, múltiplas dimensões são importantes cenários a serem observados. Assim, buscamos conjunturas libertadoras, dissociadas de linearidade objetivista, de estereótipos da forma, mas sem perder de vista que a técnica é componente importante para o domínio de determinados conhecimentos.

No contexto apresentado, o que delimita e ao mesmo tempo confunde é o risco de que essas condições técnicas, sejam compreendidas como resultados da investigação, do esforço de conhecer. Queremos que tal esforço conduza Seres Humanos a uma condição de compreensão da eficácia da sua ação, mas que, ao final dessa ação, sintam-se autônomos, engajados, comprometidos e não apenas menos distantes das condições contextuais na qual desenvolvem sua ação.

⁴⁰ Aqui não me refiro à globalização de concepção neoliberal, mas ao contexto de trabalho com base no ponto de vista do princípio da totalidade.

Ou seja, detectar um se-movimentar que pode ser útil para uma ação técnica específica possível, mas que não pode destituir o sujeito da sua possibilidade de outras ações, de sua liberdade de outras ações em outros contextos que o façam ser mais feliz. Para isso é preciso negar veementemente todo movimento técnico que o destitua da sua condição ontológica de ser-mais, do devir, de toda situação tradicional autoritária com uma visão unilateral e unicausal de mundo.

Desta forma pensada foi que descrevemos as condições em que foram tecidos os cenários teórico-interpretativos das Vivências Corporais. Uma construção de reflexões sob a égide do vivo, engajado, participativo, histórico e acima de tudo humano como condição fundamental para o entendimento discursivo. Revelou-nos, então, espaço de radialidade do pensar, sentir, agir no contexto da produção reflexiva.

Longe de reduzir-se meramente ao ato do movimento de si mesmo, a intenção foi articular o movimento a uma certa condição de linguagem. Ou seja: o que no primeiro momento estava oculto, pela percepção da intuição das essências "manifestou-se", articulou-se em linguagem. Assim, construímos cenários com base teórica, mas guiados pela intuição da nossa vivência profissional. Como diz Márquez (1985: 08),

...em toda idéia de experiência há uma dupla possibilidade; o dado da experiência tem o caráter puro, ou está carregado de subjetividade. Em outras palavras, trata-se da possibilidade dos *dados imediatos da consciência* – da existência de evidências imediatas – ou, pelo contrário, da atribuição do sujeito de uma função ativa na formação do seu mundo de experiências.

Nesse espaço em que os atos da linguagem, pela intencionalidade da fala, buscaram expressar uma esfera não-privada das vivências, o pressuposto metodológico se apresentou como contribuição da fenomenologia, isto é: não ter

a pretensão de constituir somente um conjunto de vivências (Erlebnis), mas também um modo de experiência (Erfahrung). Mas são limites teóricos difíceis de serem superados, pela amplitude dos referenciais fenomenológicos.

Neste sentido, buscamos superar um problema de limitação teórica, pois a mediação da linguagem processada para a experiência "via" o afastamento de um ato de percepção que não se reduzia apenas aos atos de intuição. No ato das reflexões da vivência, pela linguagem, construímos um sistema de proposições.

Entretanto, estávamos atentos para o fato de que a condição que é própria a uma investigação do fenômeno, nessa abordagem, é a condição do vir-a-ser como modo de apreensão. Esse ato de apreensão é uma percepção simples que tem como arquétipo uma concepção "visual" experimentada. Um modo de olhar próprio dos limites que temos na condição de pesquisador.

Esse caráter proposto foi a chave para constituir a distinção entre fenomenal e fenomenológico. *Fenomenal* como o que se constitui como objeto da fenomenologia. *Fenomenológico*, o modo de descrição (categorial) do fenomenal, a forma como era visado o fenômeno, que não se reduz em atos de intuição ou sistema de proposições. *Vivência*, a ênfase no acontecimento da manifestação das experiências.

"Ver" a experiência foi um ato de afastamento, buscou colocar entre parênteses a "vivência" e percorrer o espaço vazio do conhecimento, conhecimento este que nascia da relação entre a vivência na leitura e reflexão dos textos e o que foi "preenchido" na forma de experiência. Foi pela reflexão das experiências que se buscou a possibilidade da objetivação fenomenológica entre parênteses, que se estruturava na linguagem graças a uma interpretação ao

mesmo tempo passiva e receptiva da experiência.

Os limites e limitações ficaram por conta da própria abordagem escolhida. Ou seja, metaforicamente pensando, poder olhar um grão de areia no deserto e descrever o deserto. Certamente contribuiu para aparecer um deserto para tantos outros desertos possíveis que aparecerão em cada intencionalidade em futuras intenções de pesquisa com esta abordagem. Era também uma tarefa de constante vigilância epistemológica, mas sabemos não ser possível contemplá-la com perfeição, em virtude da complexidade das bases teóricas e dos limites conjunturais à produção deste estudo.

O limite mais amplo, percebido com o olhar do ilimitado, fez-nos reconhecer o próprio limite de compreendê-lo por inteiro, como a maior limitação deste trabalho. Desta forma, a nossa limitação se circunscreveu não apenas próprio recorte dado ao desenvolvimento do trabalho, mas também pela ausência de descrever, por exemplo, o como se desenvolvem as Vivências Corporais de maneira mais associada a um *Know How*. E ainda pela dificuldade de construir o Estilo de Pensamento coerente, mesmo tendo sido essa a nossa procura.

Por último, relatamos a dificuldade de encontrar trabalhos com abordagem fenomenológica associados a Vivências Corporais, apesar da extensão das referências bibliográficas apresentadas. Enfim, limitações associadas ao tempo necessário para amadurecer os pressupostos de uma complexa teoria do conhecimento, e também de permanecer nos limites do recorte utilizado para nos envolvermos na teoria e dela desarquivar fundamentos que pudessem responder à questão da pesquisa.

Pensando dessa maneira, os limites e limitações que se constituíram no transcorrer do processo de pesquisa foram percebidos como desafios a serem

superados e, à medida que deles tomávamos conhecimento, a pesquisa se tornava mais justificável. Ou seja, na jornada empreendida, saber mais, no contexto do devir, era a Vivência de aprendiz de pesquisador que se descortinava para consolidar a tarefa proposta.

HOMENAGEM AOS CENÁRIOS DA VIDA

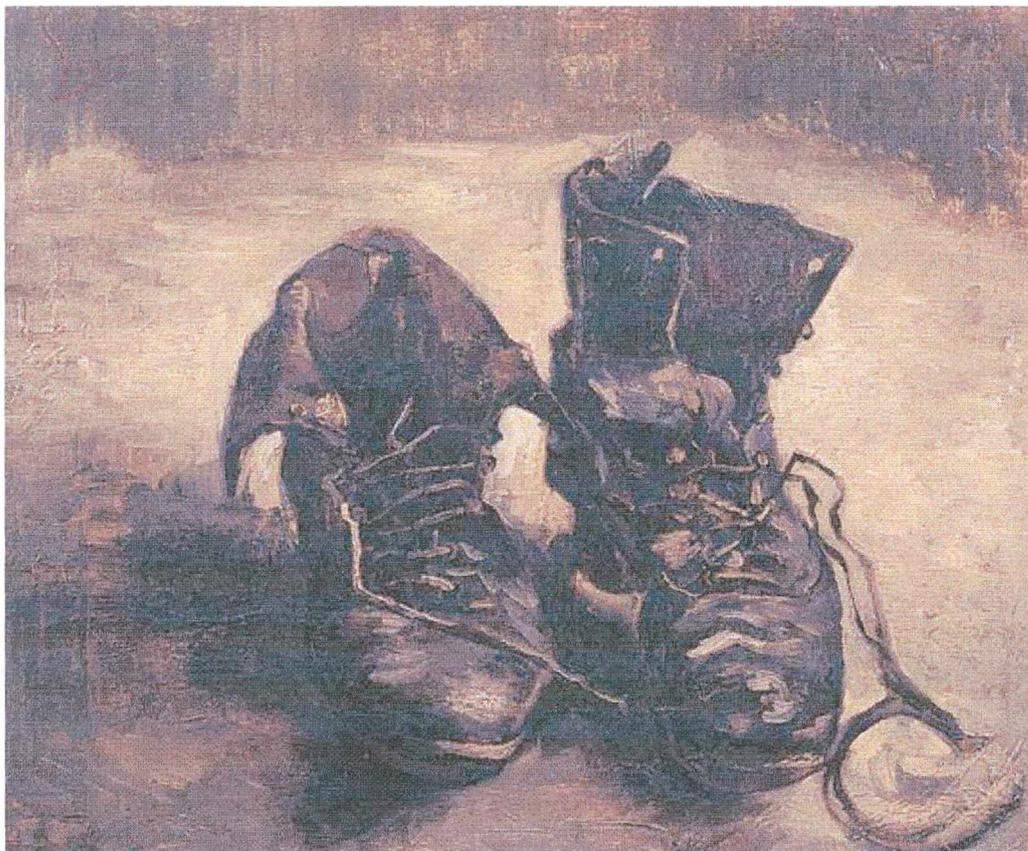


Figura 2: Um par de sapatos

Fonte: <http://www.vangoghmuseum.nl/collection/catalog>

Van Gogh

A Pair of Shoes, 1885

Van Gogh Museum, Amsterdam

(Vicent van Gogh Foudantion)

Antes de tudo, é necessário evitar todas as teorias filosóficas e interpretações comuns que pretendem atingir o ser do instrumento, pois, na verdade, elas apenas o escamoteiam. O caminho mais seguro é, sem dúvida, o da simples descrição... Tentemos descrever um ser-instrumento bem simples: um par de sapatos de camponês. [...] No par de sapatos eclode o secreto apelo da terra. O cuidado pelo pão de cada dia na promessa do trigo, as auroras glaciais, as tardes enigmáticas à espreita do inverno. Através desse instrumento o camponês experimenta o exercício pela sobrevivência, a doce espera do filho que retorna à casa, a alegria de sentir a vida, o cuidado de temer a morte. (Heidegger, *in Carmo*, 2000: 66).

CAPÍTULO II

CENÁRIOS TEÓRICO-INTERPRETATIVOS

Cenários como Espaços de Probabilidades e Possibilidades (EPP)

Cenário é um conjunto de diversos materiais e efeitos de luzes, formas cores e outros, de vistas apropriadas aos fatos representados. Lugar onde ocorre algum fato, movimento ou decorre uma ação, ou parte da ação e que serve para criar a realidade sensitiva visual, auditiva, táctil entre outras, ou a atmosfera dos locais. Conjunto de elementos que compõem o espaço criado. Local onde aparecem e desaparecem os fenômenos. Espaço onde o foco é a Vivência e dela se retiram experiências baseadas nas próprias interpretações e percepções.

Hoje sabemos que não existe objetividade na percepção do mundo e que o lugar de onde se observa influencia o que se vê e como se vê. [...] Então serão construídos caleidoscópios sobre o que ocorreu, com grande multiplicidade de percepções. (Silva, 2001: 13).

Neste estudo os cenários são teóricos e foram constituídos para pensar e interpretar a Vivência Corporal. Para este fim, concebemos e compreendemos o Ser Humano num contexto de totalidade investido de toda sua complexidade, "olhando-o" como um corpo-no-mundo.

Tomamos por base os fundamentos filosóficos humanísticos, pautados predominantemente na fenomenologia de Merleau-Ponty para recorrer a um estudo da vida do corpo e sua conexão com aspectos associados a uma idéia da capacidade interpretativa do ser vivo. Consideramos, também os

desdobramentos dos núcleos teórico-interpretativos e suas conexões com aspectos multidimensionais da experiência humana.

Buscamos um sentido de realçar que, na Vivência Corporal, ao se falar de experiência, a compreensão do que é vivenciado pelo Ser Humano é fundamental para construir autoconhecimento. Indagamos também se era possível orientar discussões para o campo do corpo fenomenal, tendo como intencionalidade vislumbrar o diálogo de corpos num contexto relacional.

É relevante comentar que Experiência Corporal não é somente a cultura conseguida graças à acumulação de conhecimento, mas também decorre das vivências e do discernimento adquirido da interpretação por intermédio da reflexão crítica sobre as experiências concretas vividas. Trata-se de algo que se apreende na prática e que leva a arte de viver bem. Na Educação Física, o jogo do corpo relacional encontra sentido na viabilização de Vivências Corporais em direção a um vivo-vivenciado⁴¹.

No vivo-vivenciado, a experiência facilita o brotar de reflexões originadas nas muitas interrogações que povoam o dia-a-dia de qualquer pessoa. Ao questionarmos se é possível ter uma relação pura com o conhecimento, despojada de qualquer interesse, a resposta do ponto de vista fenomenológico implica superar toda experiência dada, vivendo uma nova experiência. Isso exige uma forma de aproximar-se do conhecimento, do homem e das relações entre ambos diferente das formas usuais a cada momento cuja base é a aproximação

⁴¹ Com o termo vivo-vivenciado queremos sinalizar para um contexto profundamente relacional, tanto de forma local quanto não-local, do diálogo entre Vivência e Experiência. Ou seja, nosso corpo se constitui dando forma (incorporando) às possibilidades existenciais valendo-se do vivo experimentado que dialoga na sua ontológica condição de corpo-no-mundo. É desse diálogo que o conhecimento e o cuidado de si podem ser constituídos como resposta contextualizada, no real possível de perceber, nas diferentes manifestações da consciência, encontrando para o contexto vivenciado, a resposta mais apropriada para a pergunta: "*Como me sinto neste momento?*".

pelo diálogo corpo e mundo enquanto ser-de-ação-no-mundo.

Tal experiência de aproximação só pode acontecer num contexto de diálogo, de cooperatividade e numa metáfora de corpo relacional, mesmo que, em determinados momentos, o corpo substancial possa estar mais em foco. Esta é a essência do diálogo: não fechar espaços, não obstruir comunicações, não facilitar a estase.

Conviver com os atos humanos na dimensão crítica e reflexiva apoiado numa amorosidade incontestável. Criar cenários teórico-interpretativos que dêem fundamentos para um pensar Vivências Corporais na Educação Física como um Espaço de Probabilidades e Possibilidades (EPP) de constituição de experiências num contexto de corpo relacional.

Os cenários são muitos, as metáforas de corpo também; mas precisamos pensar em proporcionar espaços para refletir criticamente a falta de consideração para com nós mesmos, condições para desvelar EPP de consideração para com o próximo e com o Mundo. Buscar sensibilização para os problemas do mundo no que diz respeito a questões de ordem afetivo-social. Encontrar os sentidos possíveis para a vida, desconstruindo os problemas causados pela dicotomia entre teoria e prática e assumindo corajosamente uma atitude mais precária.

Vivenciar os contextos proporcionados pelas reflexões críticas dos cenários teórico-interpretativos associados, por hipótese, aos núcleos interpretativo-vivenciais⁴² (Nóbrega, 1999) facilita olhar e compreender a si

⁴² De acordo com Nóbrega (2001), a expressão 'núcleos interpretativos-vivenciais' é utilizada para caracterizar o sentido da interpretação que compreende o corpo em movimento, percepção, sensibilidade estética e enação (cognição que emerge da experiência vivida e da capacidade de se-movimentar do Ser Humano). A interpretação é considerada como vivência: uma compreensão do ser-no-mundo como experiência mundo-vida.

mesmo, os outros e o mundo. Como pedagogos não podemos ficar apenas na descrição, apesar de ser o princípio do conhecimento das coisas; precisamos permitir o jogo relacional, segundo suas próprias essências. Assim, seria necessário interferirmos nesse jogo do saber, de forma a evitar a unidimensionalidade e a unicausalidade.

Competência lingüista e se-movimentar são elementos imprescindíveis para tais contextos. Temos urgência de constituir fundamentos para construir um conceito de cuidado de si. Evitar a dessensibilização emocional, afetiva, para com nós mesmos, com o outro e com o mundo. Construir "novas" e sempre "renováveis" pontes de dialogicidade intersubjetiva considerando o equilíbrio entre o ambiente interno e externo.

Três dimensões são fundamentais para essa tarefa: *Vida, Vivência e Experiência*. Todas ocorrem de forma simultânea. Neste estudo devem ser consideradas como dimensões capazes de estabelecer o diálogo subjetivo e intersubjetivo e nas diversas dimensões possíveis. Capazes de reciprocidade intercomunicativa local e não-local.

Vida fundada nos EPP das funções biológicas. *Vivências Corporais* como EPP de elaborações de ordem multidimensional, ou seja, físicas, emocionais, mentais, psíquicas e espirituais. Nesse contexto o corpo transforma-se num holograma vivenciado num universo holográfico. Nossos corpos constroem sensivelmente incorporando as experiências provenientes de realidades multidimensionais. E experimentam as *Vivências Corporais* como EPP de infinitas configurações existenciais, incontáveis metáforas para se viver e para manifestar a vida no processo de corporificação das diferentes formas de manifestação da consciência.

Pela *experiência corporal*, através do reconhecimento dos EPP multidimensionais, pode-se, através das Vivências Corporais, constituir redes intersubjetivas para um aprender sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Mas é preciso estar atento para evitar todos os modos de individualismo, banalização e naturalização das coisas do mundo. É preciso reconhecer os mecanismos que fazem alguém praticar as barbáries. Trabalhar numa perspectiva da emancipação e da autonomia, já que alcançá-las é impossível nas condições contemporâneas.

Cenário Fundo: Nos Caminhos da Fenomenologia

De acordo com Chauí (2000), Husserl traz no início do século XX uma nova abordagem do conhecimento: *a fenomenologia*. Essa palavra foi utilizada para indicar o conhecimento que a consciência tem de si mesma através dos demais fenômenos que lhe aparecem.

Segundo Husserl, a fenomenologia está encarregada, entre outras, de três tarefas principais: separar psicologia e filosofia, manter o privilégio do sujeito do conhecimento ou consciência reflexiva diante dos objetos e ampliar/renovar o conceito de fenômeno. (Chauí, 2000: 236).

Tal abordagem tinha como pressuposto o estudo das essências. Uma filosofia que esperava repor a essência da percepção na existência. Que buscava, pela intencionalidade, combater o empirismo e ao mesmo tempo superar a dicotomia entre o realismo e o idealismo. Japiassú (1996: 101) diz que o termo fenomenologia foi criado no século XVIII pelo filósofo J. H. Lambert (1728-1777), designando o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência. Dartigues (1992) comenta que Husserl resgata o

sentido do próprio termo, um trabalho de Sísifo⁴³: só ele tinha o recurso de recomeçar a tarefa que seus predecessores haviam empreendido mal.

Tratava-se de resgatar o significado original e puro da filosofia que, desde a filosofia grega, discute a dicotomia entre opinião (doxa) e verdade (episteme). O Ser Humano possui conhecimentos que são anteriores à tomada de consciência filosófica de mundo. (Kunz, 2000b: 04).

Para Dartigues (1992), toda a vida filosófica de Husserl, da Filosofia da Aritmética (1891) às Conferências sobre a Crise das Ciências Europeias (1935), é denominada pelo sentimento de uma crise da cultura. E que a fenomenologia nasceu de uma crise e que, com MerleauPonty, pode-se dizer que essa crise ainda é nossa.

Com efeito, o esforço filosófico de Husserl, em seu espírito, destinou-se a resolver, simultaneamente, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos. (Merleau-Ponty, 1973: 15).

É nessa época que a ciência inicia o preenchimento de espaço deixado vazio pela filosofia especulativa, representada basicamente pelas matemáticas e pelas psicologias. As matemáticas por se afastarem cada vez mais dos dados da intuição. As psicologias porque, influenciadas pelo positivismo em voga (1880), se constituírem cada vez mais como ciência exata, conforme modelo das ciências da natureza, eliminando assim os aspectos subjetivos, e, portanto, aparentemente não-científicos, que o uso da introspecção possibilita.

... a Fenomenologia não é algo para ser contemplado, algo impessoal, alheio, que eu possa repetir como aprendizado. Ela só acontece no compromisso vivo de alguém que a torna presente na maneira como o dito ou o feito é re-dito ou re-feito. Ou seja, o inacabamento diz respeito ao apelo, à presença daquele que vai encarná-la. Sem este gesto de

⁴³ Mito de Sísifo: (Japiassú, 1996). Personagem da mitologia grega, rei de Corinto, segundo a *Odisséia*, condenado por Hades, deus dos mortos, a empurrar uma imensa pedra até o topo de uma montanha sem jamais consegui-lo, pois antes de atingir o cume a pedra sempre rola montanha abaixo e Sísifo deve recomeçar sua tarefa.

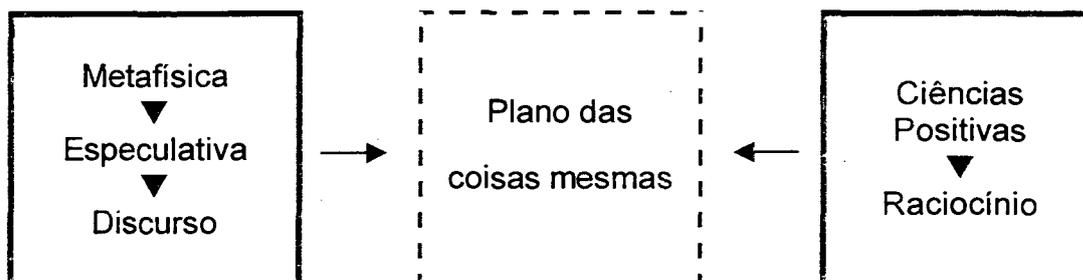
compromisso pessoal ela não acontece, e, simultaneamente, é por ele que ela se torna habitável para os outros. (Martins, 1984: 07).

Segundo Dartigues (1992), Husserl busca em sua concepção de fenomenologia uma via média entre esses dois obstáculos, postulando que o fenômeno está entranhado no pensamento (*logos*) e que esse *logos*, por sua vez, só se mostra no fenômeno e, apenas sob esta condição, é possível uma fenomenologia.

Sugere então que a proposta de Husserl é que o pensamento retome as suas origens dando-se como ponto de partida não mais a opinião dos filósofos, mas a própria realidade. É um recomeço e também retorno às coisas mesmas. O quadro a seguir ilustra o entorno da fenomenologia como ciência do recomeço e do retorno às coisas mesmas, como forma de traçar caminhos próprios que acontecem na possibilidade em que o confronto com os dizeres onde a fenomenologia acontece. E assim vão constituindo-se como sugere Martins (1984:07):

...como horizontes que se vão vislumbrando, sobrepondo e desdobrando, numa amplidão talvez assustadora se nos empenhamos pessoalmente nessa tarefa. ... sentir mais próximo o apelo que ela faz a cada um a ceder a si mesmo na procura de um sentido para o conhecimento.

Quadro 1: Fenomenologia entre a Metafísica e as Ciências Positivas



Fonte: Adaptado com base em Dartigues, 1992.

É uma filosofia que se opõe ao racionalismo, porque este não dá espaço para a unificação entre a consciência e o mundo ao mesmo tempo em que se opõe ao empirismo, uma vez que para a fenomenologia não há objeto em si, já que o objeto é sempre para um sujeito que lhe dá significado. Para a fenomenologia toda consciência é intencional. Toda consciência pende para o mundo. "*Toda consciência é consciência de alguma coisa*" (Husserl). Daí a relação sujeito-objeto, homem-mundo serem descritas como pólos inseparáveis. Neste sentido, conhecer é um processo infinito, uma exploração exaustiva do mundo. A consciência desvela progressivamente um dado objeto por meio de seguidas e diferentes perspectivas e, cada vez mais, é sempre possível ter perspectivas diferentes.

Na fenomenologia a consciência vai além da inteligência. Ela é fonte de intencionalidades afetivas, práticas e cognitivas. Daí opor-se à metafísica, cuja noção de ser é vazia e abstrata, voltada para a explicação. A fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de sua *reflexão* o próprio *homem* na sua *experiência*.

A tarefa da Fenomenologia é revelar este mundo vivido antes de ser significado, mundo onde estamos, solo de nossos encontros com o outro, onde se descortina nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões. (Valentini, 1984: 67).

É neste sentido uma filosofia da vivência, já que é através da vivência que o homem se desvela para-o-mundo. Este desvelar se dá pelo processo da intencionalidade e com isso, a cada desvelar, amplia-se cada vez mais o conhecimento de si na ação da transcendência.

Nela o Ser Humano, expressão da sua herança biológica e cultural, existe no corpo. É um ser-existencial-no-mundo, e pela transcendência, traduz

sua autenticidade quando assim reconhece a intencionalidade da sua existência. Desta forma, como em Adorno se busca, essa a autenticidade poderia ser o apoio da emancipação.

O oposto também pode acontecer. Pela ausência de intencionalidade, não se tem consciência de alguma coisa. Daí pela inautenticidade, pela ausência de transcendência, o ser é enclausurado num corpo com verdades e normas dadas, carentes de originalidade, desconhecido de sua integridade, onde tudo acontece na consciência do outro.

Nesse sentido, constrói-se um corpo-no-mundo falseado pela ausência de uma expressão de ser-no-mundo como um todo vivo e orgânico, passível de criatividade, expressões originais, dialogicidade. Desta forma, segundo Merleau Ponty (1999), ser é poder entrar em um universo de seres que se mostram, sem deixar de ser o que é, sempre conectado com a intencionalidade, isto é, consciente daquilo de que se tem consciência.

Significativamente, a ausência do conhecimento e do self sem a ausência do estado de vigília colocam o organismo em grave perigo: o indivíduo nessas condições pode agir desconhecendo as conseqüências de seus atos. É como se, inexistindo o sentido do self no ato de conhecer, os pensamentos que o indivíduo gera ficassem extraviados, pois seu legítimo dono está ausente. O organismo auto-empobrecido não tem a menor idéia de quem é o dono daqueles pensamentos. (Damásio, 2000: 172).

A fenomenologia tem como caminho, antes de reconhecer o objeto pela intencionalidade, antes de descrevê-lo, proceder a uma espécie de redução fenomenológica, isto é, busca descartar todo saber constituído do objeto, afirmando assim a necessidade de manter ausente quaisquer suposições acerca do referido objeto do conhecimento.

Ela é a possibilidade do pensamento – que periodicamente se transforma e somente assim permanece – de corresponder ao apelo do

que deve ser pensado. Se a Fenomenologia for assim compreendida e guardada, então pode desaparecer como expressão, para dar lugar à questão do pensamento, cuja manifestação permanece um mistério. (Heidegger, 1963: 07).

Dartigues (1992) questiona se a necessidade fenomenológica, o rigor e a sutileza da análise husserliana, as exigências às quais ela responde não dissimulam, entretanto uma pressuposição metafísica. Podemos dizer que a fenomenologia tem uma preocupação de explorar *como* o conhecimento se constitui na consciência.

Ela não é especulativa, tem uma intencionalidade. Busca fundar uma nova linguagem para entender o fenômeno. Quer despertar o *sentir*, a necessidade de buscar o conhecimento pela experiência. Nela se busca o fenômeno que pode ser pensado e com isto fundar um Estilo de Pensamento "diferente" de pensar o mundo.

Na verdade, podemos até afirmar que, através dos breves parágrafos deste prefácio⁴⁴, ficamos entendendo Husserl e a própria Fenomenologia como Estilo de Pensamento que está à procura do sentido do sujeito, do mundo, da própria História e da própria Filosofia. (Zuben, 1984: 56).

Portanto, o modo como se expressa a razão humana é o que está em questão e não a racionalidade. A intencionalidade da razão busca entender a sua inesgotável possibilidade e, pela transcendência, romper com modos hegemônicos de visão de mundo, especialmente com os modos que produzem inautenticidade, fontes sempre inacabáveis de produção da barbárie. Por isso, exige do Ser Humano, na busca do conhecimento, a autenticidade da experiência direta, o contraponto da cultura imposta. O conhecer e o saber autêntico podem ser movidos pelas questões: o que é que existe da nossa invenção? O que são as "coisas mesmas" do nosso conhecimento sobre um dado objeto?

⁴⁴ Referência ao prefácio de Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção* no qual, segundo o autor, é demonstrado como se articulam fenomenologia e existência.

O problema para a fenomenologia é, no entanto, que o que aparece, a facticidade do real, é sempre mais rico do que dele podemos apreender pela nossa percepção. Nós nunca podemos apreender o todo, pois sempre possuímos apenas aspectos do todo. Assim, a aparência não esconde a essência, mas ela a revela: ela é a essência. Não se pode entender Homem e Mundo sem penetrar em sua facticidade que é histórica, social e subjetiva. (Kunz, 2000b: 05).

Husserl pretendia responder como se chega ao conhecimento do conhecimento, de que forma poderia retornar ao que é vivido e que se apresenta para ser consciência de alguma coisa; mais especialmente ao sentido de chegar ao conhecimento "das coisas mesmas"; vislumbrar o alcance de conhecimentos isentos de quaisquer opiniões prévias; conhecer algo com base na relação vivencial com a sua essência, de modo que esse algo possa ser descrito sem nenhuma interferência norteadas por quaisquer opiniões anteriores.

O problema central de Husserl, até aqui, é responder à pergunta: como podemos alcançar conhecimentos radicalmente livres de pré-julgamentos ou "pré-conceitos"? Ou, em outras palavras, como chego "às coisas mesmas"? Esta é a questão que a fenomenologia se coloca. Trata-se de chegar ao conhecimento do conhecimento. Isto significa retornar ao que é verdadeiramente vivido, o que se apresenta a nós em nossa consciência. Mas não são os fatos, objetos ou as idéias que estão na consciência como sua residência oficial. (Kunz, 2000b: 05).

Se tudo que é pensável é fenômeno, em princípio torna-se sempre duvidoso como se classifica aquilo que é fenomenológico. Assim, é apenas possível dizer que a fenomenologia serve para mudar a forma de pensar a nossa relação direta com o mundo-das-coisas. É um caminho para fazermos e sermos fenomenólogos, isto é, dirigirmos o nosso olhar sobre o fenômeno e não olhar para as respostas. Diminuir a distância entre Sujeito e Objeto.

Não se trata de buscar uma explicação para fenômeno, mas entranhar-se com esse fenômeno a ponto de integrá-lo ao mundo-vivido, naquilo que está comigo e daí poder descrevê-lo. Esse exercício é livre de quaisquer contingências, sejam elas históricas, sociais ou culturais. É poder expressá-lo em

sua integridade mais básica e profunda possível, valendo-se de uma co-relação entre o mover-se na "direção de" alguma coisa, ao mesmo tempo que permite a aproximação dessa alguma coisa. É sair de si e captar o objeto com o pensamento. O sujeito se move em direção ao objeto. O objeto se dá ao sujeito. Nesta correlação, o objeto produz modificações no sujeito.

A fenomenologia não é contemplação de um universo estático de essências eternas, ela é a análise do dinamismo do espírito que dá aos objetos do mundo seu sentido. Nesse sentido podemos dizer que a fenomenologia depende da liberdade do espírito, e portando sua possibilidade de existir é também possibilidade da autonomia. Daí, de acordo com Quinque (1999), podemos complementar dizendo que a desejada "realidade visível" é apenas um impulso óptico, acústico e nervoso. Para Heidegger (1963: 07), "*compreender a Fenomenologia quer unicamente dizer: captá-la como possibilidade*".

A interpretação fenomenológica

A interpretação fenomenológica tem seu início nas aparências, nas quais cada microssegundo, cada momento, é diferente. Nas aparências desenvolvo meu lado criativo com o tempo. É algo que não se pode ver, mas está ali/aqui sempre. Devemos estar "inteiros", íntegros e sentindo o mundo dentro de nós mesmos.

Estar no momento significa colocar-se na parede revolvente do vórtice, onde se dá o movimento entre você e não-você. As pessoas criativas chamam esses tempos ricos de "momentos da verdade" — em que experienciam o que é ser autêntico. (Briggs & Peat, 2000:132).

Na experiência direta podemos decodificar a oposição entre sujeito e objeto. O espaço do apreender se abre e se mostra na correlação do tempo transcendente que nos empurra em direção ao alcance da forma original do

objeto. Portanto, os objetos com que se preocupa a fenomenologia não são os objetos mesmos da ciência. São antes os objetos do conhecimento anterior a qualquer idéia prévia, seja ela uma formulação científica, cultural ou tradicional.

Nesse sentido, o conhecimento não necessita de adaptação ou modernização. Tal conhecimento é o único neste aqui-agora; ele celebra a possibilidade do encontro, da transcendência que é gerada pela correlação. Assim não pode ser interpretado. E está em um nível de consciência que desvela a nossa relação com o mundo. Para Quinque (1999), este momento supera a "consciência" unipolar do isto ou aquilo para em seu lugar constituir-se em substituição uma consciência de "isto e aquilo".

Na consciência unipolar estamos sempre em luta ou em fuga. E a questão se toma até certo ponto ambígua: nela queremos saber se a luz é corpúsculo ou se é onda. Mas, na surpresa da constatação fenomenológica que transcende a reflexão unipolar, posso desvelar que a luz pode ser ambas, onda e partícula.

É nessa situação das "aparências originais" que tomo relação com os objetos. Estes aparecem a mim como algo a ser experimentado, vivenciando o conhecido no palco do mundo. Assim, já para Husserl, e retomado com mais intensidade em Merleau Ponty, essa "aparência original" é sempre corporal. (Kunz, 2000b: 06).

Para situar essa "aparência original", que é sempre corporal, é importante desenvolvermos uma habilidade de observação/relação fenomenológica com o mundo. Nesse sentido precisamos "desaprender" de nos concentrarmos em nossa existência como indivíduos isolados. Essa forma relacional emudece nossos sentidos e nos afasta da possibilidade de dialogar.

Talvez precisemos de algum tempo para corporificar esse "desaprender". Ou talvez possamos exercitar gradativamente, e em vez de nos

voltarmos para a crença de que somos "uma consciência", possamos também tentar querer saber o que somos quando nos constituímos com nossa humanidade. O que somos em nosso saber coletivo sugere uma perspectiva de totalidade.

A tarefa fenomenológica é a de transportar-se de uma percepção de si mesmo como ser isolado. Como indivíduo. É buscar o profundo senso do significado de conexão com o ser-no-mundo, transformando a limitante metáfora mecanicista de que somos apenas fragmentos desconexos. Uniremos a um só tempo o observador e o observado como sugerem Briggs & Peat (2000) quando afirmam que o observador deve ser sempre parte do que observa.

A tarefa é superarmos a ênfase exclusiva na lógica, na análise e na objetividade. É aprendermos a raciocinar esteticamente reconhecendo os limites das estratégias mecanicistas. É modificarmos o insistente foco de controle e previsibilidade para um Estilo de Pensamento mais associado com as mudanças que emergem continuamente quando mudamos do foco de observação para o foco de correlação. É uma forma de compreender a nossa caminhada na busca do conhecer, desfrutando da influência sutil de nos tornarmos co-participantes na busca, e não meros administradores do saber.

Entretanto, não podemos cair na tentação da descrição completa. É preciso reconhecer a nossa incompletude. Ao abrirmos alguma janela na correlação com algum objeto temos apenas partes de um todo que, em síntese, holograficamente falando, em si mesmo já contém o todo. Mas, na correlação fenomenológica, a parte se desvela em nossa consciência como expressão total da relação. Uma relação que é também a relação de nossa integridade com a integridade do objeto, mesmo sendo uma eterna relação de incompletude.

Por essa razão, não podemos ser tentados a prever e controlar. Sempre nos deparamos com as "informações ausentes" que são o não-fruto sempre existente no espaço daquilo que ainda não aconteceu na relação: o eterno vir-a-ser, o não-vivido. Talvez perceber quando é o momento de uma mudança, de um salto. Mesmo sem saber ainda, exatamente, em que direção... Talvez recomeçar com um paradoxo, um koan: – *"tudo que existe é bom"*.

Mas o próprio fato de imaginarmos esses paradoxos, antes de mais nada, significa que somos maiores que os sistemas conceituais que criamos. Eles nos dizem que somos as informações ausentes que estamos procurando. Os koans confrontam-nos com nosso desejo de repartir o mundo em dualidades, de situar conceitos e categorias adequadas e definir limites ao seu redor. Levando-nos às fronteiras dessa forma de pensar, criam o caos mental necessário para a criatividade, em que a mente se transforma e auto-organiza sua percepção da realidade. (Briggs & Peat, 2000:157).

Para Kunz (2000b), a fenomenologia não é um método, não é uma investigação sistemática. É uma forma de "ver" as aparências a pelo que emana do contexto de ser-no-mundo. É uma forma que se delinea progressivamente pela intuição, nascida da percepção, que aos poucos se realiza para novamente ser redescoberta e assim continuamente redefinida. É uma teoria inacabada. É o próprio pulsar, que por si mesmo procura fluidez assim como a luz por si mesma clareia. Mas possui elementos que a encaminham em direção a uma reflexão que não se retira do mundo, e, conforme Merleau-Ponty (1999a) toma distância para ver aparecer as transcendências e distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo. É também, conforme Eugen Fink (citado por Merleau-Ponty, 1999a: 10), a de "admiração" diante do mundo.

Alguns elementos que constituem a fenomenologia

De acordo com Kunz (2000a) a fenomenologia interessa-se pelo mundo

das experiências, que é o mundo desenvolvido pelas percepções do sujeito que a eles são desveladas em um contínuo de possibilidades. Daí entende-se que a fenomenologia é um campo aberto de investigação que possibilita, pelo processo da experiência vivida, descrever o conhecimento desvelado na experiência.

Para isso alguns elementos constituem um pensar fenomenológico:

a) Sujeito - o sujeito fenomenológico é o sujeito do mundo vivido, daquilo que está conosco, sem preconceitos ou quaisquer concepções prévias. É um sujeito interativo, interdependente e se revela na inter-relação com o objeto.

b) Objeto - o objeto da fenomenologia é o conhecimento. Um conhecimento fora das contingencialidades históricas, sociais e culturais. É sempre aberto, um potencial que se abre para o sujeito e o influencia produzindo modificações. O sujeito não se deixa imprimir passivamente pelo objeto, mas o objeto atua também na direção do sujeito.

c) Pensamento - o pensamento é o resultado das intervenções intuitivas entre relação sujeito e objeto. Tais resultados produzem mudanças de consciência, que são sempre a consciência de alguma coisa.

d) Intencionalidade - a intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, já que pressupõe a consciência como intencionalmente voltada para o mundo. Ela é uma característica definidora da consciência. É a intencionalidade que dá sentido ao mundo enquanto objeto da consciência. A intencionalidade é relacionada com a consciência de algo. É a condição indispensável para construir a relação dialógica sujeito e objeto. Segundo Éden (2001: 01), "*Merleau-Ponty também fala daquilo que gira em torno de conexões funcionais, entre organismos e o seu meio ambiente, a saber, a intencionalidade*".

e) Constituição - algo que se constitui na consciência sobre o mundo

dos objetos. Segundo Éden (2001), o processo de constituição de sentido pode também ter lugar na espontaneidade corporal e substituir o "eu penso" cartesiano pelo "eu posso" originário.

f) Percepção - é o fato de zelar pela coisa em si desvelando-a. Percepção é movimento simultâneo. Não há percepção sem movimento. A percepção é correspondente da apercepção. É apropriação de uma percepção pela consciência, quer ao conferir-lhe maior clareza e distinção, quer ao privilegiar alguns dos seus aspectos, ou ainda ao associá-la a outros conteúdos.

g) Redução fenomenológica - de acordo com Japiassú (1996: 231) é um dos procedimentos centrais da fenomenologia. Significa que na relação com o conhecimento se deve concentrar a atenção nas coisas mesmas e não nas teorias. Pode ser *eidética*, quando se visam as essências e não os objetos concretos; e *transcendental* quando a consciência engloba as essências e os objetos, considerando-os como fenômeno. É o princípio metodológico que preconiza a suspensão prévia de todo juízo sobre o domínio do conhecimento em consideração.

Para descobrir o ser fundamental, a essência de fenômenos como Percepção, Sensibilidade e Intuição entre outras, utiliza-se a fenomenologia da assim denominada redução fenomenológica ou eidética. Para realizar a redução, por um ato de esforço mental, deve-se "colocar entre parênteses" (Einklammerung) a atitude mental de mundo, ou seja, os conhecimentos da ciência, da cultura ou da tradição. Por isto esta redução através do "por entre parênteses" se expressa sobre duas dimensões: a existencial e a histórica. Esta redução, para chegar "às coisas mesmas", pode, assim, ser interpretada como uma limitação e uma libertação, ao mesmo tempo, das amarras de um pensamento objetivista. (Kunz, 2000b: 08).

Fenomenologia, linguagem e corpo

Considerada como a última filosofia que se poderia dizer pura, a fenomenologia intenta levar ao caminho de volta, das coisas mesmas, ao que é o

homem, ao que é o pensamento do humano. O pensamento humano se expressa pelo mover-se e pelo falar. Falar e mover-se são formas de linguagem. O que diferencia o homem dos animais é a linguagem falada.

A linguagem é pensada e pode ser expressa em gestos, fala, arte etc. mas são também habilidades que podem ser desenvolvidas com base nas renovações nascidas valendo-se das intencionalidades. A linguagem é infinita e o homem é capaz de refazer o que faz, tendo por fundamento a linguagem: uma rede infinita de intencionalidades que se desfazem e se refazem no processo da busca de transcendência.

Quando se sabe falar sobre algo, também se pode pensar sobre esse algo. Pensar sobre algo é o germe da intencionalidade. Por isso, falar sobre a realidade, tomando-se por base intencionalidades autônomas, e sobretudo questionar sobre a realidade é a possibilidade fenomenológica de contactar a autenticidade.

É na linguagem que se encontra o valor da fenomenologia para a área de Educação Física. É na possibilidade de falar sobre o movimento e em particular, ser capaz de refazer a linguagem, de questionar essa realidade, na qual se expressa o resultado das intencionalidades, seja pela própria fala, seja pelo gesto. É na linguagem, que sempre pode ser refeita, que a incompletude do ser-no-mundo se revela e possibilita a eterna busca de respostas para a pergunta: *o que sou eu?* É também pela linguagem que nos transformamos em cada metáfora de corpo, em infinitas transcendências, em um ser consciente do mundo, pela possibilidade de pensar o mundo. É também a tentativa de responder: *o que é que?* É vivenciar as coisas mesmas, pelo processo contínuo de buscar saber. E, novamente, tentar responder: quais são as experiências

diretas que ainda podemos realizar?

Alguns pressupostos são de interesse para um pensar fenomenológico segundo Kunz (2000a, sn):

- a) o movimento do pensamento é fenomenológico. É um processo inacabado, inclusivo;
- b) existe sempre uma necessidade de radicalidade do pensar que também precisa ser transcendido da consciência científico tradicional;
- c) abertura para utilizar o método buscando superar orientações unilaterais;
- d) retomo do olhar sobre o conhecimento para a verdade do ser sentido;
- e) entender e aprender o mundo em sua origem (status nascendi).

Dessa forma, devemos buscar uma consciência da relação perceptiva com o mundo e não da relação com os conhecimentos produzidos nas relações externas e unicamente intelectualizados. Este é outro fator importante para a área de Educação Física, uma vez que nós pensamos por intermédio do corpo. A ação "improvisada" é um pensamento do corpo. As formalidades do conhecimento são uma barreira à experiência direta. Esta é a principal contribuição de Merleau-Ponty. O homem é o ser-no-mundo. Este ser-no-mundo é sempre um ser corporal.

Construindo EPP de corpo-no-mundo

A fenomenologia não é um estilo técnico ou um método. Pode ser pensada como uma maneira de ser-no-mundo constituindo o processo de diálogo entre imanência e não-imanência. É um movimento em direção à busca de uma

compreensão natural de mundo. Um movimento de busca interior a partir das aparências para uma consciência filosófica.

Na possibilidade fenomenológica, a existência humana acontece pela percepção, pela intuição e pela sensibilidade, oferecendo oportunidade de atendimento às circunstâncias da concepção natural do homem. Assim, a consciência humana se desvela pelo processo da transcendência gerado nos vislumbres vivenciados nas luzes de sua indestrutível essência.

A realidade não é o círculo que vemos; a realidade é um ponto imprevisível sem forma. Não nos encontramos em nós. Causa, efeito e linearidade temporal são forças auxiliares para a nossa consciência que concebe mundos. (Quinque, 1999: 207).

Podemos refletir e dizer que a fenomenologia é um horizonte para a apreensão de um entendimento do mundo. Essa "apreensão" e esse "entendimento" possibilitam o gradativo retorno do homem à sua própria natureza. Na visão de Quinque (1999), tal retorno pode ser descrito de forma coerente, ainda que seja aproximativo e incompleto.

O homem dispõe, por um lado, do saber exterior e, por outro, do conhecimento interior. Ele pode compreender ambos os pólos como sua realidade completa. Aos poucos isso tende a causar efeitos sobre toda a definição de conceitos (...) que cada um vive a sua verdade; como nos querem fazer crer os fúteis, só é verdade para a visão exterior formal e maiática. Num sentido essencial muito mais profundo, vivemos coletivamente a mesma verdade. (Quinque, 1999: 206 e 198).

A melhor forma de descrever o fenômeno é pelo se-movimentar, isto é, um ato de compreender o mundo, uma experiência de ser-de-ação-no-mundo. Essa experiência se dá no corpo... essa é a fenomenologia buscada para as práticas educacionais no interior da teoria e prática pedagógica em Educação Física.

A compreensão da participação do corpo para a construção do saber é vital. A ciência é o pensamento do outro. A fenomenologia é o próprio

pensamento. A ciência nos afasta do mundo. A fenomenologia nos aproxima do mundo. Quando separamos "nós" de "mundo", temos uma filosofia da consciência ou idealismo. A fenomenologia é acionada pelo próprio corpo-sujeito em sua ação enquanto ser-no-mundo.

Por conseguinte, surgem perguntas importantes: como é possível não cair nas artimanhas do dualismo? Como é o processo de interação entre o eu e o mundo? Como evitar a polarização sujeito-objeto? Uma pista possível é a reflexão nascida da intencionalidade de desvelamento do mundo pela aproximação corporal com esse mundo. Não de um mundo de sombras, excessivamente intelectualizado, mas pela descrição do mundo que se apresenta no processo de aproximação corporal na condição existencial de ser-no-mundo.

As sombras (intelectualização do mundo) nos impedem de enxergarmos o real e de enfatizarmos o "estudo das essências". Platão afirmava que não enxergamos o real, só enxergamos a sombra do real. Mas a essência só é encontrada no real. Enxergar o real é o se-movimentar, porque pela sensação, pela percepção sensível, temos a possibilidade de eliminar a sombra. Em suma, colocar entre parênteses o real (aprendido) e permitir o desvelar do real constituído pelo corpo-no-mundo.

A experiência direta é a essência que é mediada pela linguagem. Ao conceituar as coisas do mundo perdemos o vínculo com o que as coisas são. Por isso, não se pode aprender pelo conceito. Só se pode aprender pela experiência. *"Não se pode fazer fenomenologia das idéias. Idéias são o que a fenomenologia põe entre parênteses"*. (Kunz, 2000a: sn).

É na experiência experimentada dos desejos desejados que algo é belo para o sujeito, independente do conceito de belo que se criou; o belo sensível,

independente do conceito de belo que se queria pela cultura a respeito do belo. Esse é o processo que conduz ao caminho do reencontro com a própria natureza humana. Esse caminho é possível pela intencionalidade. É possível de se dar pelos processos corporais. No enalço do ser-no-mundo, na condição de corpo-no-mundo, abrir-se para o mundo, ter a consciência voltada para o mundo. "Ver" que o mundo estabelece o que vamos extrair dele pela nossa relação consciente com o mundo. Permitir que a intencionalidade forneça uma direção a essa relação de ser-com-o-mundo.

Assim sendo, poderemos dispor de seres autônomos, emancipados e livres de desejos condicionados. Tudo isso nasce do corpo. Um vínculo que temos com mundo para acontecimentos originais que pertencem à humanidade.

O Ser Humano se transmuta num Ser Humano verdadeiro e descobre sua verdadeira vontade, pois quem não faz o que a sua lei mais íntima lhe impõe ainda não se transformou de fato num Ser Humano. Sem conhecer o seu tema original de vida, ninguém pode ser uma pedra útil na construção do mundo. (Quinque, 1999: 208).

A fugacidade do reencontro intuitivo com o corpo

Propomos pensar sobre a necessidade de integrar sentimentos e desejos em que todos os encontros que estão por vir possam revelar-nos a dimensão de corpo em que o homem possa ser/estar em paz consigo mesmo e com os outros. Revelar descrições das dimensões de emancipação, ecologia corporal, sincronicidade consciente, alteridade madura e sustentação da vida que quer viver. Descrições de uma Pedagogia amorosa, na qual harmonia seja uma experiência muito mais comum que violência, paz do que guerra. E que a competição, cedendo lugar à cooperação, possa tornar-se a arte do encontro e não de desencontros.

Acreditamos que a busca do fenômeno de ser corpo buscado na direção de si mesmo, no sentido socrático do "conhece-te a si mesmo", restabelecem formas esquecidas de "ver" além do véu das aparências. Além daquilo que quotidianamente chamamos de corpo e que, transformado em veículo de ser e estar no mundo oferece-nos miríades de possibilidades, fugazes quase sempre, de dispor de uma visão de auto-realização. De um corpo capaz de transcender, quando se insurge das sutis camadas que envolvem sua existência "aprisionada" em "múltiplas camadas" de experiência humana sob a forma de músculos, ossos, nervos revestidos por uma pele.

Olhamos o corpo-rio-mundo, em busca da revelação de um nível de compreensão que favoreça uma descrição do fenômeno percebido, da possibilidade da expressão das "dimensões" evoluídas e pela manifestação destas, no nível físico. Mas com uma observação: diante do ilimitado número de limitações humanas, a que (ou a quem) devemos recorrer para responder questões eternas como: quem sou eu? de onde venho? para onde eu vou? E ainda mais: quais são as ferramentas para corroborar uma visão probabilista em vez de uma visão determinista? O que precisamos compreender na relação de casualidade para, em certo sentido, não nos cristalizarmos com a causalidade?

Pensamos que não é o caso de desvalorizar a linguagem probabilista, uma vez que corremos o risco de subestimar o que foi feito pelos "homens das ciências" no interior da história da produção do conhecimento. Existe um conceito da física quântica segundo o qual na observação da luz não se pode ver uma onda e uma partícula ao mesmo tempo; ou uma coisa, ou outra. Mas o poeta Sufi Rumi nos alerta: *"Muito além das idéias do certo e do errado existe um campo. Nos encontraremos lá"*.

Na biologia já ouvimos falar de neurotransmissores e peptídeos — substâncias pequeninas — mensageiros das informações para o sistema imunológico. Existem algumas centenas desses "mensageiros". Acreditamos que, provavelmente um para cada situação necessária, eles são altamente flexíveis e moldáveis. São produzidos pelo cérebro e se instalam em determinados lugares chamados "receptores" que também consideramos que sejam tantos quantos forem necessários para receber os neurotransmissores criados.

Será que eles são os próprios pensamentos? A inteligência deslocando-se em suas carruagens biológicas de alta precisão e significado para construção da vida? Atualmente não dispomos de recursos para descrever tal percepção. Certamente não seria filosofia... não seria ciência, pode ser algo que permeia ambas... tão fugaz que a consciência poderia multiplicar-se em multiconsciências.

Seria fenomenologia?

Para refletir a verticalidade e a busca de fugacidade do sentido do reencontro com um corpo de homem vertical, Jacob Boehme *in* Amorc (1983: 87), sugere que Ciência é o verdadeiro "ground"⁴⁵, a base da compreensão e da sensibilidade, é o fundamento de todos os começos espirituais. Sugere ainda que o Ser tem o poder de gerar a si mesmo e se configurar como o verbo eterno, em formas.

Para Derrida (1994), o "silêncio" fenomenológico só pode, portanto reconstituir-se por uma dupla exclusão ou dupla redução: a da relação com o outro em mim, na comunicação indicativa, e a da expressão como camada ulterior, superior e exterior à do sentido que me remete a pergunta clássica da fenomenologia: — a essência é o que é? — e que nos põe a refletir sobre o sentido

⁴⁵ Fundamento, campo, chão.

corporal da pura possibilidade. É esta pura possibilidade que nos permite distingui-la de imediato de toda outra essência.

Sendo assim, seria o corpo pura possibilidade que nos permite distingui-lo de imediato de todo outro corpo considerando o sentido de que o fenômeno lhe é imanente e que pode ser percebido, de alguma maneira? Dartigues (1992: 15) diz que se a essência permite reconhecer um fenômeno, é porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização e que "*a intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo*".

Temos então um problema e a nossa prerrogativa de querer descrevê-lo do nosso lugar, e – não imaginamos poder desvendá-lo – deixar espaços para o incomensurável; para a surpresa, para o encantamento, para algo vivo, não necessariamente orgânico, mas que permeia o sentir constituído corpo. Um corpo que pudesse "ver" no exercício do sentir e saber que somos um veículo do nosso ser-no-mundo. Que na forma de corpo somos humanidade, somos o mundo que em nosso ser cabe enquanto experiência vivida. Pensando assim, ativados pela experiência do em nós mesmo, só nos resta a única possibilidade: *Viver*.

Cenário Sutil: O Sentido do Corpo Fenomenal

A idéia de campo fenomenal nasce da necessidade de trazer "o sentir" à problematização filosófica. De questionar o empirismo que esvaziara a filosofia de todo mistério. De se opor à doutrina cartesiana que não dá importância filosófica aos fenômenos inassimiláveis pelo pensamento de fundo objetivo. Para Merleau-Ponty (2000: 348), "*O corpo fenomenal não é uma idéia, é um*

macrofenômeno", cuja verificação só é possível sob a condição de que se deixe de lado a noção de corpo-objeto.

Merleau-Ponty descreve em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, o "cenário", o fundo no qual se circunscreve toda a possibilidade de vida do ser-no-mundo: o Campo Fenomenal. A existência habitada pelo sentimento é o próprio espetáculo do mundo, pois é a noção de ser-no-mundo que nos torna corpo fenomenal.

Postulava-se que nossa experiência já assaltada pela física e pela biologia devia resolver-se inteiramente um saber objetivo quando o sistema das ciências estivesse acabado. Desde então a experiência do corpo se degradava em "interpretações" do corpo, não era um fenômeno, era um fato psíquico. (Merleau-Ponty, 1999a: 139).

O sentir investe o movimento de um valor vital, apreende a significação do mundo sendo no corpo a sua própria referência. É o sentido das tessituras da intenção que foram decodificadas pelo aditivo da procura expressa em forma de conhecimento de si. Como EPP, estabelece o diálogo no aqui-agora entre conhecer um conhecimento e existir numa existência. Abre a possibilidade de tornar segura – quando percebida pela consciência e por isso encarnada – uma reflexão na condição de se-movimentar, ao tempo que dimensionado em sua condição vital, também a prescreve como um intento – se é intencional - em direção à razão.

O Movimento Humano é o campo fenomenal que nos convida a reencontrar uma experiência direta de forma situada, intencionalizada nas ações das buscas. Buscas que se opõem ao olhar o corpo vivo como um objeto e o põe num lugar onde possa ser "visto" como um sistema de experiência que se torna expressão de uma relação dialógica entre corpo e mundo, entre interior e exterior como unidade funcional de ser-no-mundo. De uma conjunção expressa no diálogo

do físico, emocional, mental, intelectual, psíquico e espiritual, um diálogo vivo de forças múltiplas expressas em uma só: o corpo fenomenal. Uma experiência de exterior fundada no interior, na condição de ser uma experiência, como tal, de dupla via. Uma fusão entre subjetividade e exterior construindo constelações de novos "eus" infinitos em cada enformação da vida no corpo-próprio. Todos transformados em sujeitos-do-mundo, sejam/estejam conscientes ou não.

O corpo fenomenal é o ponto de reflexão da gênese de um sujeito em eterna busca, pela certeza da sua incompletude; da sua gradativa e ininterrupta ascensão fundada nas suas origens re-construídas pelo constante re-torno ao mundo vivido "*já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo*" conforme pensou o filósofo.⁴⁶

O corpo fenomenal é o berço onde repousam as coisas mesmas, à espera de serem "lembradas" pela consciência, constituídas nas transcendências das experiências vividas, para assim expressarem o mundo-vivido.

E como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, **(conectado ao campo fenomenal)**⁴⁷ arrastará os fios intencionais que o ligam **(ou o desligam)**⁴⁸ a seu ambiente e finalmente revelará o sujeito... (Merleau-Ponty, 1999a: 110).

Merleau-Ponty (ibidem: 624) cita que "*A alma não age sobre o corpo objetivo e sim sobre o corpo fenomenal*". Ou seja, age "para mim" no meu corpo como um ser-no-mundo. Desvela o meu corpo "para o outro" na forma de corpo objetivo. Duas visões sobre mim e sobre o meu corpo. Meu corpo para mim, meu corpo para o outro. O "para mim" e o "para o outro" dessa forma coexistem em um mesmo mundo. O mundo do meu corpo, de um corpo-no-mundo.

⁴⁶ Merleau-Ponty (1999: 89)

⁴⁷ Grifo nosso

⁴⁸ Grifo nosso

A chave para estabelecer essa recondução a essa coexistência reside na possibilidade do diálogo, na dialogicidade, que pode ser experimentada e vivida no sistema natural do próprio corpo. Essa relação é toda acontecimento na ordem do fenomenal, mas é o outro que atribui ao sujeito do movimento a sua representação objetiva de corpo vivo.

Não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levanta em direção aos objetos... (Merleau-Ponty, 1999a: 153).

Mas, a nitidez das percepções de campo só se tornam possíveis quando há superação da imobilidade. Ou seja, o movimento em direção ao outro, ao mundo ou a si mesmo, carregado com suas intencionalidades e no qual o sujeito se re-conhece.

... cada estimulação corporal desperta, um tipo de "movimento virtual"; a parte interrogada do corpo sai do anonimato, anuncia-se por uma tensão particular... [...] ... todo movimento tem um fundo, e o movimento e seu fundo são "momentos de uma totalidade única". (Merleau-Ponty, 1999a: 157 e 159).

O fundo do movimento é imanente ao próprio movimento. Ele o anima e o mantém a cada momento. Mover-se é sempre uma forma original de dialogizar. Ao fundo do movimento, Merleau-Ponty (ibidem) distingue duas posições diferentes: o fundo do *movimento concreto* e o fundo do *movimento abstrato*. O mundo dado é fundo para movimentos concretos, enquanto o mundo possível de ser construído pelas intencionalidades é o fundo dos movimentos abstratos.

Essa distinção só pode ser mantida se para o corpo existirem várias maneiras de ser corpo e para a consciência, várias maneiras de ser consciência. O quadro a seguir apresenta algumas diferenças entre os campos dos

movimentos concretos e abstratos:

Tabela 1: O Fundo dos Movimentos

FUNDO DOS MOVIMENTOS	
MOVIMENTO CONCRETO (Greifen)	MOVIMENTO ABSTRATO (Zeigen)
Centrípeto (dirige-se para o centro, de fora para dentro); Ocorre no ser, no atual; Adere ao fundo dado; Tátil; Acontece pela "percepção" e pela "representação visual".	Centrifugo (afasta-se do centro, de dentro para fora); Ocorre no não-ser, no possível; Desdobra ele mesmo seu fundo; Acontece pela "projeção" ou "evocação" de fazer apenas o que era ausente; Função simbólica.

Fonte: Adaptado de Merleau-Ponty, 1999: 160.

Um sábio (Tilak, 74: 30) assim diz sobre corpo fenomenal: *"brilha por todo o corpo, mas não podemos limitá-lo ao corpo. Está além de todos os limites"*. O filósofo⁴⁹ diz que ver como um homem vê e ser espírito são sinônimos. O corpo possui um poder de expressão natural que pode ser revelado quando o conhecimento do outro ilumina o conhecimento de si. No corpo do outro, o espetáculo exterior nos revela o sentido das nossas próprias pulsões. É por intermédio do próprio corpo que se pode compreender o outro, assim como é no nosso corpo que somos "tocados" pelo mundo. Para poder exprimir qualquer pensamento é o próprio corpo que se torna pensamento. É o corpo que se mostra e é ele que nos fala através do gesto transformado em pensamento. Merleau-Ponty (1999, 213) afirmou que tudo reside no corpo quando se quer conhecer o problema do mundo e que a sua meta constante foi *"pôr em evidência a função primordial pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos espaço, o objeto ou o instrumento e descrever o corpo enquanto lugar dessa apropriação"*.

⁴⁹ Maurice Merleau-Ponty.

O expresso não existe separado da expressão... é dessa maneira que o corpo exprime a existência total... a existência se realiza nele. Esse sentido encarnado é o fenômeno central. Nem o corpo nem a existência podem passar pelo original do Ser Humano, já que cada um pressupõe o outro e já que o corpo é a existência imobilizada, e a existência uma encarnação perpétua. Um campo fenomenal... um corpo fenomenal.

Cenário Prático: Sintonizando com o Corpo Relacional

Com referência ao corpo relacional é preciso "ver" que a relação homem-mundo ganha um entorno de dialogicidade quando é percebida tomando-se por base o se-movimentar. Segundo Kunz (1991), para estudar o Mundo do Movimento, ou seja, o diálogo com o Mundo socioeconômico e cultural, estrutura política, social e econômica do contexto no qual se localiza o Movimento Humano, está em jogo qual compreensão de corpo se faz entender nessas relações.

Neste caso, nosso entendimento conceitual está apoiado em Kunz (1991) e Trebels (1993) que se apóiam em Tamboer. Ou seja, sempre que nos referirmos a corpo, a não ser que seja indicado, estaremos tentando falar de Corpo-sujeito, Corpo-vivido animado (*Leib*⁵⁰). É claro que nesse estudo não existe qualquer pretensão de superação do dualismo histórico que segue a trajetória da influência de Platão a Descartes.

No pensamento ocidental, percorrido de Platão a Descartes, mas centrado nestes dois, que mais influenciaram um conceito dualista de Homem, configurou-se uma imagem negativa de corpo. Até hoje são conhecidas muitas metáforas que expressavam (e ainda expressam) a imagem de corpo: prisão da alma, instrumento, máquina etc. Teoricamente, esta imagem tenta ser superada só mais recentemente, com os trabalhos de Marcel, Merleau-Ponty e Levinas, precedidos por

⁵⁰ Corpo vivo, animado, sujeito.

trabalhos que lhe abriram caminhos nesta definição, como Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, como muito bem lembra Tamboer (1989). (Kunz, 1991: 168).

Daí, a opção intencional de trabalhar tendo uma visão de corpo como uma complexa rede de relações e inter-relações. De uma intenção em buscar uma concepção de corpo "não newtoniana". Logo, uma opção por uma concepção relacional e não substancial de corpo. Para esclarecer essas sutis diferenças valemo-nos de Kunz (ibidem), e Trebels (ibidem) apresentando a seguir a tabela com as principais diferenças entre corpo substancial e corpo relacional.

Tabela 2: Diferenças entre Corpo Substancial e Corpo Relacional	
CORPO (Leib)	
SUBSTANCIAL	RELACIONAL
NATUREZA	
Newtoniano – a natureza entendida como composição de "partículas" que se atraem e se repelem.	Física Moderna – "Mecânica quântica" e Teoria da Relatividade de Einstein – Uma complexa e dinâmica rede de relações.
IMAGEM	
Relação com o dualismo antropológico tradicional da filosofia grega; Relação com a terminologia grega "substância", i. é., que existe por si mesmo. Algo em si e fechado.	Os sentidos e significados são dependentes de uma intencionalidade na relação Homem-Mundo. O surgimento de imagens significativas é constatado pelo próprio agir. Caracteriza-se pela interpretação que fornece à concepção de "Corpo-humano como uma compreensão-de-Mundo-pela-ação".
CARACTERÍSTICA PRINCIPAL	
O homem é composto de substâncias (corpo e alma). Fragmentado em componentes internos e externos.	O vínculo entre Homem e Mundo é inseparável. Uma rede complexa de relações implícitas e significativas.
METÁFORAS DE CORPO	
Instrumento, prisão da alma, aparelho locomotor, meio de expressão, máquina, computador.	Holográfico, encantado, vivencial, espaço de transcendência, quântico, vivo, multidimensional.

VINCULO COM O MUNDO	
- Causal, disciplinar, não-dialético-fenomenológico. - Relação mecânica entre homem e mundo	Inseparável entre Homem e Mundo. Não é possível definir homem e mundo separadamente.
CONCEPÇÃO	
Corpo-objeto dualista, mecanicista.	Corpo sujeito não dualista, fenomenológico. Tudo que o homem faz ou deixa de fazer é considerado "corporal".
ÁREAS DE ESTUDO	
Disciplinar, Fisiologia, Anatomia, Biomecânica, Sociologia.	Filosofia, Antropologia, interdisciplinar, transdisciplinar, vivências, histórias de vida, narrativas, dialogicidade.
FUNÇÃO DO CORPO	
Mediador entre o mundo psicológico-interno e o mundo físico-externo.	Experimentador das relações em nosso Mundo que é construído pelas nossas ações. Compreender o mundo pela ação.
RELAÇÃO HOMEM-MUNDO	
Homem separado do Mundo.	Homem é o ser-no-mundo.
FORMA DE AÇÃO	
Eu penso.	Eu posso.
O QUE É REALÇADO	
A forma e a função.	A intencionalidade e as possibilidades de Ação do Homem.
O MOVIMENTO	
Pensa poder distinguir uma atividade corporal a uma atividade "não corporal".	O movimentar-se é tão corporal como o pensar, perceber ou falar e é sempre uma concretização da relação-com-o-Mundo.
OS SERES HUMANOS	
Ilhas isoladas. Sem história.	Horizontes abertos. Históricos.
COMO ACONTECEM NA AÇÃO	
- De forma linear, disciplinar, associada a estereótipos, podem ser neutros, relações causais com as ações, de forma empírico-analítica.	De forma não linear, inter, multi e transdisciplinar; não podem ser neutros; relações significativas, realização (atualização) de relações significativas de múltiplas formas.
LIMITES	
Quase sempre definitivos.	Quase sempre não definitivos.

LIMITAÇÕES

Baseados na definição de "mudança de lugar" do corpo substancial, ou de partes deste com interpretações puramente empírico-descritivas.

Do ponto de vista "sincrônico" ou Plano Horizontal:

- Nível micro - relação se estabelece somente com o sujeito da ação.
- Nível meso - relação se estabelece entre o sujeito da ação e o sujeito que solicita a Ação (o outro na Ação).
- Nível macro - relação é estabelecida a partir da influência de determinados ideais éticos que podem influenciar a Ação.

Do ponto de vista "diacrônico" ou Plano Vertical

- Nível de acontecimento - as decisões do Sujeito da Ação.
- Nível estrutural - condições socioeconômicas, de tempo, socioculturais do sujeito da ação.

No plano diacrônico as ações de decisões pessoais podem ser desmascaradas como ilusórias a depender do nível de consciência e de amplitude da Verticalidade.

Fonte: Adaptado de Kunz (1991: 162-181) e Trebels (1993: 338-344).

Movimento dialógico

Na concepção dialógica para o Movimento Humano (Kunz, 1998, 1991 e Trebels, 1993) busca-se uma consideração que facilite ao Ser Humano ser no seu se-movimentar a sua relação-com-o-mundo, o sujeito da sua ação, o sujeito no ato diálogo com o outro na sua ação sobre a influência deste outro. Esse ato é sempre um ato de dupla via, mesmo considerando que as responsabilidades são diferentes em função da experiência constituída de cada interlocutor.

Freire (1999), por exemplo, oferece ao oprimido a possibilidade responsável de libertar o opressor, já que só oprime o outro aquele que corporificou as experiências de opressão no seu mundo vivido, em razão de ter sido "objeto" de opressão. Daí a dialogicidade ser também um ato de oferta de si

mesmo ao "preço" do nível de consciência que compreenda a relação Homem-Mundo como uma unidade indivisível. Um entendimento que possa levar ao diálogo, a um clima de confiança e esperança. Onde passado e futuro possam concorrer no presente na luta em superar situações-limite, com vistas à conquista no dia-a-dia pela humanização das relações.

Nesse sentido, sabemos que o Ser Humano no seu se-movimentar é expressão no seu próprio movimento da sua consciência constituída nas suas experiências vividas. É o próprio movimento em busca de direção para uma ação ou para uma não-ação. Nesses termos é preciso lembrar da força que se constitui o entorno do "não-vivido"⁵¹.

Um não-vivido pode ser pensado como "espaços vazios" do conhecimento, que sempre nos remetem a infinitas possibilidades históricas. Esse "não-vivido", ao ser reconhecido na forma de "espaço vazio" pode nutrir ou não as possibilidades transformadoras. Portanto, aquilo que se espera ser desejável na Ação Humana Dialógica na Educação, deve refletir em forma de um projeto político social determinado e de uma postura pedagógica crítica conforme sugere Kunz (1991). Deve ser, então, percebido o sentido em sua condição Humana de forma integral e considerada em sua totalidade, sempre com probabilidades e possibilidades de vazios a serem dialogados, investidos ou renunciados por outros vazios ou por ações conscientes.

Nesta concepção, o Ser Humano não é simplesmente um corpo que se movimenta no qual o sujeito desse se-movimentar é interpretado como objeto, de forma fragmentada e sem contextos significativos. É uma concepção na qual o

⁵¹ O não-vivido pode ser traduzido como Espaço de Probabilidades e Possibilidades, aquilo que não foi vivenciado. Pode até mesmo ser pensado como eventos não-locais que ainda não estão constituídos na consciência, uma vez que nenhum fenômeno é fenômeno, a menos que se observe na própria consciência. Ou seja, "Consciência é sempre consciência de alguma coisa". (Husserl).

Ser Humano será sempre a procura de "um sentido buscado" pela intencionalidade da sua ação. É um se-movimentar com sentido dialógico expresso com propriedade por Kunz (1991: 174):

Daí o que pode ser colocado como ponto de reflexão são as intencionalidades dos Seres Humanos, pois estes se movimentam, e por isso representam vida, onde a conduta humana é tanto o processo como o produto do diálogo entre Ser Humano e Mundo. Diálogo este gerado da mediação entre sentidos, significados e significantes.

O se-movimentar, entendido como diálogo entre Ser Humano-e-Mundo, envolve o corpo-sujeito desse acontecimento sempre na sua intencionalidade. É através desta intencionalidade que se constitui o Sentido/significado do se-movimentar. Sentido/significado e Intencionalidade têm assim uma relação muito estreita na concepção dialógica do Movimento Humano que expressa o diálogo sensível entre Ser Humano-e-Mundo fundado na Vivência Corporal:

Cenário Sensível: Vivência Corporal⁵²

Se o corpo é a figura visível de nossas intenções, a vivência é a paleta de cores que dão significado e sentido à percepção da experiência corporal. É valendo-se do mundo sensível que corporificamos nossas experiências. Conjugando nossas reflexões com o corpo, somos sensíveis ao mundo, ao outro. Este é o espaço de linguagem direta que nos liga ao mundo.

A vivência é o fundamento presente que nos possibilita evitar a divisão sujeito-objeto. É a pulsação que gera reflexão como produto da experiência vivida. Vivência Corporal é o engajamento no processo do existir. É a

⁵² Compreendemos que o termo Vivência Corporal possui uma amplitude de interpretações, já que pode ser condicionado a metáforas. Mas neste trabalho diz respeito a pensar o Movimento Humano considerando a concepção de Corpo (Leib) Relacional. Assim deve ser entendido em termos de constituição de Fundo de Movimentos Abstratos, do Campo Fenomenal no se-movimentar do Corpo (Leib) Relacional.

possibilidade de um contato - mesmo que por vezes efêmero, porque nossa ação cotidiana nos modula predominantemente no campo inconsciente – como ser-no-mundo encarnado, como corpo-sujeito.

A vivência é um espaço da possibilidade de uma tomada de consciência; é o encontro anterior ao mundo pensado no qual acontecem contextos que nos colocam na perspectiva do reencontrarmos-nos, pelo retorno ao mundo pré-reflexivo. É o contexto do subproduto corpóreo que nos remete à comunicação com o mundo, pois não possui, assim como nas cores, conforme Carmo (2000: 43), uma essência que nos permita tratá-la separadamente da experiência vivida. *"O corpo permite que haja conexões entre os campos de sensibilidade... Percepção exterior e percepção do corpo se entrelaçam, variam juntas, são correlatas"*. Um campo no qual podemos "colorir" nossos pensamentos.

Vivenciar o corpo é mergulhar nele, tendo como direção as percepções que se dissimulam aparecendo... desaparecendo... por intermédio de reflexos, sombras, horizontes reflexivos. O campo da percepção se aperfeiçoa através do nosso agir vivente. De acordo com Éden (2001), sentido e significado são imanentes a todos os modos de ação e vivência.

É nas Vivências Corporais que temos a possibilidade de nos encantar com o rico espetáculo do mundo. Passado e futuro concorrem no aqui agora. A Vivência Corporal é o espaço de concordância entre o futuro e o passado. É a vida expressa, manifesta no presente. Seja manifestação de prazer, dor, alegria ou tristeza. É a atualização da experiência, da consciência que sempre se renova no vir-a-ser do sentido desvelado. Para Carmo (2000: 47) *"Sombra e luz acompanham nossa vivência com os objetos. Assim, não estamos diante das*

coisas do mundo como meros espectadores, mais entre as coisas, interagindo com elas".

A vivência é também a possibilidade de conhecer-se pelo que se tem de oculto, de imanifesto, inconsciente. Por aquilo que não foi, não é, talvez possa ser, mas não é exposto e não se manifesta diretamente ao nosso "olhar". É o espaço da surpresa de si mesmo, do mistério, do vir-a-ser. É o alimento que nos faz pensar e interrogar sobre o encantamento esquecido de um corpo reflexionante⁵³.

Vejamos como se dá essa conjunção de significados no existir incorporado de corpo-río-mundo: em todo ato comunicativo no qual o Ser Humano participa, sempre existe um espaço incógnito, velado, em que se esgueira consciente ou inconscientemente parte do que poderia ser comunicado. Assim Carmo (2000: 58) nos alerta para essa condição comunicativa que em *"razão disso, todo ato de expressão carregaria consigo o subentendido, o irrefletido, algo inefável. É preciso buscar o segredo da linguagem. Em seu estado latente, no mundo silencioso da percepção"*.

Esta possibilidade de contato com o mundo sensível, através da oportunidade de expressar experiências do Mundo Vivido, no se-movimentar é o espaço da vivência. É o próprio pensar com o corpo que se organiza do silêncio originário anterior a toda elaboração reflexiva. A Vivência Corporal dá existência visível àquilo que a visão ingênua desconhece, aproxima-nos do mundo sem que tenhamos necessidade de tocá-lo para sentir sua presença, uma vez que já o sou corpo-no-mundo.

⁵³ Tanto abrange o sentido de pensar maduramente e refletir criticamente sobre algo, ou de refletir enquanto ato comunicativo no sentido de retratar-se, repercutir-se na ação do diálogo e até de iluminar ou iluminar-se pelo reflexo das ações de conhecimento adquiridos na vivência.

Do silêncio perceptivo de onde se originam os gestos, valendo-se das construções favorecidas no espaço das Vivências Corporais, retornam em forma de ação os arquivos do Mundo Vivido. Retornam para depois voltar, e nisso há uma espontaneidade que transcende o pensamento, ou qualquer ordem reflexiva. O silêncio perceptivo é fonte de afluência e confluência de onde se desencadeiam os atos, palavras, gestos, ações do se-movimentar. Se tivéssemos de pensá-los antecipadamente não seriam possíveis.

A Vivência Corporal é também um experimentar as coisas mesmas, falar de si mesmo, do modo como é "tocado" com aquilo que cotidianamente nos cerca, tal como essas vivências se apresentam a nós no mundo. É a possibilidade auto-reflexiva gerada do sensível, no vivido. É o espaço que possibilita a existência exercida pelo Ser Humano em seu meio natural, cultural e histórico, como um ser-encarnado-no-mundo.

É a porta de entrada para a experiência do encontro com o ser sensível; Espaço multidimensional da construção de estilos de pensamentos com início na experiência das coisas mesmas em si e para si refletidas. É a tela na qual são espacializadas, tridimensionalmente, a integração do ser-no-mundo, do corpo feito tela, no qual todos os matizes sensíveis se desvelam a cada experiência.

A Vivência Corporal é o alimento que proporciona a visão da essência do ser-no-mundo encarnado e corporificado pela experiência. Mas o que é vivência? Podemos estabelecer algumas idéias a respeito: a) o fato de ter vida, de viver; b) experiência de vida; c) o que se viveu; d) situação, modos ou hábitos de vida.

É expressão de vida, e onde existe vida existe movimento, transmissão de sentimentos, comunicação. Não pode ser satisfatoriamente descrita,

verbalizada. É essencial vivê-la, senti-la, experimentá-la. É inerente ao Ser Humano, nasceu com a própria Humanidade. Não é privilégio. É a possibilidade em qualquer Ser Humano.

É exploração e experimentação de gestos, ações e movimentos percebidos e executados nas diversas funções de seu cotidiano que favorecem possibilidade de re-construção da linguagem corporal, de conscientização individual e maior integração coletiva, tendo a expressão como essência. Mas também é o deslocamento da reflexão para o homem que vive.

A vivência representa a unidade indissolúvel de elementos externos e internos, que se expressam indissolúvelmente integrados em aspectos cognitivos e afetivos. [...] Vigotsky considera a vivência como unidade de desenvolvimento, como unidade da situação social de desenvolvimento, entendendo por vivência a relação afetiva da criança (ou de qualquer Ser Humano)⁵⁴ com o seu meio. (González Rey, 2000: 04).

É o processo de questionamento através do liame da intenção e que situa o Ser Humano incorporado como ser-no-mundo. A abertura para olhar para si mesmo na condição de existência de fenômeno que para si mesmo se mostra, sem interferências explicativas.

É a tomada de distância que nos "descola" do mundo exterior para melhor observar a nós mesmos numa perspectiva de objetividade-entre-parenteses⁵⁵, sem nos retirarmos dos contornos das experiências vivenciadas, nelas circunscritos pelos fios intencionais que nos mantêm ligados ao mundo e no qual nele somos a própria experiência vivida, enraizada no nosso ser sensível, no nosso corpo que nos mantêm ligados ao mundo.

É a oportunidade do aprendizado da consciência que se dá na experiência da vivência e estimula o fluxo da vida sentindo a própria existência do ser-no-mundo. Para Merleau Ponty (1999a), consciência e corpo são

⁵⁴ Grifo nosso.

⁵⁵ Ver Maturana, 1998.

interdependentes. Um corpo sem consciência é a ausência da autonomia do ser-no-mundo ao passo que consciência sem corpo nos conduz a uma impossibilidade. São pares que se movimentam e ao mesmo tempo se excluem e complementam valendo-se do espaço do vivido que traduz sempre um conhecimento direto da própria realidade vivida. Um vivo-vivenciado da experiência.

O Vivo-Vivenciado

As impressões chamadas experiências ficam guardadas como se fossem memórias, como se fossem arquivos à espera de serem acessados à medida que são ativadas pelo processo da vivência. Tais "arquivamentos" muitas vezes são inconscientes e se estiram ou se encolhem pelo corpo, como se fossem ondas num oceano de informações. No corpo, quando trazidas à consciência, passam a construir um "novo" corpo, de acordo com as lembranças das experiências "desarquivadas" que agora enformam⁵⁶ o novo corpo.

Dessa forma, quando as novas informações são incorporadas, um "novo" corpo se reconstrói do "anterior", uma cadeia de eventos se constituindo dando lugar ao processo de transformação. Um momento de mudança é constituído na preparação do corpo transformado pela informação atualizada. Este é o processo que talvez possa explicar a transformação didático-pedagógica⁵⁷ feita em processo vivo no corpo relacional encarnado na condição de agente de promoção de aprendizagem.

Nesse processo sempre aprendente de si mesmo, o "novo" corpo vai formar-se de acordo com as impressões adquiridas das experiências das Vivências Corporais. Nenhuma mudança intermediária poderá acontecer até que

⁵⁶ Ver Merleau Ponty, 1999.

⁵⁷ Ver Kunz, 1991, 2001.

se tenha adquirido, pela reflexão crítica, os sentidos e significados da experiência.

Nesse sentido, o vivo-vivenciado é a experiência corporal na qual as impressões se tornam conscientes. É a Vivência Corporal que estimula a mente, o jogo da consciência e desperta para condição do vivo-vivenciado. De outra forma, o se-movimentar é realizado sem sentidos nem significados e por isso não traduz um processo de vida e engajamento orgânico no fazer, e podendo ocorrer aí, um processo de alienação.

Vejamos um exemplo prático: para captar claramente como o corpo fenomenal se constrói pela experiência vamos imaginar o sistema de TV. Para a imagem ser transmitida, a luz se focaliza no objeto a ser transmitido, depois a luz é refletida com as impressões do objeto, transforma-se em corrente elétrica e mais tarde essa corrente se converte em ondas etéreas e vai transmitir-se.

Tudo isso acontece no local onde está o transmissor. No outro extremo, o receptor recebe essa onda transmitida, que se transforma em corrente elétrica. Quando essa corrente elétrica se transforma em luz, temos finalmente a imagem com todas as impressões dos objetos originais. Assim como as impressões do objeto são transmitidas e recebidas, a experiência produzida pela Vivência Corporal é transmissora de memória, de Mundo Vivido, que guarda o potencial da transformação. Tilak (1974: 106) diz que "*Quando mais sutil o aspecto (da experiência)*⁵⁸ *mais permanente é a sua natureza. Todos os aspectos que são sujeitos a mudanças são transitórios – às vezes os vemos e outras não*" no mostrando uma forma de "olhar" para o processo da transformação.

Nosso corpo é a fonte da emancipação, é a nossa essência. Mas se

⁵⁸ Grifo nosso.

este corpo não é processo do vivo-vivenciado: quando as impressões são produzidas com base em referências unicamente externas, o mal-estar é produzido. O sentido da escravidão é desencadeado. Perde-se a legitimidade, constrói-se a dependência, o condicionamento, imprime-se a força do estereótipo.

Não podemos perder de vista que a emancipação é o resultado de um processo de transformação da consciência e que o vivo-vivenciado é oportunidade de conviver com a experiência direta. Daí o ponto focal da experiência direta do vivo-vivenciado: é a pulsão da emancipação e a liberação de todos os tipos de escravidão, é a finalidade suprema da vida, é o destino mais alto de todo ser. Então, o que buscamos na fenomenologia é um campo propício de questionamentos que possa olhar para o Ser Humano construído de um ponto de vista do Vivo e, ao "olharmos" para sua experiência, reconhecemos nela o vivo-vivenciado.

No processo em que vinculamos a fenomenologia como campo de questionamento, abre-se o âmbito de um novo espaço de convivência com o mundo e, ao mesmo tempo, com nós mesmos, que podem envolver-nos em dinâmicas do conhecer com respaldo filosófico e até mesmo científico.

Esse espaço criador nos aparece como um campo de convivência no qual, segundo Dichtchekenian (1984), a primeira instância na qual ele se é o campo da vivência. Espaço de proximidade onde simultaneamente coexistem a realidade de nossa experiência e o convívio com nós mesmos. Assim se refere ao campo de convivência:

...este plano de convivência é o que poderíamos designar como plano da vivência, onde sujeito-objeto convivem numa sintonia ou numa afinidade originária, a tal ponto que é próprio do sujeito estar com as coisas, assim como não há coisas sem a presença do sujeito. (Dichtchekenian, 1984: 95).

Mas para que o conhecimento desvelado da experiência possa ser re-conhecido na vivência, há necessidade de uma espécie de ruptura desencadeada pela proximidade entre a realidade da experiência e o convívio com o ser-da-experiência. Esse convívio abre horizontes de possibilidades, no momento em que, pela reflexão, a expressão da vivência toma o destino da ruptura na polarização entre sujeito e objeto.

A vivência é o espaço em que horizontes de possibilidades se desvelam. É um estar mergulhado na própria presença, um ser-no-mundo tendo como oceano do seu vir-a-ser o próprio corpo. Um corpo no qual exercemos a passagem da vivência para o conhecimento, na experiência do re-conhecimento, que se apresenta em forma de uma retirada ou tomada de distância. Um corpo que, reconhecendo o próprio ato como agente de experimentação e transformação, olha para si mesmo com novo olhar, e cada vez mais e sempre... outro novo olhar.

Neste sentido é que o ser-no-mundo é enquanto *Da-sein*: espaço onde o ser se revela. O próprio mundo se faz e se mostra na existência como já feito, mas refeito no espaço livre onde, a reportar-se de existência ao já feito lhe confere um cunho de propriedade que remete para novas apropriações ou para o inacabamento. (Dichtchekenian, 1984: 98).

O processo de ruptura é a própria relação entre o conhecimento a ser re-conhecido pelo sujeito, na forma de como se envolve, com seu corpo-no-mundo, com o seu incansável vir-a-ser. Isto é demarcado pelo comprometimento e pela maneira como o sujeito se dá na busca da experiência da vivência. A separação, ou seja, o novo conhecimento, é o lançar-se ao re-conhecimento no qual o sujeito se confronta como atuante, autônomo e então se separa do ato, e aí, seguidamente, na medida do vivido, lança-se a novos impulsos de ruptura. Consideramos que a ruptura é a possibilidade esclarecida do processo de

autonomia, que de outra forma pode ser impossibilitada pela ausência de "saltos⁵⁹" em direção ao vazio que se preenche na experiência do vivo-vivenciado.

A Intencionalidade como Inteligência Corporal Autônoma

Pensamos aqui introduzir um conjunto de palavras nas quais buscamos apresentar a sua essência, ou seja, uma certa "força" que nos mantém vitalizados e que precisa ser reconhecida. A essa "força" denominaremos Inteligência Corpórea Autônoma (ICA). Segundo Castaneda (1998: 13) *"existe uma quantidade inerente de energia em cada um de nós, uma quantidade que não está sujeita ao assédio violento de forças exteriores para aumentá-la ou diminuí-la"*.

Um mundo vivo está em constante fluxo. Ele se movimenta. Ele se altera completamente. Um dos potenciais do Campo das Vivências Corporais na Educação Física, ou em outra área, pois não são necessariamente exclusivas da Educação Física, é o de trabalhar com um sentido voltado para a ICA. Essa intencionalidade refaz a leitura de mundo, de uma visão linear para uma visão multirreferencial não-linear, a qual, pelo intento ou intencionalidade, pode saturar a memória cinestésica com movimentos desvinculados de estereótipos reificadores. Dessa forma, "cria-se" um campo perceptivo no qual é possível estabelecer um espaço de silêncio interior⁶⁰ pela observação de si mesmo, desarticulando progressivamente a atenção do cotidiano. Castaneda (1998: 33), afirma que *"uma vez que todos nós estamos cheios até a borda com o que*

⁵⁹ Entendidos, também, como Pontos de Mutação (Capra, 1991) ou Saltos Quânticos (Goswami, 2001).

⁶⁰ Em essência o processo de elevar o nível de percepção de si mesmo, diálogo interior que promove um efeito vitalizante nos principais centros energéticos corporais. Aqui me reporto ao que Carlos Castaneda (1999) sugere.

precisamos fazer e com o que não precisamos fazer no mundo da vida cotidiana, temos muito pouco espaço para a memória cinestésica".

Assim, enquanto se vivencia o se-movimentar em um contexto em que se estimula o olhar e o respirar dos movimentos de formas não-estereotipadas, mas sempre acionadas a contextos problematizadores das ações e prestando atenção (intencionalidade) a si mesmo, abrem-se espaços para as percepções afastadas do foco do cotidiano.

Outro aspecto que é vivenciado é o de cada participante desviar-se do aspecto no qual um consenso do se-movimentar, gerado da comparação e da imitação, produz um ambiente de dependência do gesto do outro. Tal fenômeno é o princípio do aparecimento de comandos sintáticos⁶¹ e de solicitações que tem a ver com hierarquia e liderança destituída de contextos nas quais estas também possam ser dissolvidas enquanto presença não obrigatória para constituir a autonomia.

Sabe-se que a totalidade do comportamento humano recebe uma forte influência da linguagem, e que todos os seres humanos aprendem a reagir a esses comandos sintáticos. Uma das condições fundamentais na participação de Vivências Corporais é a de que cada pessoa possa desenvolver um senso perceptivo de como reage a esses comandos e a partir dessas vivências, pela reflexão crítica, poder afastar-se das suas conseqüências negativas: uma excessiva dependência da constituição de imagens de mundo, do outro e de nós mesmos, produzidas por motivações externas via de regra com caráter reificador.

Os seres humanos estão em uma viagem de percepção que tem sido momentaneamente interrompida por forças exteriores. [...] os seres

⁶¹ Formas elogiosas ou depreciativas construídas na linguagem para homogeneizar o gesto de pessoas individualmente ou em grupos. Por exemplo: "você não poderia fazer melhor, fique frio, melhor assim, nenhum problema, é hora de se preocupar, não consigo emagrecer, queria ser diferente, preciso encontrar forças, estou com problemas".

humanos são criaturas envolvidas em uma evolucionária viagem de percepção; na verdade, seres desconhecidos de si próprios, repletos até a borda de recursos incríveis que nunca são utilizados. (Castaneda, 1998: 37)

De acordo com Ramos (1998), o Ser Humano é captado pelo seu sistema perceptivo em dois níveis: o macro e o micro. O macro é captado como material, biológico; o micro é captado como não-material (sensível). Merleau-Ponty (2000) utiliza o conceito de corpo fenomenal como macrofenômeno, donde se deduz, por analogia, que seja constituído pelo nível micro não-material (sensível). Para o corpo objetivo, o que o constitui é o nível macro, material, biológico.

O que podemos entender é que nas duas esferas modificam-se apenas as aparências, permanecendo sempre a mesma essência, ou seja, por hipótese, o Campo Quântico. Uma metáfora pode ser construída nessas circunstâncias de compreensão de mundo: corpo objetivo e corpo fenomenal são manifestações distintas do mesmo Campo. Então temos um só campo, um corpo-no-mundo. Conforme Merleau-Ponty (2000, 350) um corpo *"mensurador do mundo, eu estou aberto para o mundo, porque estou dentro do meu corpo"* ou seja: (ibidem: 351) *"uma interioridade do corpo, um outro lado para nós invisível, desse visível... um corpo como totalidade aberta"*. Um corpo macromicro no qual de acordo com Ramos (1998:115),

somos um sistema vibratório. O macromicro é o sistema vibratório. Como estamos verificando, em qualquer nível, macrocômico ou microcômico, estamos sempre lidando com situações dinâmicas que se interagem em movimentos vibratórios.

Ou seja, o Ser Humano é como um complexo macromicro vibratório. Um ser-no-mundo em que a vibração é referencia para a experiência dialógica no processo da intersubjetividade. De acordo com Castaneda (1998), a base

energética do Ser Humano é o despertar do propósito, uma forma de intencionalidade que é considerada ferramenta essencial para as pessoas que vivenciam o processo de constituição do conhecimento. Ele considera que no contexto de construção desse conhecimento, ao acreditar que é possível decodificar os dados por um processo muito rigoroso de interpretação, produz uma conseqüência que é quase sempre estabelecer concepções equivocadas, ou seja, a peculiar convicção dos seres humanos de que seu sistema de interpretação é tudo que existe.

Olhar para algo, por exemplo, uma praia, ou como a praia é "conhecida" por nós, é muito mais uma interpretação do que percepção. Para estabelecer a *presença* de uma praia, temos na realidade um vislumbre superficial de alguma coisa; uma interpretação de praia, retirada de um repertório infinito de interpretações. De acordo com Castaneda (1998) o sentido visual entra em contato com o influxo energético que vem livremente do universo, e o faz apenas de maneira superficial.

Assim, pela intencionalidade é que desvelamos o mundo como mundo dos objetos do nosso conhecimento. Desviando-nos do aprendizado superficial do nosso sentido visual, e preenchendo os espaços vazios deixados pela percepção sensível direta. A intencionalidade não pertence ao domínio físico, ela é algo como uma onda energética, um raio de energia que se vincula a nós (dimensão holográfica do saber).

Para ampliar a compreensão das nossas intencionalidades a reflexão autocrítica é o ponto de partida, enquanto a dimensão da totalidade, pode ser também uma "ferramenta" para nos desviar do erro relativo de acreditar na

percepção pura. Ela provavelmente será o subproduto das nossas intencionalidades.

Mundo Vivido e Vivência Corporal ou a busca de um sentido pedagógico

O Mundo Vivido é gerador de subjetividades baseadas em experiências de vida. Por sua vez, as situações concretas do aqui agora experimentadas no mundo real é o vivo-vivenciado. Uma situação real na qual estão inseridos seres humanos em busca de novos conhecimentos que promovem um diálogo entre o real e o imaginário e conduz a uma forma de se expressar, de se construir no mundo.

O vivo-vivenciado é a condição social concreta em que um Ser Humano "aparece" como fenômeno resultante do diálogo entre Vivência e Experiência no seu mundo real. Em consequência de ser esta vida-vivida aparecida em contextos de diálogos possíveis no real, produz uma visão de mundo, um Estilo de Pensamento. O vivo-vivenciado é a situação real na qual estão inseridos tais seres humanos em busca de novos conhecimentos.

A condição da experiência do vivo-vivenciado adquire status de dialogicidade quando concentramos toda nossa atenção sobre o Ser Humano, de forma que ele possa captar, pelo processo da auto-indagação (reflexão crítica), a diversidade de possibilidades a serem desencadeadas no seu processo de autoconhecimento. Esse processo é gerado a partir do diálogo entre as vivências e as experiências centradas e iluminadas, valendo-se de situações originárias do seu Mundo Vivido.

Do Mundo Vivido o Ser Humano se "levanta" para o Mundo como sujeito ou como sujeitado. Daí é preciso estar alerta para questionar que estilo de

Mundo de Movimento será proporcionado para construir a visão de mundo na qual será inserida a constituição da experiência. Segundo Kunz (1991), é preciso entender que a construção da realidade do Mundo Vivido requer competência educacional e capacidade intelectual, e assim poder reagir – na ação afirmativa – da construção de uma transformação.

O ponto central dessa formação se dá na possibilidade de uma intervenção pedagógica que tenha como fundamento a prática dialógica. Tal posição diante do ato pedagógico admite o conteúdo tradicional, pois segundo Freire (1999) este não deve ser totalmente negado, porque só ele poderá auxiliar a desmascarar a realidade social.

Todavia é condição fundamental que o trabalho pedagógico seja pautado por uma atitude crítica, por tratar-se de uma atitude que pode contribuir para desvelar os significados dos conteúdos tradicionais pelos envolvidos no processo do diálogo. Pensamos que assim, oprimidos e opressores poderão, afastarem-se do seu lugar comum e, na esperança dessa possibilidade, exercitarem a construção de possibilidades que apontem caminhos que possam desenvolver vias necessárias para reconhecer e transformar as diferenças.

Para Freire (1999), o conteúdo tradicional (saber historicamente produzido e acumulado) é alienante e de menor importância. Historicamente tem servido para oprimir. O conteúdo que possibilita a libertação é gerado da dialogicidade extraída do "Contexto Social", ou seja, do Mundo Vivido dos envolvidos no diálogo. Mas há que saber que tal diálogo não é espontâneo. É um diálogo em certo sentido provocado. Nasce levando-se em conta as problematizações, as contradições e os paradoxos do Mundo Vivido dos envolvidos quando expostos ao diálogo.

A ação do diálogo, a dialogicidade, é o eixo temático necessário para construir cenários significantes nas relações. O diálogo é o motivo pelo qual se estabelecem as relações, e, valendo-se dos aparecimentos das reflexões críticas, move os sentidos e significados na direção das possibilidades de produzir conhecimento e entendimento mútuos. Assim sendo, transformando-se, os seres humanos transformam, pela ação da constituição das experiências e pela elaboração de uma vi-são antecipativa e crítica, outras realidades de Mundo Vivido em possibilidades de construção de contextos mais humanizados. Se o diálogo continua a prevalecer, acabam por transformar-se em Seres com abertura para constantes re-visões, ao critério das intencionalidades, na prática social dos indivíduos.

Nesse jogo de descortinar Seres Humanos dialógicos, cada um dos interlocutores nunca será o mesmo do encontro anterior, e o vir-a-ser heraclitiano⁶² aparece como força aglutinadora de novas percepções. O encontro é a possibilidade de construção de interlocução caso seja essa a motivação dos interlocutores. No encontro dialógico, cada um entra com a sua própria "experiência" de conhecimento, com sua maneira de ser, sempre viva, pois aceita a vida do outro como ela é. Este é um dos grandes desafios a ser superado no diálogo que pressupõe vida; vida que por sua vez é fundante da presença constituída naquilo que pode ser, mas sem perder a esperança do constante ser-mais e do vir-a-ser. Mas, no convívio com o outro, o diálogo constrói rupturas fundamentais para que cada envolvido organize, planeje e explique a realidade apoiada na própria autonomia e se transforme como esclarece Kunz (1991: 156),

⁶² "Heráclito de Éfeso é o mais importante filósofo pré-socrático". (Japiassú, 1996: 125). Ele afirmava que o universo muda e se transforma a cada instante, manifestado-se essa transformação pelo movimento.

"na verdade, a formação da consciência não é o ponto decisivo para as mudanças na Realidade. Ela é muito mais um produto pelo engajamento ao processo das Mudanças".

Para Costa (2001), o requisito do engajamento ao processo de mudança é uma habilidade afirmativa de nutrir o ímpeto de superar, de forma criativa, a agressividade do outro. Em tal cenário a vontade do diálogo é a força que pode estabelecer o afeto; é condição que liberta, libertando o opressor daquilo que o oprime; uma pedagogia fraterna que tem como objeto o valor afetivo. Tendo o valor afetivo como objeto, a inserção na luta proporciona ao sujeito a chance de ser ator e autor das suas próprias experiências reconhecendo-se também nas questões do outro que com ele dialoga. Isto significa que, dessa forma, criam-se espaços dialógicos para estabelecer "leituras" da realidade pelo reconhecimento do outro-no-mundo. Para Kunz (ibidem), o ato de lermos a realidade do outro, significa aprender a analisar e modificar o Mundo – o conjunto do Mundo Vivido – de forma crítica.

Assim, uma prática pedagógica libertadora exige uma reflexão crítica do contexto social, envolve contextos de afetividade para elaborar as relações com componentes políticos e necessita de engajamento e participação ativa e autocrítica, cujo principal componente é o afeto. Para Kehl (2001: 23), *"O objeto com valor afetivo é o que oferece resistência a agressividade e permite que ela continue a se manifestar como criatividade"*.

A formação de consciência é um ato de conhecimento que desvela os Estatutos da Realidade Social como ela é em sua essência pelo ato de descrever a sua aparência. É a forma de se atingir o que é fundamental para produzir o novo e envolve a Realidade Social concreta da pessoa, pelo processo da vivência e da

ressonância somática das suas experiências de Mundo Vivido, geradas da própria práxis gestada na Ação e na Reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

No caso do ato pedagógico, a vivência pode ser um processo de intervenção, espaço onde é possível alguém ir progressivamente desfiando os fios intencionais da sua vida, de forma que possa consolidar, para seu conhecimento, uma razão para sua existência. Os(as) aliados(as) para essa reflexão são os outros e as próprias reflexões confrontadas no diálogo; um jogo a partir do desvelar dos sujeitos-objetos transformados em sujeitos do conhecimento de si, percebidos, intuídos e expressos valendo-se, no caso das Vivências Corporais, do se-movimentar.

HOMENAGEM À PAZ



Figura 3: Guernica

Fonte: http://www.isa.utl.pt/campus/6_pablo.htm

"GUERNICA" é um óleo sobre tela de autoria de Pablo Picasso, datado de 1937. Executado para o pavilhão da República Espanhola, na Exposição Internacional de Paris, o painel de 350 x 782 cm, encontra-se atualmente exposto no Centro Nacional de Arte Rainha Sofia, em Madrid. Para muitos esta obra é a síntese da força e da energia do artista e se transforma num objeto de protesto e denúncia contra a violência, a guerra e a barbárie.

Um dos quadros que melhor transmite todo o desespero advindo da guerra é o intemporal *Guernica* de Pablo Picasso, fazendo plena justiça à expressão "uma imagem vale por mil palavras". No início de mais um ano, é tempo de pensar no outro Mundo, cujos povos vivem em palco de guerra, e para os quais nada resta senão esperar por dias de paz. (Veríssimo, 1995: 01)

CAPÍTULO III

ESPAÇOS DE PROBABILIDADES E POSSIBILIDADES QUE SE AVISTAM

Educação Física e Vivência Corporal

Uma concepção de corpo-sujeito-objeto traz para a nossa percepção a possibilidade de reconhecer a correlação muito próxima entre o ser cognoscente e o objeto cognoscível, desvelando uma interação de influência mútua que abre um cenário no qual sujeito e objeto não mais se separam. Ao nosso ver, é no processo das Vivências Corporais que isto pode ser mais bem compreendido. Depreendendo sobre as Vivências Corporais, no jogo criativo dos desdobramentos das experiências, este corpo-sujeito-objeto se revela conforme Merleau-Ponty (1999a:114) indica: "*Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo*".

Comentando sobre sua experiência de corpo na tradição bioenergética, Keleman (1996:15) relata haver aprendido que forma e movimento expressam, pelo processo corporal, a natureza da existência de um ser-no-mundo: "*Aprendi que sou o meu corpo. Meu corpo sou eu. Não sou um corpo: sou um certo corpo. [...] O Conde Durkheim, com quem estudei por vários anos, coloca isto do seguinte modo: 'o corpo que você tem é o corpo que você vive'.*"

Dito isto, podemos afirmar que é no movimentar-se, nas formas possíveis da cultura do respectivo Mundo dos Movimentos que se torna possível a

Vivência Corporal. Para Bonetti (2000), a intervenção pedagógica no Mundo dos Movimentos deve dar-se com amplitude e complexidade. A vivência poderia ser o espaço aberto do diálogo do corpo-no-mundo, um diálogo que pressupõe o vir-a-ser com foco no jogo dos significados produzidos pelo processo do se-movimentar.

Para Kunz (1998,1991), o ensino do se-movimentar não se faz por meio de movimentos estereotipados, nem é possível abrir espaços para uma apreensão da realidade no jogo do se-movimentar com referenciais técnicos: tal ensino exige uma ação competente valendo-se de uma perspectiva dialógica do movimentar-se, ou seja, as ações do movimento devem constituir-se como maneiras de conhecermos a nós mesmos, aos outros e ao mundo. E esclarece que é possível encontrar subsídios para entender as teorias dialógicas do Movimento Humano nas teses dos holandeses Gordjin e Tamboer, e do alemão Andreas Trebels:

Estes autores tratam um "Se-Movimentar" enquanto uma das formas de o homem se relacionar com seu mundo histórico-cultural onde, especialmente o homem, sua corporeidade e o mundo de suas relações ganham novos contornos, contornos que acentuam especificidades e singularidades na orientação intencional, ou seja, no *se-movimentar* destaca-se o caráter relacional que se instaura no diálogo e que para Tamboer, especialmente, é um "compreender-o-mundo-pelo-agir" (Kunz, 1998: 10).

Este compreender-o-mundo-pelo-agir só é possível porque sou também um-corpo-no-mundo, sou-o-mundo. Por esta razão, este corpo enquanto ser do mundo é possível apenas para o ser vivo, que com o corpo pode, conforme Merleau-Ponty (1999a: 122), *"juntar-se ao meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles"*.

A contribuição que a Educação Física pode oferecer no campo de uma concepção de corpo relacional é reconhecer que envolver-se no Mundo dos

Movimentos é um processo de autoconhecimento. Dai, é propriamente no campo das Vivências Corporais que a Educação Física pode contribuir para o fomento de ações pedagógicas num contexto de corpo relacionai.

A Educação Física pode proporcionar o exercício de ações corporais dialógicas pela reflexão crítica das Vivências Corporais, contribuindo dessa forma, para uma aproximação humanizadora na qual seja possível constituir relações de caráter emancipatório. Possibilita o exercício desse diálogo por se caracterizar, conforme Capela (2000: 138), como *"um campo de vivências e ações sociais"*, apesar de não ser um campo exclusivamente seu. A essas vivências e ações sociais corresponderiam os convívios comprometidos com o outro, como diz Merleau-Ponty (1999: 142): *"ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles"*.

A vida do Ser Humano se manifesta corporalmente. Na Educação Física, manifesta valendo-se da relação com o sentir os movimentos como consequência lógica do contexto das experiências adquiridas nas vivências. Do desencadeamento dos próprios acontecimentos que o corpo vive a vida se manifesta e os corpos se enformam⁶³ enquanto seres-no-mundo. Assim, segundo Merleau-Ponty, (1999a: 152) *"para executar um movimento sob comando" o Ser Humano "se coloca na situação afetiva de conjunto, e é dela que o movimento flui, como na vida"*.

Corpo vivo ou o se-movimentar

É no abandono da concepção de corpo objeto, um corpo fracionado,

⁶³ No sentido de construir a própria Gestalt, encorpar, incorporar os sentidos e significados valendo-se das próprias vivências e experiências. Neste estudo não deve ser entendido como situação imposta baseada em referenciais externos nem no aspecto de se construir numa fôrma.

alheio ao princípio da totalidade que vislumbramos o se-movimentar em conformidade com o vivo-vivenciado. Um corpo-no-mundo no qual temos a experiência de viver, e que, valendo-nos da nossa ação com o mundo, vai tornando-se mais compreendido por nós. Um conjunto de aparecimentos, arquivados no nosso mundo vivido, que, enformados com a ajuda dos estímulos percebidos, constroem a experiência.

Desta forma, a consciência se "territorializa" e reconstitui o corpo da Ação para o próximo passo a ser vivido, a ser novamente tematizado na territorialidade da experiência pela essência da vivência, ou seja, um constante vir-a-ser. O movimento do ser-no-mundo é o reflexo de uma conjunção de sentidos que se desencadeiam pela consciência objetivada desse mundo. Mas não apenas consciência objetiva. É preciso dizer que as situações que desencadeiam as operações intuitivas estão inteiramente articuladas a um contexto de totalidade.

Em tal sentido, constroem uma significação prática, um aprendizado corporal da situação vivida de maneira concreta e aberta, e assim dá forma à experiência de movimento ressignificada no processo de reflexão crítica. Merleau-Ponty (1999a) esclarece que a atenção à vida é a consciência que tomamos de movimentos nascentes em nosso corpo. Pensando dessa maneira, o Movimento Humano pode ser considerado como transcendente ao nosso corpo, conjunto de modalidades geradas no reflexo, percepção e intencionalidades de nosso ser total enquanto visão pré-objetiva.

É pela retomada reflexiva da vivência que se chega a esclarecer modos de comprometimento sujeito-mundo, ou modos do sujeito conviver com a realidade, e, reciprocamente, modos de a realidade se apresentar ao sujeito nestes diferentes âmbitos de convivência. (Rehfeld, 1994: 94).

A reflexão dessa retomada nas Vivências Corporais (âmbitos de

convivência) exige uma constante corporificação das experiências de movimento para as quais se dirigem os processos, uma nova enformação do corpo para vivenciar o espaço da reconstrução. Uma reconstrução das condutas perceptivas do reflexo e das intencionalidades, ou seja, nova visão paradoxalmente gerada do mesmo ser total enquanto se movimenta e, por isso, vive.

Demonstramos argumentos que indicam que ser-no-mundo exige uma constante reestruturação corporal, da mesma forma como se exige uma roupa diferente para ocasiões diferentes. O mesmo que fazem os atores quando encenam um novo personagem, com a diferença que os corpos dos atores, nesse caso, enformam um corpo dado, e na vida-vivida o ator é o próprio autor do movimento.

Ora, é preciso então pensar em uma certa concepção de corpo, na qual o aspecto físico, mental, emocional, intelectual, espiritual e outros sejam vistos num contexto dialógico. Embora constituídos como referências diferenciadas, manifestam-se da mesma origem e, portanto, no contexto do ser-no-mundo, elas são o corpo-no-mundo que se movimenta.

Essa busca de diálogos corporais talvez possa construir conhecimentos para se viver em "mundos" com pontos de vista distintos e com condições de trocas que ajudem o Ser Humano no Mundo ao qual pertence a ser-no-mundo, no jogo das intencionalidades das circunstâncias, sem perder de vista com quais Valores Humanos este jogo vai se descortinando.

Assim a importância de vivenciar situações diferentes, especialmente as ainda não vividas, é um procedimento que pode proporcionar a organização de muitos mundos vividos em um mundo só, um "vocabulário gestual" de experiências. Já sabemos, por tantas provas contundentes no Mundo

contemporâneo, que quando ampliamos "vocabulários" convivemos melhor com diferentes Mundos já constituídos.

Um vocabulário de experiências, de significados de corpos sinaliza EPP de se evitar condições que produzem Seres Humanos desconectados da consciência de si. Como ocorre, por exemplo, (se a vida se limitasse apenas a esses Mundos) nos treinamentos militares de preparação para uma "guerra", nos movimentos de aulas de Educação Física com concepção tradicional, nos excessos cometidos nos esportes de alto rendimento por alguns, nos trabalhos em academias que seguem o princípio unicausal da "malhação" etc.

Na vivência, é possível que seja o espaço onde o que se apresenta como autonomia dê a dimensão possível de cada um ser o que pode (quer) ser sem a necessidade de evidências. Ou seja: Não precisa comprovar ou justificar teoricamente aquilo que a vivência evidencia para a compreensão de si mesmo.

No espaço da vivência busca-se não o fato do se-movimentar, mas o sentido que o se-movimentar revela. Assim, podemos refletir criticamente sobre o "sentido" que se revela. Muitas vezes, paradoxalmente se revela escondendo-se, ele é a "totalidade" das relações significativas. Para o que foi re-ve-lado, a significatividade do mundo onde cada coisa, ação, idéia se insere recebe seu "sentido", e a vivência constituída em forma de experiência se transforma em vida.

Buscar evidências de contextos não-normatizadores para dar ao movimento do ser-no-mundo a possibilidade de estar em constante re-avaliação, para então processar com autonomia "corpos sensíveis", flexíveis, abertos a procedimentos fraternos, é compromisso pedagógico da Educação Física. Merleau-Ponty (1999a: 122) sugere: "*O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter*

um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles."

Daí, é preciso estar consciente de ter uma metáfora para se viver, talvez uma grandiosa metáfora de alma, pois, de acordo com Espinoza, é a alma que é a metáfora do corpo e não o corpo que é a metáfora da alma. Uma alma encarnada, feita e próxima do corpo. Uma alma-corpo, um corpo fenomenal, um corpo vivo, vivo-vivenciado, tendo como pressuposto que o corpo é tanto a experiência do outro como a experiência de si mesmo.

A Experiência se Constitui nos Significados Percebidos da Vivência

Do ponto de vista da experiência, Keleman (1995) descreve que é valendo-se das vivências que o corpo constrói a sua estrutura de experiência no sentido de uma *Anatomia Emocional*, e não como corpo-máquina-de-órgãos. De raízes heideggerianas, sua concepção de corpo vivo em constante processo de autoconstrução desvela-se sempre em direção à presentificação da experiência, contrastando com uma concepção de corpo substancial. Um corpo relacional capaz de tomar consciência da multiplicação de camadas corporificadas de experiência, de criar ou de desfazer formas que não mais respondem ao contemporâneo, de organizar mais modos de operar, mais modos de relação consigo mesmo, mais cenários existenciais.

Essa é certamente uma forma de pensar que contribui para respostas não-lineares à questão de como a experiência gestada da Vivência Corporal dá sua contribuição no ininterrupto processo de construção de autonomia. Dentro do

âmbito em que é constituído o espaço da realidade somática⁶⁴, ou seja, a nossa vida enquanto corpo-no-mundo, os nossos dilemas existenciais nos colocam sempre diante de contextos de realidades construídas, através do discurso cotidiano.

Dessa forma, solicitando-nos atitudes reificadoras⁶⁵ na forma de exortações importantes do tipo "emancipe-se", "tenha consciência crítica", "seja você mesmo" não conseguem construir o sentido que se propõem. O que pode acontecer, na maioria das vezes, é que não contribuímos para fornecer a experiência dos sentidos e significados das solicitações, em vivências que constituam conhecimento e vida.

A vida não é viável nem visível sem conhecimento. [...] O conhecimento pode emancipar-se relativamente numa vida humana, mas não se poderia libertar da vida: conhece-se para viver; depois, quando o conhecimento se emancipa, vive-se para conhecer. [...] O conhecimento humano... Trata-se de um complexo polilogical de princípios/regras/normas/ esquemas/ categorias, alguns inatos, outros culturais, outros elaborados pela experiência vivida... (Morin, 1987: 192-193).

A experiência vivida valendo-se do aprendizado crítico dos seus sentidos fornece significados para um chamamento à autonomia das pessoas e este é um aspecto que não pode ser negligenciado. Tudo isto é promissor para construir estruturas vivenciais que estabeleçam conhecimento para promover emancipação. Sobre tais tipos de estruturas, de referências, Keleman assim se pronuncia:

Muitos de nós não vivenciam o significado dessas frases. Vivem por intermédio de imagens, mentalizando experiência ou intensificando-a com substâncias químicas, compromissos sociais, reclusão meditativa ou condicionamento físico. O autoconhecimento pode aumentar, mas

⁶⁴ "A realidade somática expressa o processo formativo universal da experiência. Exprime, além disso, a busca presente pelo viver mais satisfatório. Somatizar é o modo como nos conectamos com nossa história, com os outros e com o cosmos". (Keleman, 1994: 13).

⁶⁵ Do latim *res, rei* – coisa. Tratar como coisa. No processo de alienação, o momento em que a característica de ser uma "coisa" se torna típica da realidade objetiva.

não a compreensão somática. (Keleman, 1992: 15).

Entretanto o que temos notado em nossa experiência no trabalho com Grupos de Movimento⁶⁶ desenvolvido na Universidade Estadual de Santa Cruz, desde 1995, é que é necessário aos seres humanos, enquanto participantes de uma vivência o aprendizado de referenciais na sua experiência corporal, para auto-organizar-se na direção de uma compreensão somática livre de atitudes reificadoras.

Muitos de nós vivemos nossas vidas segundo a imagem que fazem do Universo, da Natureza ou do meio social, reproduzindo crenças e padrão de ação reforçados pela família, pela educação, pela mídia. Virtualmente não temos noção do aspecto subjetivo de nosso ser físico interior, no qual se baseia toda nossa experiência. (Keleman, 1994: 16).

A esta forma de ser-no-mundo, Keleman qualifica como desencadeadora de perda de vitalidade no contexto da vida, pelo processo de construção de um corpo-no-mundo de metáforas excessivamente mentais na quais a cultura contribui para suprimir o corpo dos contextos de vida, no mundo dos "vivos". O máximo de atenção que o corpo recebe é de ser tratado apenas no contexto do seu funcionamento mecânico. E este funcionamento mecânico nos afasta do "cuidado de si".

O Cuidado de si

O cuidado de si é tarefa para ser realizada durante toda a vida, não é apenas uma invenção da filosofia. Foi um preceito de vida muito valorizado na Grécia. Fala especialmente de uma recusa em acreditar e de aceitar a repressão dos hábitos e costumes. Ao recusar o que somos a partir daquilo que é dado, nos

⁶⁶ Experiências de Vivências Corporais, oferecidas para aqueles que procuram, através do movimento, aprendizagens significantes em relação à autonomia, livre expressão corporal, autoconhecimento, com ausência total de situações que favoreçam a criação de movimentos estereotipados, quaisquer níveis de performance, competição, modelagem, qualquer trabalho que busque capacidades e ou valências físicas pela repetição, aumento da intensidade etc. O programa de ensino encontra-se no anexo 1.

desconstruímos.

Pelo cuidado de si, tomamos consciência dos tipos de ações recorrentes, oriundas do mundo externo e com referencial reificador. Ocupar-se de si é tarefa do intelectual. Mas convém esclarecer: cuidar de si não é uma nova moral. Fazemos aqui um recorte dessa compreensão em relação ao cuidado de si como referencial acessório ao trabalho das Vivências Corporais que não pode negar a solidariedade, o espírito para romper com a tradição pastoral, nem permitir o processo sufocante de individualização. O importante é detectar o que se passa na cabeça daqueles que desconhecem sobre o cuidado de si, que acreditam que as coisas só acontecem tendo como referencial o externo a eles mesmos.

Ao cuidado de si é necessário empreender um afastamento de contextos corporais essencialmente normativos, centralizadores e com caráter autoritário. O cuidado de si exige responsabilidade associada a um senso que tenha como critério a autocrítica, bem como uma busca de referência tendo por base as vivências da história pessoal no contexto social em que se relaciona.

Reforçamos: contemporaneamente, o espaço social se configura como espaço de passagem de um mundo para outro, processo de passagem que se tem apresentado como altamente cansativo, em função das inumeráveis alterações do Mundo da Vida, como consequência dos efeitos negativos da Sociedade Informática⁶⁷.

Consideramos que esse processo tem produzido diversas formas de mal-estar, nas quais nossos corpos não estão à altura para suportar todo este processo de adaptação a sistemas cada vez mais exigentes, com características

⁶⁷ Shaff (1991); Jesus, Guimarães & Nunes (2001).

performáticas. Uma forma de exploração do ser consigo mesmo: uma falta de Cuidado de Si.

Pensamos que isto ocorre em virtude de condicionamentos associados a uma busca por certa forma de produtividade baseada em um viés hegemônico que exige corpos mais sãos para sermos, crescentemente mais bem explorados. Assim nossos corpos poderão ser mais bem "usados", em virtude dos avanços do conhecimento técnico-científico e pelas exigências atuais, por hipótese, produzir cada vez mais.

Através do conhecimento científico, buscamos corpos cada vez mais eficientes e temos conseguido cada vez mais nos aproximar dessa eficiência. Mas também temos o sofrimento de não saber tão bem qual o sentido disso. De saber o por quê de ter corpos mais saudáveis e eficientes. A esse fenômeno Negri (2001:11) afirma que "*é uma nova experiência de exploração a que vivemos*" e continua:

Na relação entre nova experiência de exploração e nova experiência de potência constituinte, vivemos um desconforto absurdo. Absurdo porque a construtividade e a produtividade, a nova potência que sentimos no corpo, tudo isso nos impede de sofrer a nova exploração da mesma maneira que sofriam os nossos pais: atordoados que eram pelo cansaço e pelo álcool, brutalizados em suas relações sociais, quando não feridos em seus corpos ou doentes no espírito. Até mesmo para sermos explorados devemos ser sãos: esse é o paradoxo da atual fase de desenvolvimento e é sobre esse paradoxo que poderemos pensar a atualidade como uma forma de sociedade diferente e superior. (Negri, 2001: 12).

Esta forma de avanço sugere uma forma de desconhecimento de si, porque a produção científica da competência performática não melhora a nossa humanidade. Temos perguntas cujas respostas confirmarão que o aumento de conhecimento não aumentou o nosso bem-estar: Por que a violência aumenta? Por que a solução para uma vida melhor não chega pelo aumento de

conhecimento? Por que o bem-estar não é tratado como prioridade universal, um direito humano?

Dáí, a possibilidade mais humanista é a de assumir com coragem a nossa precariedade, através do exercício da autocrítica. Uma autocrítica voltada para o cuidado de si. É a ousadia de querer pensar o que está acontecendo conosco a partir do próprio viver no dia-a-dia. As nossas experiências diretas com o Mundo da Vida necessitam caminhar na direção de um abrir-se para o risco de Cuidar de Si, pois o perigo principal é estar vivo.

Quando nos perguntam o que é o meu objeto de estudo sempre pensamos em responder que é a vida que tentamos viver, compartilhando com o outro, tendo como ponto de apoio nossas vivências. Fazemos isso como um exercício que torne possível encontrar um sentido possível para a vida. Portanto, não podemos ser insensíveis. Não podemos ser apenas performáticos. Podemos apenas re-conhecer que somos inconclusos na impermanência do saber ou do não-saber.

O que não podemos permitir é a falta de consideração para com o outro. O outro que está próximo e o que também não está. Não nos tornarmos insensíveis para os problemas de ordem afetivo-social do Mundo da Vida. Não perdermos o senso de harmonia com o todo, e sim permitir construir a auto-imagem com base em uma relação mais harmoniosa com nós mesmos, com o outro e com o Mundo. Buscar uma re-significação do saber viver referenciado no Cuidado de Si.

Impedir a insensibilização e favorecer o autoconhecimento

Todo corpo é um veículo de expressão que dialoga consigo mesmo, com o outro e com o mundo num processo de comunicação energético-sensorial.

Essa comunicação acontece num espaço referencial que é possível denominarmos de campo ou espaço vital, um campo que pode ser pessoal intersíquico, pessoal intrapsíquico, grupal, cultural e quântico, entre outros.

Na busca da re-significação do saber viver, oportuniza-se ao corpo – corpo-no-mundo – um aprendizado de novos referenciais, de auto-avaliação através, de um processo de Vivências Corporais baseadas no cuidado de si, que podem proporcionar uma re-aproximação do sujeito consigo mesmo. Tal procedimento é base para a relação mais próxima e dialógica e favorece reconhecimento das estruturas nas quais o sujeito se constrói no seu dia-a-dia. Pode, portanto, evitar contextos que determinam demandas de abuso de si através de criação de contextos completamente autodestrutivos.

A Vivência Corporal é uma experiência que se tem revelado importante na sensibilização dos seus participantes, no contexto afetivo-social, na relação que o Ser Humano estabelece consigo mesmo e com os outros. Para uma elaboração de fundamentos do conhecimento de si contribuem para reflexões autocríticas, que desvinculam o sujeito de um pensamento unidimensional ou unicausal do cuidado de si, para um pensamento multidimensional associado ao cuidado do outro e das relações com o Mundo.

Constitui-se, assim, campo de oportunidades de confrontar-se com a própria singularidade, na reflexão crítica proporcionada pelas Vivências Corporais. Um jogo de elaboração no qual são capturadas dimensões da existência que nos auxiliam a compreender o mundo, os outros e a nós mesmos. No jogo atuam simultaneamente a biologia, a emoção e a manifestação da consciência. Criam-se possibilidades de construir imagens de mundo, de si mesmo e do outro a partir do ambiente interno. Ambiente este não-reificador, não-produtor de

homogeneizações, nem de estereótipos do se-movimentar. Constroem singularidades que podem minimizar o efeito devastador da insensibilização e contribuem para uma re-construção do cuidado de si, desenvolvendo uma sensibilização que fornece uma re-significação para o saber viver.

Compartilhar a experiência vivida é perceber possibilidades

O que diferencia a Vivência Corporal de trabalhos que envolvem o se-movimentar é a finalidade. A vivência não tem compromissos performáticos. É um trabalho de constante elaboração do aprendizado da auto-escuta, do sentir a si mesmo a partir do desenvolvimento progressivo de uma atenção intencional que busca observar os movimentos do corpo para obter efeitos psíquicos e emocionais.

No seu processo sugere uma constante conscientização corporal através de um processo de sensibilização e percepção de si mesmo, de modo que traga para o nível da percepção consciente todo o sentimento guardado e/ou esquecido nos seus esconderijos corporais. Dessa forma as lembranças arquivadas, com consentimento ou não, podem ser reexaminadas e, pelo processo da dialogicidade, das elaborações, podem ser re-construídos e conseqüentemente re-significados.

Assim, oportuniza uma ativação da energia vital, produzindo movimentos internos novos e cheios de significado, que podem progressivamente melhorar a capacidade de desinibição da expressão da linguagem, corporal ou não, como um todo. Favorece um fluxo mais amplificado das sensações corporais, que pela percepção consciente conduz a um sentimento mais nítido do vivo-vivenciado. Daí um melhoramento da capacidade de se relacionar mais

harmonicamente com o gesto expressivo, um pouco mais "descarregado" de estereótipos normativos.

Nesse sentido, a vivência passa a ser um veículo de transformação, pois oferece à pessoa possibilidade de um autoconhecimento que dificilmente é expresso em linguagem oral, mas certamente expresso na linguagem corporal, pelas alterações da expressividade resultante das liberações de ciclos energéticos estagnados. Por esta razão, valoriza a fluência expressiva livre de estruturas autoritárias, da colonização do gesto; possibilita à pessoa sentir-se envolvida no contexto das produções do seu tempo. Numa sociedade humanizada, isto pode ocorrer se, pelo Cuidado de Si, for possível eliminar os mecanismos culturais repressivos da emoção, do sentir, do prazer, da alegria e da graça corporal.

Considerando as possibilidades de participação em um espaço vivencial, é preciso recorrer a alguns critérios para que o processo possa ser desfrutado qualitativamente. Da mesma forma que qualquer outro aprendizado corporal, o processo demanda uma aproximação gradativa no desenrolar das atividades. O participante detecta, por si mesmo, através de uma seqüência de consignas orais apresentadas durante todo o processo da vivência, as formas que permitem sintonizar-se com características de um trabalho não performático, nem voltado para correções técnicas do se-movimentar: uma auto-escuta de si mesmo por intermédio de Movimentos Humanos evidenciando o sentir.

Num trabalho de Vivências Corporais é preciso valer-se de um suporte técnico e teórico, mesmo sendo um processo que não tenha preocupação com qualquer gesto produtivo, para realizar um se-movimentar construído na atenção ao sentir. O gesto é o objeto de auto-observação ao mesmo tempo que é o sujeito

da ação em constante busca de novos ou de velhos significados. Estabelece-se um diálogo interno/externo exercitando a escuta de si mesmo.

O dirigente é um elemento que estará favorecendo aos participantes a possibilidade de uma constante auto-indagação a respeito de seu se-movimentar. Sem levar os participantes a um esforço excessivo, vai mobilizando as pessoas, sem exercer pressões de tempo, qualidade e espaço, de forma que aos poucos cada um sintonize com suas próprias necessidades de expressar pelo gesto suas cenas vivenciais, sentidas (de preferência) e elaboradas no processo dialógico interno-externo do seu próprio se-movimentar.

Uma metáfora pode ajudar na construção desse pensamento: imaginemos que precisamos acender uma fogueira; que estamos num determinado tempo e lugar onde temos disponíveis os recursos mínimos para executar essa tarefa, ou seja, material combustível e como ativar a combustão desse material. Vamos escolher uma fogueira com pedaços de madeira encontrados aleatoriamente em determinado espaço. Cada fragmento da madeira, com sua forma e tamanho, vai constituir a forma física da fogueira.

A fogueira organizada pelo processo da busca de fragmentos de madeira agora está pronta para ser queimada. Materialmente falando será necessário um estímulo físico-químico para dar início ao fogo que queimará a madeira, originando a fogueira. Na nossa fogueira simbólica, podemos utilizar um fósforo para acendê-la. Desse momento em diante o fogo, por si mesmo se alastra por toda lenha, formando a fogueira que consome a madeira sem ser necessário a nossa interferência.

Esse é o momento em que as condições do material utilizado determinarão cor, cheiro e expressão das labaredas de fogo. Nesse momento, o

fogo toma sua própria forma e expressa sua "dança" em virtude de diversas circunstâncias, como dureza, umidade e potencialidade da madeira utilizada, bem como condições ambientais que influenciam a queima; situações que envolvem uma história dos materiais, da habilidade de quem faz a fogueira e das condições ambientais do momento.

Essa analogia permite imaginar como se dá o processo de participação em uma Vivência Corporal. Como fica o participante, na relação pessoal, interpessoal, grupai e transpessoal. As atividades propostas irão "desenrolando" um novelo de fios intencionais, frutos das nossas intencionalidades das quais nos apropriamos de *uma* ou *outra*, para proceder nossas reflexões. O processo de conscientização e liberação da Vivência é auto-regulado no próprio processo de sensibilização e integração autopermitida. Nesse momento o dirigente deve abrir espaço para que a "fogueira" expresse suas próprias labaredas ou até mesmo que, por qualquer motivo, o "fogo" se "apague".

Momento da associação livre, da liberação do corpo no seu se-movimentar por cujos gestos se expressa no seu estado possível, desvinculado até onde permita a si mesmo, de quaisquer amarras e/ou estereótipos. O corpo expressa o que tem de mais apropriado para expressar no momento. Constrói e reconstrói-se no seu ritmo. Do mais alegre ao mais triste. Do trágico ao cômico. Da beleza e da feiúra. Da maior clareza e da maior indecisão. Das incertezas e das certezas. Daquilo que pode ser leve, fluido e solto, e também do que pode ser pesado, tenso e preso. Um corpo experimentando o vivo-vivenciado, ou seja, o aqui-agora. Um corpo que expressa sua própria natureza. Observá-lo, compreendê-lo e aceitá-lo é um processo de autonomia vivo. É um privilégio estar parceiro nesse momento de vida sentida. É uma experiência única.

Um exercício de autonomia, de autopermissão e de aparecimento dos EPP que estavam velados pelo desconhecimento de si, que ao serem refletidos internamente seguem seu próprio caminho, seja ele o da expressividade, seja ele o do recolhimento. É nesse ponto que queremos enfatizar o valor de uma direção amorosa, na qual o elemento fraterno vai dar espaço dialógico para perceber, construir ou re-construir sentidos e significados que podem ser expressos até mesmo através de um profundo silêncio, um sorriso estampado ou lágrimas das mais diversas formas.

Daí, compartilhando as experiências vividas, nas quais nesse momento o dirigente também está envolvido, avaliam-se as ressonâncias somáticas⁶⁸ pelo processo do diálogo expresso ou também não-expresso de cada participante. Nesse momento, ainda pensando na fogueira, restam algumas brasas, sobras de madeira que não foram queimadas e um pouco de cinzas. Momento de trocas que têm origem na experiência de cada um; a busca do que se tornou viva pelo processo do Cuidado de Si, uma autocrítica, uma metabolização dos sentidos percebidos, elos que irão ampliando o vocabulário – todos que sejam possíveis – de Si mesmo.

Metáforas para serem Compreendidas

Compreender uma metáfora é exercício de imaginação e criatividade no ato interpretativo. É a competência de investir numa idéia que nos conduz a construir seu entendimento o mais próximo do significado da imagem que queremos projetar. É um artifício legítimo para transpor com eficiência sentidos e

⁶⁸ Stanley Keleman usou o termo "ressonância somática" para explicar a relação entre duas pessoas. É o campo organizacional no qual ocorre o processo formativo de reintegração do corpo, da mente e do espírito através do fluxo do movimento, das percepções, pensamentos e imagens que percorrem o sistema neurosensorial.

significados não facilmente explicáveis objetivamente e que, para Davidson (1992: 51), *"nos faz ver uma coisa como outra, fazendo algum tipo de afirmação literal que insira o insight ou leva a ele"*.

A metáfora nos fala daquilo que está ausente, e por intermédio dela provoca seu aparecimento. Gardner & Winner (1992: 142) falam que para atuar com Competência Metafórica é fundamental nas abordagens humanistas não buscar *"provar que um lado está totalmente 'certo' ou totalmente 'errado', mas delinear as condições sob as quais cada posição tem validade"*.

Ao concluirmos este estudo, um dos nossos propósitos foi trazer à tona o cenário das metáforas. No transcorrer das nossas leituras nos deparamos com uma complexidade no que diz respeito às Metáforas de Corpo. Sem a compreensão de metáforas, os textos pesquisados não teriam feito sentido, em virtude de termos procurado suas essências, sob os auspícios da nossa intencionalidade. Procuramos fundamentar e constituir a Vivência Corporal como EPP para ampliar o campo da Educação Física no que se refere às compreensões de Metáforas de Corpo. Duas dessas metáforas – corpo substancial e corpo relacional – foram as que constituíram o fundo das reflexões que ao longo do trabalho foram desvelando-se, "vestindo" roupagens diferentes, com outros nomes e com isso construindo possibilidade de riqueza interpretativa.

Nesse jogo, nenhuma delas invalidava a outra. Apenas sinalizavam que é possível constituir um se-movimentar na Educação Física com foco no sentir. Vislumbramos o desejo de encontrar um equilíbrio que possa redimensionar o "saber-fazer" de uma aula de Educação Física numa compreensão de Mundo que incrementa um contexto de totalidade já proposto por Kunz (1991).

Para Swanson (1992: 164), "*Uma metáfora é um convite obrigatório à descoberta*". Descoberta das alusões, atributos e verdades subjacentes à qual ela a remete. Mas é preciso estar atento para os seus múltiplos usos. Para o conhecimento de corpo, pensamos que é possível reconstruí-las à luz de Metáforas de discursos verdadeiros⁶⁹.

Por esta razão, escolhemos o desafio de detectar as metáforas que destroem o diálogo, a autonomia e, assim, ao reconhecê-las, transformá-las. Por isso, utilizamo-nos delas como estruturas para ajudar a pensar as Vivências Corporais como EPP de se constituírem presença na Educação Física.

O encontrar metáforas

O Ser Humano é capaz de manifestar seus sonhos mais profundos e, ao mesmo tempo, seus mais extravagantes pesadelos. Um olhar histórico sobre a página da escravidão humana revela que a humanidade tem experiência. Dizemos que abominamos a escravidão mas, de uma forma geral, fazemos dessa afirmação um ponto de esquecimento. Tudo isto pode ser modificado pela vontade das pessoas, se assim a humanidade desejar, pela potência da intencionalidade. O quadro pode ser transformado quase instantaneamente. Alguns poderão dizer: "isto é utopia!" Mas podemos replicar que a utopia sempre moveu a humanidade em direção às liberdades e às conquistas como querem Brigs & Peat (2000:57), quando dizem que

embora os realistas cínicos argumentem que a natureza humana nunca

⁶⁹ "Os discursos verdadeiros de que precisamos não dizem respeito àquilo que somos, a não ser na nossa relação com o mundo". Estão relacionados com os acontecimentos e a nossa relação de dependência ou independência das coisas. A essência desses discursos em nós é assimilada até que se tome parte de nós e se transforme na totalidade. Nas alegrias ou nas infelicidades, apresentam-se para proteger: é a tomada de consciência do cuidado de si. Vinculam à verdade do sujeito que se constitui na importância da auto-escuta, de voltar-se para si no sentido daquilo que foi apreendido. Trata-se de "armar" o sujeito de uma verdade que desconhecia. (Foucault, 1997: 127-130).

será diferente da consciência gananciosa, egocêntrica, hierárquica e orientada para o poder que vem dominando a História, a teoria do caos abre as portas para essa mudança. Segundo ela, a consciência não se limita apenas ao que ocorre na mente de cada um em particular. A consciência é um sistema aberto, assim como o tempo. É moldada pela linguagem, pela sociedade e por todas as interações do nosso dia-a-dia. Todos nós somos aspectos da consciência coletiva do mundo, cujo conteúdo é alterado constantemente pelas forças do caos que cada indivíduo expressa. As estratégias da natureza humana não se encontram fixadas em absoluto. Através do caos, uma pessoa um pequeno grupo podem influenciar o mundo inteiro de maneira profunda e sutil.

Por outro lado, não se pode esquecer das barbáries vividas pela humanidade mais contemporaneamente com Stalin, Hitler e Mussolini, passando pelos regimes das tantas ditaduras, bem como mais recentemente, pela dissonância entrópica do projeto neoliberal. Ao abrir mão das suas liberdades, o Ser Humano facilitou o projeto civilizatório (talvez projeto predatório), escolhendo um caminho que sob um olhar cuidadoso e observador é possível concluir que, neste momento da história, este não é um ambiente seguro.

Por isso nos indagamos: o que é que faz com que alguém possa subjugar o outro? O que faz alguém permitir ser subjugado pelo outro, "dar permissão", despojar-se do seu poder, na sua relação com a humanidade? Se essa permissão é dada ou se é realmente possível, pode-se ter a esperança de recuperar as relações quando as escalas forem niveladas? Isto é, ou todos com poder ou ninguém com poder. Nesse dilema, antevejo uma hipótese como resposta: se não é possível a humanidade nivelar-se, o que as pessoas precisam é se viabilizar nas suas humanidades enquanto uma só humanidade.

O que poderemos produzir num contexto de Vivências Corporais, que produzam o respeito pela vida? Creio que, nesta questão, sempre poderemos estabelecer uma sementeira como forma de praticar o diálogo, como forma de prevenção da barbárie e preparação para autocrítica. Portanto, é preciso partir do

princípio de que não temos respostas prontas, as respostas poderiam ser circunstanciais, mas é preciso deixar-se questionar, desconstruir-se, não é preciso dizer algo definitivo, mesmo porque não cremos na possibilidade material de verdade absoluta. Estamos aqui pensando na possibilidade de correr o risco.

Um ponto de partida pode ser a nossa preocupação com as metáforas em que nos apoiamos para ser-no-mundo. O que cada pessoa faz do mundo valendo-se dessas compreensões. As variadas percepções, sejam em estado de cristalização, sejam em constante mutação, todas são "construídas" nas circunstâncias das experiências e das "realidades" com que cada um se relaciona valendo-se de suas metáforas.

A complexidade do Ser Humano nos leva a pensar a vida sob vários aspectos. Ela oferece a possibilidade de experimentar, de conhecer, de praticar formas de viver. Quando se compreende a linguagem de um mundo, esse mundo compreendido dá ao Ser Humano sempre a possibilidade de ter circunscrito no corpo a sua aceitação, ou seja, a sua metáfora.

Dessa maneira lembramos que a existência de metáforas é, de fato, muito importante para uma relação do Ser-no-mundo. Elas podem ser a chave para que se coloque sob cuidado uma vida. No Movimento Humano o ideal é que fosse decorrente de uma metáfora de corpo relacional. Uma manifestação da relação entre o vivido e o respectivo mundo de movimentos constituídos na experiência produzindo a existência. Como sintetiza Buzzi (2001: 31):

Distancia-se assim dos demais seres costurados ao determinismo da natureza. Esta facticidade, essa fome de nossas entranhas, que nos lança para sonhos e projetos de vida, dá origem ao *fenômeno humano que chamamos existência*. É nessa 'existência' que compreendemos maximamente nosso ser e nos alongamos na compreensão dos demais.

Alongar-nos na compreensão dos demais é existir na possibilidade de

que seja brotada uma existência emancipada, consciente das necessidades de transformações, sempre impulsionadas pela dialogicidade. Uma existência que tenha na metáfora do compartilhar uma integração cooperativa, até globalizada, desde que seja no sentido da universalização das relações fraternas entre os povos. Uma existência nascida da relação dialógica com o outro, superando a certeza do ato cognitivo do "eu", porque para Maturana & Varela (1995: 61), "*toda experiência de certeza é um fenômeno individual, cego ao ato cognitivo do outro, em uma solidão que, como veremos, é transcendida somente no mundo criado com esse outro*".

Damásio (1996) fala do erro de Descartes, da ruptura profunda entre corpo e mente. O corpo representante da matéria, moldável, finita; e a mente representando o indivisível, o inatingível. Daí nasce a metáfora da mente como programa de software, em que a vida é estática, fria e impossibilitada de encantamento. Ficam negligenciados os cuidados subjetivos com o corpo. Perde-se a percepção da vida interagindo com o ambiente interno e externo, em que cérebro e corpo são separados como peças de um mecanismo. E continua:

Versões do erro de Descartes obscurecem as raízes da mente humana em um organismo biologicamente complexo, mas frágil, finito e único; obscurecem a tragédia implícita no conhecimento dessa fragilidade, finitude e singularidade. E, quando os seres humanos não conseguem ver a tragédia inerente à existência consciente, sentem-se menos impelidos a fazer algo para minimizá-las e podem mostrar menos respeito pelo valor da vida. (Damásio, 1996: 282).

Já Maturana (1999) sugere que toda essa discussão ao longo da história sobre a *separação entre corpo e alma* se resolve quando se assume, que somos sistemas determinados e que por esta "razão" existem determinados fenômenos que não ocorrem dentro do corpo, mas nas relações com os outros.

O corpo, este fiel depositário de muitas metáforas. A metáfora da

natureza, do relógio. Corpo presente, ausente, traído... Corpo de mil faces, dos incontáveis disfarces. Este lugar de acontecer e do não acontecer. Espaço-tempo de existência e de vivência e de também não-ser. Corpo sensível, inteligível. O corpo nos empurra para o mundo, nos envolve no mundo. Não somos um corpo entre outros corpos, somos um mundo, um existencial um ser-no-mundo, um corpo que celebra a vida conforme Buzzi (2001: 103) reflete:

O corpo é um grande enlaçamento cósmico que dá forma a todas as coisas. [...] O corpo é a forma que celebra a vida... [...] Mas há aspectos do corpo que, embora visíveis, são longínquos e inacessíveis aos métodos empíricos... [...] Estamos no corpo, indo além do corporal. A vida é um "escapar e fugir corpóreo". Ela precisa do corpo para se refletir visivelmente... [...] Por certo, a vida está no corpo que somos: invisível e inconcebível, carregamo-la no sangue que corre em nossas veias... [...] ...consagramos o tempo todo para viver a vida que está na raiz do corpo, no início de todos os seus membros... [...] ...e que a sentimos quando o corpo desfalece...

Corpo máquina? Corpo experiência? Qual metáfora podemos escolher para viver o nosso corpo? Temos realmente autonomia para desvelar uma metáfora sintonizada na possibilidade de um viver coletivo, amparado pela amizade, pela alegria de viver, pela ludicidade? Será que essa existencialidade está aflorada, madura, construída nas experiências de alteridade? Será que é enriquecida pelas Vivências Corporais que podem corporificar a vida a partir da subjetividade?

Como será que o corpo pode constituir-se pela contribuição dos conceitos aprendidos no contexto teórico-interpretativo vivencial e transformar em atitudes, pelo conhecimento, suas Vivências Corporais? É preciso oferecer espaço para um corpo que seja a um só tempo sujeito e objeto, sujeitador e sujeito. Isto pode ser construído nas possibilidades sensíveis das Vivências Corporais.

Talvez para cada metáfora exista um corpo. Cada corpo na sua própria

metáfora expresse sua existencialidade. Talvez todas as existencialidades expressem a humanidade, ou talvez, até mesmo, a não-humanidade. Talvez possa tornar-se claro que o ser-no-mundo se faz emergir na condição de conhecedor da sua própria aprendizagem. Que floresce das experiências das suas Vivências Corporais, das experiências do se-movimentar no mundo do ser existencial que é sensível.

Assim podemos pensar em vida. Em vida humana e na expressão vivida da metáfora que se apossou de nós ou que foi por nós também possuída. Nesse estudo o corpo é um conceito que nos remete a um conceito de vida, e a experiência só pode ser expressa à medida que o organismo humano elabora significados com o ambiente interno ou externo. Talvez seja a dialogicidade expressa no seu nível metafórico vivido-experimentado. Então expressa a totalidade. E isto vai depender da metáfora.

Corpo, metáforas e natureza

Em Silva (1999) podemos compreender como as metáforas vão surgindo ao longo da história e de que forma vai cristalizando uma certa metáfora. A metáfora da modernidade que, em seu momento de culminância, produz um processo de separação entre o Ser Humano e a natureza, ao mesmo tempo em que universaliza valores e normas ocidentais.

Silva (ibidem) ainda aponta que a idéia da natureza humana integrada à ordem da natureza e dependente dos desígnios divinos predominou por vários milênios nas antigas civilizações. Que a partir da Idade Média a metáfora de "harmonia" entre Ser Humano e natureza sofre mudanças pela introdução de práticas de isolamento e preocupação por si. E, finalmente, na modernidade se dá a ruptura que é ampliada contemporaneamente. Com extensão da metáfora de

separação entre o homem e a natureza processa-se a replicação do fenômeno, na forma de separação entre toda a humanidade, que a partir de então é formada por indivíduos e não por suas próprias humanidades. E assim complementa:

A esse processo de desligamento entre Ser Humano e natureza corresponderá um tipo muito específico de interesse pelo corpo, que caminha muito mais próximo da dominação e da sujeição, tal como se busca realizar com toda a natureza, do que percebendo-o como um dos fundamentos para uma nova perspectiva ecológica, como se faz necessário nos tempos atuais. (Silva, 1999:08).

Em tal perspectiva, já se tornou senso comum que a humanidade é levada a viver tendo como pressuposto o domínio total da natureza e não o de estabelecer uma relação dialógica e encantada. Essa é uma perspectiva da Metáfora civilizatória, desencadeadora da servidão humana. Seja no mundo dito "primitivo", através de pilhagens, doenças transmitidas e aculturação, seja no mundo contemporâneo, pela fragmentação do mundo vital, uniformização, imposição de ordens multinacionais, entre outras.

Assim, vai configurando-se uma forma regressiva de constante retorno à barbárie. Sob essa forma as pessoas buscam um modelo-quase-em-série de corpo quase-humanóide, influência das metáforas contemporâneas, projeção do cenário midiático promovido para maquiar a angústia, de não se reconhecer como ser-no-mundo, capaz de emancipar-se inspirado pela capacidade ontológica humana de ser-mais. Vaz (1999) adverte que o processo do treinamento corporal relacionado à metáfora do domínio da natureza se dá seguinte forma:

... e se reconhecemos na natureza um outro a ser *dominado*, colocamos em um paradoxo, ao pensarmos que também somos parte da natureza, ou, dito de outra forma — talvez mais "esclarecida" — que temos parte da natureza em nós. Tornamo-nos outros em relação a nós mesmos, objetos perante um espelho. [...] O que temos de natureza em nós, nosso corpo, também é visto como algo perigoso e ofensivo para a civilização, devendo por isso mesmo ser dominado, domesticado, apaziguado. (Vaz, 1999: 91).

Pensando em corpo como metáfora da vida, apoiada numa existência instituída de consciência, é imperativo lembrar que a opção do caminho é sempre humana. Mas só através do diálogo se estabelece a diferença entre conhecer e percorrer o caminho. Percorrer o caminho é ir tomando consciência de si a partir de sua própria práxis, suas próprias Vivências Corporais, um caminho sem ponto de chegada. Para Siebeneichler (1989: 148), esse caminho,

é o da razão e do esclarecimento, no qual se toma partido em prol da comunicação, da emancipação, do mundo vital, da vida humana melhor, boa e justa, bem como da configuração racional da identidade de indivíduos e sociedades complexas, num contexto comunicativo, livre de coações e distorções de qualquer espécie, apoiado numa moral de cunho universalista.

O corpo é ponto fundamental nessa empreitada, pois dele se espera melhor compreensão e a aplicação da dialogicidade pela superação dos atos opressores que impedem o fluxo dos movimentos em direção ao diálogo. A irracionalidade é uma possibilidade que existe a partir da ausência de dialogicidade, de alguma forma moldada a partir de uma comunicação predominantemente técnica e instrumental. Tal "irracionalidade" obscurece o mundo vivido e produz um certo tipo de colonização do mundo da vida. Neste sentido se torna patológica, pois para produzir o mundo da vida é necessário desvincular-se dos mecanismos de vida induzida através de sistemas.

Nascida da mediação da comunicação, a dialogicidade supera a relação opressor-oprimido. Supera pela tomada de consciência de corporificação do opressor, antes hospedada no corpo-inconsciência do oprimido. E este é o mecanismo fundamental para a integração do sujeito no mundo da vida.

É como se, inexistindo o sentido de *Self* no ato de conhecer, os pensamentos que o indivíduo gera ficassem extraviados, pois o seu legítimo dono está ausente. O organismo auto-empobrecido não tem a menor idéia de quem é o dono daqueles pensamentos. (Damásio, 2000: 172).

Por isso, é vital discutir os atributos da relação entre corpo e Vivência Corporal no Movimento Humano. Do diálogo desses elementos podem surgir tomadas de atitude em direção a ações emancipadas. As patologias nascem dos mecanismos destituídos de diálogo, pois estes não possuem carismas de inter-relação e coisificam a vida, e por conseqüência empobrecem as metáforas.

Apesar da finitude do corpo enquanto organismo que manifesta vida, ele pode ser considerado o espaço onde se realizam essas transformações. Para Damásio (2000), a consciência serve para ampliar o alcance da mente. Isto pode ser comentado partindo do princípio que pela vida manifesta, esse corpo está sempre em constantes transformações pelo processo auto-organizador. Daí a importância das metáforas para compreender e promover uma existência expressa do diálogo.

Talvez como na música Rio das Inquietas Águas, uma versão de Guilherme Arantes da música Bridge Over Troubled Water, de Paul Simon, gosto sempre de brincar com a metáfora do corpo como um rio de emoções, um rio de inquietas águas.

RIO DAS INQUIETAS ÁGUAS

Quando o mundo
Te deixar
Com lágrimas no olhar
Eu enxugarei
Nas aflições
Do seu lado estarei
Se amigos não houver
Sobre o rio das inquietas águas
Eu me estenderei

Quando as ruas
São frias e hostis
E a noite cai tão cruel
Te confortarei
Com o luar

Contra todas as sombras
Se a dor está ao redor
Sobre o rio das inquietas águas
Eu me estenderei

Sua luz de prata
Segue a navegar
Que o tempo é seu
Pra brilhar
Os teus sonhos estão por vir
Estão a brilhar
Se você quiser
Vou navegar com você
Sobre o rio das inquietas águas
Eu me estenderei

Se você se sentar para observar o rio, começará a notar que ele é, ao mesmo tempo, estável e inconstante. A agitação da água gera formas complexas que se renovam continuamente. Desse modo, o rio é outra metáfora para nós mesmos. Como ele, nosso corpo físico encontra-se em contínua renovação e transformação, à medida que as células vão sendo regularmente substituídas. Enquanto isso, o "eu" que acreditamos existir dentro do corpo, em nosso centro psicológico, também constitui um fluxo. Somos tanto a "mesma" pessoa que éramos dez anos atrás quanto um indivíduo totalmente *novo*. Mas podemos ir ainda mais longe. (Brigs & Peat, 2000:16)

No corpo máquina (substancial), posso ser medido, codificado, avaliado. As questões se tomam materiais e tudo possui uma explicação funcional. Mas no corpo relacional, as questões se tomam intemporais, impermanentes, num fluxo contínuo de percepções. Os objetos ganham novos contornos e a relação torna-se fluida. Em certo sentido, de forma metafísica, sentimentos, percepções, intuições, Deus, o cosmos, a alma entre outros, não se manifestam no espaço e no tempo. São, portanto, fenomenais.

As transformações talvez sejam uma forma que o Ser Humano encontrou para atualizar precariamente a consciência. Só encontramos a possibilidade de "aprender" no aqui-agora. Mas tal possibilidade de aprendizado é sempre conjugada em nossa consciência no passado. Damásio (1996) sugere que o nosso eu, ou melhor, o nosso meta-eu só aprende o que acontece "agora",

um instante depois. Dessa forma é necessário refletir que é no processo de representação da metáfora que a humanidade estabelece a corporificação das suas experiências.

Daí, o mundo vivido em sua incompletude, pelo processo da experimentação, alimenta a subjetividade que Damásio (ibidem) vê como uma característica clara da consciência. Em sendo consciência, enforma os saberes, oferecendo ao corpo espaços de corporificação para expressar-se. Acreditamos que compreender o seu processo é um passo para melhor estabelecer relações de dialogicidade com o mundo. E complementa:

Julgo que as representações primordiais do corpo em ação desempenham um papel importante na consciência. Proporcionariam o núcleo da representação neural do eu e, desse modo, uma referência natural para o que acontece no organismo, dentro ou fora de seus limites. A referência de base do corpo eliminaria a necessidade de atribuir a um homúnculo a produção da subjetividade. Em vez disso, haveria estados sucessivos do organismo, cada um representando de novo, em múltiplos mapas consertados, momento a momento, e cada um ancorando o eu que existe a cada momento. (Damásio, 1996: 266).

Vivências Corporais podem ser EPP de estabelecer novos focos em novas dimensões diferentes das conhecidas pela própria experimentação do Ser Humano enquanto ser histórico; a possibilidade de mover-se em direção ao vazio na busca do novo, pela ontológica vocação de ser mais; a possibilidade do ato de superação, elevação e de busca de novos limites de revogação da vida; a necessidade da abertura infinita e da eterna necessidade de sempre acrescentar algo ao real. É o passo para a transcendência no contexto da imanência e que Boff, (2000: 22, 26, 27 e 36) sinaliza:

Creio que a transcendência é talvez o desafio mais secreto e escondido do Ser Humano. [...] Imanência e transcendência não são aspectos inteiramente distintos, mas dimensões de uma única realidade que somos nós. [...] Mas somos simultaneamente seres de abertura. [...] Essa capacidade é o que nós chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai para além daquilo que é dado. Numa palavra, eu

diria que o Ser Humano é um projeto infinito.

O que nos habilita a partilhar a vida da forma como se apresenta, nos instantes de reparação do ainda não expresso? Na busca de alteridade das contingências que nos assemelham a personagens míticos, envoltos em suas auras propulsoras de retratos e mais retratos da vida. Da vida que sempre quer viver, que busca no conhecer-se a sua coordenada evolutiva em direção ao eterno aqui-agora.

Aos 70 anos Freire (2000) dizia: "*é como se fôssemos mais jovens do que ontem*", admirando-se da forma como se vestia comparando-se há quando tinha 40 anos. Tal jovialidade não é o medo da morte sempre próxima e possível, pois afinal Rée (2000) diz que a soma total de nossa existência poderia ser definida como o que será subtraído do mundo com a nossa morte. Talvez essa jovialidade, pelo processo da transformação, seja a espera de novas metáforas para se viver.

E a surpresa de Paulo Freire nos fala das transformações, das aparências, das mudanças visíveis e invisíveis que nos "atropelam" a cada momento. Da possibilidade de correr o risco de viver e com ele nos tornarmos humanos. Fala-nos também da capacidade crítica originada na autocrítica, na certeza ontológica da capacidade humana de ser mais.

... uma das qualidades mais urgentes que precisamos forjar em nós nos dias que passam e sem a qual dificilmente podemos estar.. é a de capacidade crítica, jamais "sonolenta", sempre desperta à inteligência do novo... capacidade crítica que resulta de um saber tão fundamental quanto óbvio: não há cultura nem história imóveis. É fundamental que eu saiba não haver existência humana sem risco, de maior ou menor perigo. Enquanto objetividade o risco implica a subjetividade de quem o corre. Nesse sentido é que, primeiro, devo saber que a condição de existentes nos submete a riscos; segundo, devo lucidamente ir conhecendo e reconhecendo o risco que corro ou que posso vir a correr para poder conseguir um desempenho eficaz na minha relação com ele. (Freire, 2000:30).

Na sua finitude orgânica a vida se manifesta pelos processos adaptativos, auto-organizadores, sempre em busca do aperfeiçoamento. Assmann (1994) defende que sem uma filosofia do corpo não há possibilidade de transcendência das tradicionais teorias da educação. No corpo o homem se re-liga e se transforma e, quando se transforma, a lei ontológica da vida que quer viver se manifesta na sua eterna ligação com o todo em forma de corpo metaforizado.

O Corpo vivo é subjetividade. Já se disse que o corpo é nossa memória mais arcaica, pois em seu todo e em cada uma de suas partes guarda informações do longo processo evolutivo. Junto com a vida do corpo se realizam os vários níveis de consciência (a originária, a oral, a anal, a social, a autônoma e a transcendental), onde estas memórias se expressam e se enriquecem interagindo com o meio. (Boff, 1999:143).

Que cada um possa construir um pouco dessa teia. Que as metáforas de corpo sejam metáforas para se viver...

Considerações Finais

O foco deste trabalho foi o de saber se era possível encontrar, na literatura pesquisada, cenários teóricos que pudessem fundamentar as Vivências Corporais como EPP de sustentar um trabalho de concepção dialógica, valorizando também a abordagem de corpo relacional considerando o Movimento Humano como fundo perspectivo e prospectivo do se-movimentar na Educação Física.

No que se refere à temática, percebemos a necessidade de construir mais estudos com esse tipo de abordagem, pois foi identificado um campo promissor para futuras discussões com as características aqui apresentadas. Convém salientar que se trata de "inovação" na área quanto às palavras chaves

utilizadas, *Vivências Corporais e Experiências Corporais* com enfoque fenomenológico.

Na literatura encontramos muitos trabalhos recentes, principalmente nas bases de dados na Internet, com características associadas ao interesse da pesquisa em áreas como Semiologia, Filosofia, Psicologia, Educação e Antropologia. Entretanto, temáticas com essas abordagens associadas à Educação Física ainda ocupam pouco espaço na literatura, tendo em vista a perspectiva de olhar para homem que se movimenta em vez de olhar para o movimento do homem.

Na direção do objetivo que nos propomos, o de construir cenários, acreditamos ter conseguido dar um passo importante para, em seqüência, propor contextos nos quais possam ser aprofundadas essas temáticas. Assim sendo, percebemos que o alcance da nossa experiência como pesquisador nos ofereceu uma paisagem de múltiplas possibilidades de estudos cujos frutos colhidos, em matéria de conhecimento ultrapassaram em muito a nossa expectativa. Entendemos que o que foi tecido como metodologia para construção dos cenários tem um valor de referência para futuros trabalhos com essa forma de "olhar" para o mundo. Foi preciso lançar mão da criatividade utilizando-se associações que favorecessem justificar as nossas interpretações guardando uma certa coerência.

Não podemos deixar de mencionar que a experiência adquirida com trabalhos nessa linha ao longo da nossa vida profissional foi fator decisivo para que nosso Mundo Vivido pudesse articular-se com as reflexões que apareciam e que podiam ser "costuradas" com a teoria. Nesse particular pensamos que ainda poderemos aperfeiçoar-nos muito mais, pois que não foi possível, ainda, construir o reflexo da nossa prática, com suporte da teoria, tendo como base a grandeza

que os dois aspectos podem oferecer. São mais de duas décadas desenvolvendo experiências com o trabalho de Vivências Corporais e agora o "encontro" com a vastidão do que vem a ser a abordagem fenomenológica no contexto de uma teoria crítico-emancipatória.

A perspectiva transformadora da pedagogia é um grande incentivo a atitudes preenchidas de criatividade que podem ser reforçadas com estudos dessa natureza. No que se refere às Vivências Corporais, muitos estudos ainda podem ser desenvolvidos para melhor estruturar a sua utilização contextualizada com os procedimentos mais adequados na Educação Física.

Nas reflexões que foram possíveis percebemos EPP de desencadear contextos para aprofundar este estudo em "novos" cenários, sejam eles de formação, de grupos de pesquisa, de intervenções pedagógicas futuras ou simplesmente de práticas vivenciais para o autoconhecimento.

As orientações internas a partir dessas experiências de estudo, sempre transformadas a cada reflexão, foram percebidas como aberturas para um pensar diferente, mas não estranho ao ambiente acadêmico e serão a principal motivação para sua continuidade.

Desfazer-se de uma visão de mundo, de uma perspectiva de estruturas de um Estilo de Pensamento é tarefa complexa e exige constantes renovações e compreensões das metáforas nas quais estamos submergindo. Exige também não naturalizarmos os saberes quando emergimos com as elaborações, e não perdermos as habilidades de surpreender-nos, indignar-nos e lutar, entre outras.

Isto exige, de certa forma, uma linguagem apropriada para dizermos o que queremos dizer sem conflitos conceituais. Exige um olhar que possa ser autocrítico antes de ser crítico, para percebermos que alguns erros podem ser

cometidos quando buscamos assimilar um contexto teórico em consequência de uma prática vivenciada, sem nos obscurecermos nas idéias do mito dessa dicotomia.

Dentro dessas conjecturas, pensamos construir um Estilo de Pensamento apoiado em alguns princípios que devemos assumir publicamente. Não como posição ortodoxa, tipo *"Aqui estou e daqui não saio!"*, mas uma posição que possa dizer *"Neste momento, a minha trajetória de vida me faz ver o mundo dessa posição, mas é uma posição que pode ser modificada"*.

Para essa contínua reflexão a respeito das contribuições dos Cenários construídos, e, enquanto cenários, podendo sempre ser montados e desmontados, devemos considerar a plasticidade dos saberes construídos afastando-nos de Visões de Mundo absolutas. Assim, assumimos como importante a tarefa de continuarmos o aprendizado de nos importarmos muito mais com os discursos do que o de querermos produzir discursos; de entendermos os modos como se articulam, em que fundo estão circunscritos e em que níveis são vigiados ou não, por exemplo; de pensarmos a possibilidade de "reinventar" a razão, mas sem ser necessário uma des-razão.

As Vivências Corporais parecem ser um campo de estudos promissor na perspectiva do se-movimentar dialógico, tendo por base um Estilo de Pensamento Fenomenológico aberto e associado ao contexto da concepção de Corpo Relacional. Mas esta continua sendo a tarefa a ser buscada valendo-se da experiência deste trabalho. Dizer que parecem ser promissoras não é o mesmo que afirmar que são promissoras, e este estudo apenas sugere que este aprofundamento é possível.

Temos em consideração o fundamento de que quando algum tipo de saber é afirmado, algum tipo de saber também é negado. Dessa forma, queremos também ser responsáveis por aquilo que propomos, colocando-nos numa posição de incompletude; pensamos que as evidências que se foram constituindo como EPP podem fundamentar as Vivências Corporais como cenários inclusos na Educação Física e devem ser mais exploradas no que diz respeito a sua forma de aplicação.

Os modos como enxergamos as coisas precisam ser partilhados, para que uma visão de conjunto possa dar-nos referências mais próximas da totalidade. Essa tarefa exige parcerias que possam comprometer-se com tal Estilo de Pensamento. O compromisso só pode, por hipótese, ser constituído num contexto de conhecer as coisas. Ou seja, participar de um espaço onde possam ser vivenciadas, refletidas, estudadas e constituídas como EPP de aprendizagens significantes para a Visão de Mundo que aqui se descortina.

Mesmo que pareça uma utopia para o momento, o modo que balizou este caminho foi o de pensar um conceito de saber e conhecer o corpo no contexto de ser-no-mundo, para além do conceito de Verdade. De conhecer o corpo sem a preocupação de querer "construir" um belo corpo, por exemplo. Questionar esta versão de domínio da natureza. Conhecer o corpo sobre outra perspectiva. Em virtude deste senso, pensamos que não há uma razão que tenha um caminho para atender essa visão; talvez a caminhada empreendida e a empreender possa indicar o próprio caminho.

A grande questão com a qual nos defrontamos continuamente foi a de responder o que é a Vivência Corporal sem necessariamente construir um *Know How*, um como-fazer; sem atender, pelo menos neste momento, exigências de

quaisquer demandas a não ser a de conhecer; de dialogar sobre a forma como esses saberes poderão ser construídos valendo-se da visão de Mundo de quem os constrói.

Todavia, o cenário de fundo para as Vivências não pode dispor do Ser Humano que sente e por isso pensa (Damásio, 1996), nem da construção dialógica de idéias que tornem as pessoas autônomas, emancipadas; que favoreça o descentramento da verdade unicausal e possa constituir-se num espaço vivencial que não seja o lugar de sempre de onde "olhamos" para o Mundo; de onde se perceba o que nos impulsiona, valendo-se do que foi vivido e nos projete para um outro lugar; que é sempre um outro posto de observação e também um outro ponto para onde se olha.

Talvez precisemos ser prudentes no que diz respeito ao ente biológico. Será que é possível sairmos dessa forma de pensar? Merleau-Ponty influenciado por Gabriel Marcel concebe: "Eu sou meu corpo"; que é possível redefinir o humano com base nesse pensamento. Este trabalho procurou pensar dessa forma. Mas é apenas um ponto de vista. Um pensar diferente. Um Estilo de Pensamento em construção.

Fugimos de tentar perspectivar o Ser Humano como coisa, com separação entre sujeito de objeto, de compreendê-lo enquanto objeto de estudo sem reduzi-lo a objeto de estudo. Sem uma crítica a tais formas de pensar não poderemos avançar para outras formas diferentes de pensar o Ser Humano. Infelizmente o processo de construção do Ser Humano foi sendo direcionado a um certo enquadramento comportamental. As pessoas se tornaram tão moduladas que não têm outra alternativa, a continuar no processo normativo,

senão a de assumir uma postura rígida que traduz atitudes rígidas. As pessoas são muito diferentes entre si.

Pensamos que a homogeneidade é um mito, e que toda dicotomia também é um mito. A homogeneidade pode conduzir à mesmice, e a dicotomia pode levar à competição. Pensamos que ambas só podem ser construídas no contexto de um pensamento que acredite na existência de uma autoridade absoluta, que à luz do nosso olhar também é um mito.

A espécie humana é passível de trocas. O fundamento das trocas é a cooperação e não a competição. No processo do ensino da Educação Física escolar, por exemplo, respeitando todas as variedades das possíveis pedagogias, as características dos projetos pedagógicas, nas escolas privadas ou nas escolas públicas, os Valores principais a serem tematizados são os Valores Humanos.

Pensamos que o que deve ser valorizado é a singularidade de cada criança. Por esta razão, não temos muito que ensinar a cada uma delas, o que podemos fazer é pelo processo do diálogo, das trocas afetivas, de uma pedagogia amorosa, dialogar comparativamente. E contribuir para que cada um no seu processo possa expressar-se num se-movimentar singular, desvelando para si mesmo seu processo de autonomia e dizer: *"Eu sinto desta forma, por isto penso assim... e então me expresso, me movimento assim"* em substituição ao *"Como é que tenho que fazer?"*

Precisamos, através do diálogo, demonstrar para as nossas crianças que ela precisam de orientação, mas sem necessariamente seguir algum líder. Que não acreditem demais nos mestres. Que tenham a convicção de que podem livremente se perguntar: *como é que eu consigo isto e não como é que devo fazer isto?*

As descrições foram horizontes desvelados e re-velados, apoiados nas intencionalidades de "habitar" e "apreender" o que nos foi possível ser mostrado. O que a nós foi permitido ver é o fractal que permite compreender a totalidade do que foi vivido neste estudo, pois em nós – nosso corpo – se instalaram novos saberes, constituindo novos espaços de enformação.

Mas, se por hipótese se transformou na busca de uma experiência formadora, da intenção de tentar ser constituído na experiência formativa dos futuros professores de Educação Física, por exemplo, já teria sido um caminhar feito com sentido. Mas até lá, o que poderia ser mais des-velado? E é o filósofo (Merleau-Ponty, 1999a: 107) que nos responde: "*a síntese dos horizontes é apenas uma síntese presuntiva, ela só opera com certeza e com precisão na circunvizinhança imediata do objeto*". Assim, ficamos com o pensamento de Rudolf Steiner ao comentar sobre a construção do Goethanum em 28/12/1914.

Em toda parte deve ser dado um início. Se agora há pessoas que acham que em nossa obra algumas coisas são imperfeitas, então podem ter certeza de que aquelas que participam dessa obra encontrarão muito mais imperfeições do que as que criticam. Há coisas a ser criticadas, que somente aquelas pessoas que olham nem descobrem. Mas não é isso o que interessa. O que realmente interessa é que se dê um início às coisas que devem acontecer. Não se trata da perfeição com que podemos executar aquilo que aqui deve ingressar na vida, por mais imperfeitamente que nela ingresse, seja feito de uma vez, que seja dado um início. Pois tudo o que entra no mundo como algo novo é imperfeito perante aquilo que subsiste como velho. O velho vive como o grau mais elevado e o novo ainda está engatinhando. Isso é óbvio. (Steiner, 1914: sn)

As descrições dos cenários foram os frutos gerados de um passado imediato, apoiado por um horizonte de futuro. Talvez juntos representem um momento imemorial. A busca de um horizonte de possibilidades para concorrer no presente próximo às novas interpretações. Por isso mesmo inconclusivas, a espera do devir, daquilo que poderia ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, Teodor W. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Alliez, Éric. (1996). *Da Impossibilidade da fenomenologia: sobre a filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Editora 34.
- Almeida, Miguel Vale de. (1996). (Org.). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras, Portugal: Celta.
- Amorc. (1983). *Jacob Boehme, o príncipe dos filósofos divinos*. Curitiba: Grande Loja do Brasil.
- Andrade, Leandro A. F. & Daniello, José Antônio. (1997). *Jurgen Habermas: pesquisa bibliográfica*. Disponível em <http://www.geocities.com/Eureka/2330/>. Acesso em 10/06/2000.
- Assis, Sávio. (2001). *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Assman, Hugo & Sung, Jung Mo. (2001). *Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Assmann, Hugo. (1994). *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 2ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP.
- Babo, Maria Augusta. (2001). *Para uma semiótica do corpo*. Revista Interact on line [On line] N° 2 mar 2001. Universidade de Lisboa: Portugal. Disponível em <<http://interact.com.pt/interact2/babo.html>>. Acesso em 17/12/2001.
- Birman, Joel. (2000). *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Boff, Leonardo. (1999). *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (2000). *Tempo de transcendência: o Ser Humano como projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora.

- Bonetti, Albertina. (2000). *Perspectivas teórico-metodológicas para a ginástica: alguns subsídios para redimensioná-la na Educação Física Escolar*. Revista Motrivivência, UFSC: Ano XI N^o 14 Maio (pp. 221-228).
- Brazil, Stella Telles Vital. (1992). *A divina filosofia grega*. 2^a ed. Curitiba: AMORC.
- Brigs, John & Peat, F. David. (2000). *A sabedoria do caos: sete lições que vão mudar sua vida*. Rio de Janeiro: Campus.
- Buzzi, Archângelo R. (2001). *Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo*. 12^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Capela, Paulo Ricardo do Canto. (2000). *Quais as relações da Educação Física com os movimentos sociais*. Revista Motrivivência, UFSC: Ano XI N^o 14 Maio.
- Capra, Fritjof. (1991). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Cardoso, C. M. (1995). *A canção da incerteza: uma visão holística da educação*. São Paulo: Summus.
- Cardoso, Fernando Luiz. (1994). *Noções de Corporeidade de quem e para quem?* Revista Motrivivência, UFSC: Ano V n^o 5,6,7 - Dezembro.
- Carmo, Paulo Sérgio do. (2000). *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC.
- Castaneda, Carlos. (1998). *Passes mágicos: a sabedoria prática dos xamãs do antigo México*. Rio de Janeiro: Record.
- Chauí, Marilena. (2000). *Convite à filosofia*. 12^a ed. São Paulo: Ática.
- Coelho Jr., Nelson & Carmo, Paulo Sérgio do. (1991). *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta.
- Costa, Jurandir Freire. (2001). *Playdoier pelos irmãos*. In Kell, Maria Rita. (Org.). *Função Fraternal*. (pp. 07-30). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Craxi, Antonio e Sylvie. (1995). *Os Valores Humanos: uma viagem do "eu" ao "nós"*. São Paulo: Meca.
- Damásio, Antônio R. (2000). *O mistério da consciência: do corpo ao conhecimento de si*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. (1996). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Cia das Letras.
- Daolio, Jocimar. (1998). *Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus.

- Dartigues, André. (1992). *O que é fenomenologia*. São Paulo: Moraes.
- Davidson, Donald. (1992). *O que as metáforas significam*. In Sacks, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. (35-51). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Demo, Pedro. (2001). *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas, SP: Papirus.
- _____. (1994). *Universidade e pesquisa: agonia de um antimodelo*. Revista Motrivivência, UFSC: Ano V n° 5, 6,7 - Dezembro.
- Derrida, Jacques. (1994). *A voz e o fenômeno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dichtchekian, Maria Fernanda. (1984). *Introdução*. In Martins, Joel & Dichtchekian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 07-08). São Paulo: Moraes.
- Dichtchekian, Maria Fernanda. (1984). *Fenomenologia da existência*. In Martins, Joel & Dichtchekian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 95-98). São Paulo: Moraes.
- Dychtwald, Ken. (1991). *Reflexões sobre o paradigma holográfico*. Wilber, Ken. (1991). (Org.). *Paradigma Holográfico e outros paradoxos* (pp. 105-112). São Paulo: Cultrix.
- Éden, Tânia. (2001). *Percepção e linguagem em Merleau-Ponty e Wittgenstein*. Disponível em <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/tania.htm>>. Acessado em 17/12/2001.
- Estés, Clarissa Pinkola. (1997). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Fensterseifer, Paulo Evaldo. (2001). *A educação física na crise da modernidade*. Ijuí, RS: UNIJUÍ.
- Fleck, Ludwik. (1986). *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid, España: Alianza Editorial.
- Forghieri, Yolanda Cintrão. (1984). (Org.). *Fenomenologia e psicologia*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- Foucault, Michel. (1999). *História da sexualidade: o cuidado de si*. 6ª. Ed., Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1997). *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1981). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

Freire, Paulo. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

_____. (1999). *Pedagogia do oprimido*. 27ª ed.: Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (1980). *Educação como prática da liberdade*. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (1979). *Educação e mudança*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

Freitag, Barbara. (1993). *A teoria crítica: ontem e hoje*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense.

Freitas, Giovanina Gomes de. (1999). *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal*. Ijuí (RS): UNIJUI.

Furlan, Reinaldo. (1999). *Freud, Politzer, Merleau-Ponty*. Psic. USP vol. 10 n. 02, São Paulo. Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>> Acessado em 08/07/2001.

_____. (2000). *A noção de "comportamento" na filosofia de Merleau-Ponty*. Estud. Psicol. Vol. 05 N. 02 jul/dez. Nata.: Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acessado em 08/07/2001.

_____. (2001). *A noção de consciência n'A Estrutura do Comportamento (Merleau-Ponty)*. Psic. USP vol. 12 n.1. São Paulo. Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acessado em 10/12/2001.

Gadotti, Moacir. (1992). *A educação contra a educação*. São Paulo: Paz e Terra.

Gaiarsa, José Ângelo. (1977). *Apresentação da edição brasileira*. In Feldenkrais, Moshe. *Consciência pelo movimento* (pp. 09-15). São Paulo: Summus.

Galisi Filho, José. (2001). *Olhar fenomenológico*. Revista Interact on line [On line] N° 2 mar 2001. Universidade de Lisboa: Portugal. Disponível em <<http://interact.com.pt/interact2/ensaio>>. Acessado em 18/12/2001.

Gardner, Howard. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas. In Sacks, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. (127-144). São Paulo: EDUC/Pontes.

Gardner, Howard & Winnwer, Ellen. (1992). *O desenvolvimento da competência metafórica: implicações para as disciplinas humanistas*. In Sacks, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. (127-144). São Paulo: EDUC/Pontes.

- Giorgi, Amadeo. (1997). *De la méthode phénoménologique utilisée comme mode de recherche qualitative en sciences humaines: théorie, pratique et évaluation*. In Poupart, Deslauriers, Groulx, Lapierre, Mayer, Pires. *La recherche qualitative: enjeux épistémologiques et méthodologiques* (341-364). Montréal, Canadá: Gaëtan Morin Éditeur.
- Gomes, William B. (1977). *Entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente*. Psic. USP vol. 08 N. 02. São Paulo. Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acessado em 08/07/2001.
- González Rey, Fernando L.. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. Rev. Educ. Soc. v. 21 n 71, Campinas. On line. Disponível em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em 21/09/2001
- Goswami, Amit. (2001). *Universo autoconsciente*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Greuel, Marcelo da Veiga. (1996). *O problema da fundamentação do conhecimento. Uma abordagem fenomenológica*. UFSC-DLLE-CCE. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/le/alemao/profe/feno.html>. Acesso em 06/12/2002
- Guimarães, Samuel Macedo. (2001e). *Grupos de Movimento, uma experiência de re-significação do saber viver na Educação Física de Universitários*. (Resumo). 3º Congresso Brasileiro de Atividade Física & Saúde. Florianópolis, UFSC, Novembro. (p.144)
- _____. (2001d). *A Produção do Mestrado em Educação Física da UFSC - Um Estudo dos Resumos das Dissertações de 1998 a 2000*. XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Caxambu, CBCE, Outubro. Cd-rom.
- _____. (2001c). *Corpo-corção, uma metáfora para o cuidado de si. Tarefa da Educação Física?* (Resumo). Anais do IV Simpósio de Promoção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física da UFSC. Joinville, Univille, Setembro. Cd-rom.
- _____. (2001b). *Contribuição de Vivências Corporais Neo-Reichianas na ampliação da Consciência Corporal de Universitários da UESC*. 53ª Reunião Anual da SBPC. Salvador, UFBA/SBPC, Julho. (p. 141) Cd-rom.
- _____. (2001a). *Vivências Corporais Neo-Reichianas e ampliação da consciência corporal em universitários da UESC*. (Resumo). Anais do XX Simpósio Nacional de Educação Física – UFPEL. Pelotas, UFPEL, junho. (p. 332)
- _____. (2000). *Grupo de Movimentos, uma experiência Neo-Reichiana na Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz*. (Resumo). Anais do III Simpósio de Produção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física da UFSC. Florianópolis, UFSC, maio. (p. 95)

- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. (2000). *Hegel: Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- Heidegger, Martin. (2000). *Heidegger: Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- _____. (1991a). *Cartas sobre o humanismo*. São Paulo: Moraes.
- _____. (1991b). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes.
- _____. (1963). *Meu caminho para a fenomenologia*. (Mein Weg in die Phanomenologie. In Gesamtausgabe N° 014 – Zur Sache des Denken - Sobre o assunto do pensar). Trad. Ernildo Stein. Disponível em: <http://www.heidegger.hpg.ig.com.br/entrada.htm>. Acesso em 15/12/2001.
- Husserl, Edmund. (2000). *Husserl: Os pensadores*. São Paulo: Nova cultural.
- Japiassú, Hilton & Marcondes, Danilo. (1996). *Dicionário básico de filosofia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (1ª ed. 1989).
- Jesus, Joaquim Felipe; Guimarães, Samuel Macêdo & Nunes, Renildo. (2001). *Em busca de um indivíduo humano na sociedade informática. (Resumo)*. Anais do IV Simpósio de Promoção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física da UFSC. Joinville, Univille, Setembro. Cd-rom.
- Kant, Immanuel. (1996). *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: SP: Unimep.
- Kehl, Maria Rita. (2001). (Org.). *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Keleman, Stanley. (1996). *O corpo diz sua mente*. São Paulo: Summus.
- _____. (1995). *Corporificando a experiência*. São Paulo: Summus.
- _____. (1994). *Realidade Somática*. São Paulo: Summus.
- _____. (1992). *Anatomia Emocional*. São Paulo: Summus.
- Kunz, Elenor. (2001). *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí, RS: UNIJUÍ.
- _____. (2000a). *Anotações de sala de aula da disciplina "Estudos Antropofilosóficos do Movimento Humano"*. Curso de Mestrado em Educação Física da UFSC.
- _____. (2000b) *Esporte uma abordagem com a fenomenologia*. Rev. Movimento. 6 (12) (pp. 1-19). Porto Alegre – UFRGS.

- _____. (1998) *Limitações no fazer ciência em Educação Física e Esportes: CBCE, 20 anos auxiliando na superação*. In Revista Brasileira de Ciências do Esporte. ISSN 001101.3289. Setembro.
- _____. (1991). *Educação física: ensino & mudanças*. Ijuí, RS: UNIJUÍ.
- Lilienthal, Luiz; Fernandes, Myrian Bove & Ciornai, Selma. (2001). *Os 50 anos da gestalt terapia*. Revista Insights, ano XI, nº 124, Dezembro, (pp 4-7).
- Liotard, Jean François. (1967). *A fenomenologia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Márquez, Raul Antônio. (1985). *Martin Heidegger: uma teoria de la experiencia*. Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn. Tese de Doutorado Disponível na biblioteca Central da UFSC.
- Martinelli, Marilu. (1999). *Conversando sobre valores humanos*. São Paulo: Peirópolis.
- Martins, Joel. *Psicologia da Cognição*. (1984). In Martins, Joel & Dichtchekian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 75-87). São Paulo: Moraes.
- Martins, Joel & Bicudo, Maria Aparecida Viggiani. (1994) *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 2ª Ed. São Paulo: Moraes.
- Matos, Ogária C. F. . (1993). *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna.
- Maturana, Humberto & Varela, Francisco. (1995). *A árvore do conhecimento*. Campinas: SP: Editorial Psy.
- Maturana, Humberto. (1999). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Merleau-Ponty, Maurice. (2000). *A Natureza*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1999a). *Fenomenologia da percepção*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (1ª ed. Francesa, 1945).
- _____. (1999b) *O Visível e o invisível*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva. (18ª ed. Francesa, 1964).
- _____. (1973). *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva.
- _____. (1948). *Sens et non sens*. Paris: Gallimard.
- Mills, Wright C. (1972). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Moreira, Ana Regina de Lima. (1997). *Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty*. Estud. Psic. Vol. 02 N. 2 jul/dez. Natal. Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em 08/07/2001.
- Moreira, Wagner Wey. (1995). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus.
- Morin, Edgar. (1996). *A noção de sujeito*. In Schnitman, Dora Fried. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45-58). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Müller, Marcos José. (2001). *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre, RS: EDIPURS.
- Najmanovich, Denise. (2001). *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Negri, Toni. (2001). *Exílio: seguido de valor e afeto*. São Paulo: ILUMINURAS.
- Nóbrega, Terezinha Petrucia da. (1999). *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo*. Tese de Doutorado: Piracicaba — SP: UNIMEP.
- Oliveira, Admardo Serafim de. (1996). *Educação: redes que capturam caminhos que se abrem*. Vitória, ES: EDUFES.
- Ortega, Francisco. (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- Os pré-socráticos. (1978). *Fragmentos, doxografia e comentários*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural.
- Pribram, Karl H. (1991). *Qual a confusão que está por toda a parte*. Wilber, Ken. (1991). (Org.). *Paradigma Holográfico e outros paradoxos* (pp. 31-37). São Paulo: Cultrix.
- Puebla, Eugênia. (1997). *Educar com o coração*. São Paulo: Peirópolis.
- Quinque, Gabriele. (1999). *O sono do templo*. São Paulo: Pensamento.
- Ramos, Maria Beatriz Breves. (1998). *Macromicro, a ciência do sentir: uma visão revolucionária do Ser Humano*. São Paulo: Mauad.
- Reale, Giovanni & Antiseri, Dano. (1991). *História da Filosofia: Vol. I a III*. São Paulo: Paulus.
- Rée, Jonathan. (2000). *Heidegger: história e verdade em ser e tempo*. São Paulo: UNESP.

- Rehfeld, Ari & Dichtchekenian, Maria Fernanda. (1984). *Fenomenologia do conhecimento científico*. In Martins, Joel & Dichtchekenian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 89-94). São Paulo: Moraes.
- Rezende, Antônio Muniz de. (1990). *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez.
- Santin, Silvino. (1990). *Educação Física: Outros caminhos*. Porto Alegre: EST.
- _____. (1987) *Educação Física: Uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí, RS: Unijuí.
- Shaff, Adam. (1991) *A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. 2ed. São Paulo: Unesp/Brasiliense.
- Siebeneichler, Flávio Beno. (1989). *Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Silva, Ana Márcia. (2001a). *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade*. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: UFSC.
- _____. (2001b). *A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade*. In Soares, Carmem. (2001). (Org.). *Corpo e história* (25-41). Campinas, SP: Autores Associados.
- _____. (2000). *O corpo mundo: algumas reflexões a cerca da expectativa de corpo atual*. In Grando, José Carlos (Org.) *A desconstrução do corpo*. Blumenau: Furb.
- _____. (1999). *Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional*. Cadernos Cedes nº 48: Campinas: Unicamp.
- Silva, Francisco Carlos Teixeira da. (2001). *O mundo mudou?* Revista Ciência Hoje, Vol. 30, N° 177, Nov. (pp. 08-13)
- Silva, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. (1996). *A pesquisa qualitativa em educação física*. Rev. Paulista de Educ. Física. São Paulo, 10(1): 87-98, jan/jun.
- Sinzato, Carmen Isabel Pereira. (1998). *Desenvolvimento de um micromundo para o alinhamento de equipes de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Engenharia de Produção, Florianópolis: UFSC.
- Soares, Holgonsi & Pereira, Maria Arleth. (1998). *O sentido da autonomia no processo de globalização*. Revista Educação V. 22, n. 02. Santa Maria, RS: UFSM. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.autonomia1.html>> Acesso em 24/11/2001.

- Soares, Holgonsi. (1998) *A importância da autonomia*. Disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.autonomia3.html>> Acesso em 24/11/2001.
- _____. (1993). *Cidadania como conceito de totalidade*. Disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/cidadania.html>> Acesso em 24/11/2001.
- Steiner, Rudolf. (1914). *Technology and Art (Lecture I in: Art as Seen in the Light of Mystery Wisdom)*. (GB 1959). Lecture on the Arts and Speech Formation Escrito em Dornach, Switzerland em 28/12/1914. Acervo da Biblioteca da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo no Arquivo GA 275 (3702).
- Suchodolski, Bogdan. (1992). *A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. 4^a ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Swanson, Don R. (1992). *Rumo a uma psicologia da metáfora*. In Sacks, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. (163-166). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Szekely, Edmond Bordeaux. (1997). *Os Ensinos Essênios*. São Paulo: Pensamento.
- Tápia, Luiz Ernesto Rodrigues. (1984). *Método em fenomenologia*. In Martins, Joel & Dichtchekenian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 69-74). São Paulo: Moraes.
- Tesla, Mario. (1992). *Pensar em saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tilak, Swami. (1974). *Reencarnação*. 2^a ed. Brasília: Didática e Científica.
- Trebels, Andreas H. (1993). *Playdoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte*. CBCE 13 (3).
- Valentini, Luciano. (1984). *Fenomenologia e dialética*. In: Martins, Joel & Dichtchekenian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). (1984). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Moraes.
- Vaz, Alexandre Fernandes. (1999). *Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal*. Cadernos Cedes n^o 48: Campinas: Unicamp.
- Veríssimo, Ângela. (1995). *Guernica ou o manifesto político de P. Picasso*. Portugal: Disponível em http://www.isa.utl.pt/campus/6_pablo.htm#1. Acesso em 02/02/2002
- Welwood, John. (1991). *O paradigma holográfico e a estrutura da experiência*. In Wilber, Ken et al. *Paradigma Holográfico e outros paradoxos* (pp. 123-130). São Paulo: Cultrix.
- Wilber, Ken. (1996). *O espectro da consciência*. São Paulo: Cultrix.

_____. (1991). (Org.) *Paradigma Holográfico e outros paradoxos*. São Paulo: Cultrix.

Zuben, Newton Aquiles von. (1984). *Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau Ponty*. In Martins, Joel & Dichtchekenian, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. (Orgs.). *Temas fundamentais de fenomenologia*. (pp. 55-68). São Paulo: Moraes.

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

- Alves-Mazzoti, Alda Judith. (1998). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.
- Bastos, Cleverson Leite; Keller, Vicente. (1998). *Aprendendo a Aprender: Introdução à Metodologia Científica*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Bastos, Lilia da Rocha; Paixão, Lyra; Fernandes, Lúcia Monteiro & Deluiz, Neise. (1998). *Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, tese, dissertações e monografias*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Bastos Filho, Jenner Barreto. (1998). *O que é uma teoria científica*. 2ª ed. Maceió: EDUFAL.
- Bicudo, Maria Aparecida Viggiani & Espósito, Vitória Helena Cunha. (1997). (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. 2ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP.
- Brandão, Helena H. Nagamine. (1995). *Introdução a análise do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: UNICAMP.
- Cervo, Amado Luiz; Bervian, Pedro Alcino. (1983). *Metodologia Científica: para uso de estudantes universitários*. 3ª ed. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil.
- Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão 3.0. (1999). Lexicon Informática Ltda. Versão Integral de Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ducassé, Pierre. (1972). *As grandes correntes da filosofia*. 5ª ed. Portugal: Europa-América.
- Eco, Umberto. (2000). *Como se faz uma tese*. 15ª ed. — São Paulo: Perspectiva. (1ªed. 1977).
- Faulstich, Enild L. De J. (1999). *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fernandes, Heloisa. (1991). *Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou divergência?* Cadernos CERU, nº 3, série II (pp. 148-160). São Paulo: USP.

- Gamboa, Silvio Sanchez. (1995). *Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica*. In Santos Filho, José Camilo dos & Gamboa, Silvio Sanchez. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade* (pp. 84-110). São Paulo: Cortez.
- Goldenberg, Mirian. (1998). *A arte de pesquisar*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Hübner, Maria Martha. (1998). *Guia para elaboração de Monografias e Projetos de Dissertação de Mestrado e Doutorado*. 28ª ed. São Paulo: Pioneira/Mackenzie.
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2000). *Normas para apresentação de documentos científicos (v. 1-10)*. Curitiba: UFPR.
- Köche, José Carlos. (1997). *Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e prática de pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Laville, Christian & Dione, Jean. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG.
- Marques, Mário Osório. (1998). *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 2ª ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO.
- _____. (1994). (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mizukami, Maria da Graça Nicoletti. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU.
- Molina Neto, Vicente & Triviños, Augusto N. S. (1999). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina.
- Moraes, Maria Cândida. (1997). *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus.
- Moreira, Daniel Augusto. (2001). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: FECAP. Disponível em: http://www.fecap.br/dmoreira/textos_metodologia_06.htm. Acesso em 19/12/2001.
- _____. (2001). *Dificuldades de uma dissertação de mestrado*. São Paulo: FECAP. Disponível em <http://www.fecap.br/dmoreira/dificuldades.htm>>. Acesso em 17/12/2001.
- _____. (2001). *Etapas de uma dissertação de mestrado*. São Paulo: FECAP. Disponível em <http://www.fecap.br/dmoreira/etapas.htm>>. Acesso em 17/12/2001.

- Normas para publicação da UNESP. (1994). *Dissertações e teses: do trabalho científico ao livro* (v. 4); *Preparação e revisão de textos* (v. 3). São Paulo: UNESP.
- Northedge, Andrew. (1998). *Técnicas para estudar com sucesso*. Florianópolis, SC: UFSC.
- Oliveira, Paulo de Salles. (1998). (Org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec/UNESP.
- Os pré-socráticos. (1978). *Fragmentos, doxografia e comentários*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural.
- Rudio, Franz Victor. (1999). *Introdução ao Projeto de Pesquisa*. 24ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Ruiz, João Álvaro. (1991). *Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos*. 3ª ed. São Paulo: Atlas.
- Salomon, Décio Vieira. (2001). *Como fazer uma monografia*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Saviani, Dermeval. (1999). *Escola e democracia*. 32ª ed. Campinas: Autores Associados.
- _____. (1996) (Org.). *Para uma história da Educação Latino Americana*. Campinas: Autores Associados.
- Sérgio, Manuel. (1989). *Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana*. Campinas: Papyrus.
- Severino, Antônio Joaquim. (1999). *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (1993). *Filosofia*. São Paulo: Cortez.
- Terra, Paulo. (2000). *Pequeno manual do anarquista epistemológico*. Ilhéus, BA: Editus/UESC.

ANEXOS

ANEXO 1

Programa de Grupo de Movimento da UESC



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CÓDIGO	DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA		PROGRAMA DE ENSINO: PROGRAD
ANO:	MODALIDADE: GRUPO DE MOVIMENTO (GM)		PROGRAMA DE DISCIPLINA: SEM PRÉ REQUISITOS
C/HORÁRIA	CRÉDITOS	PROFESSOR(A)	
TEÓRICA	-	-	NOME: Samuel Macêdo Guimarães
PRÁTICA	30	1	Ass.:
TOTAL	30	1	

<p>EMENTA</p> <p>Propõe refletir o corpo, compreender os efeitos psíquicos e emocionais de suas ações, através de exercícios de Bioenergética, Biossíntese, Biodinâmica, Educação Somática, Educação Física e outros integrando a experimentação, os valores humanos e a capacidade de vivenciar o problema de escolha entre um ato e outro. Trabalho vivencial, onde o aprendizado sobre si mesmo e os outros, revelam nuances que auxiliam na compreensão de dimensões de corporalidade não percebidas no dia a dia, onde é o próprio corpo que deseja-sente-pulsa-age, por meio de músculos, ossos, articulações e metaboliza em suas vísceras, a matéria, a emoção e o espírito. Dispõe acatar este corpo que sente de dentro das suas fronteiras cutâneas, transformando inconsciência em consciência e alteridade madura. Conteúdos: respiração, pés, tornozelos, joelhos, pernas, pelve, tronco, braços, cotovelos, mãos, cadeias musculares e articulações, integração corporal, valores humanos.</p>

<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> ☞ Criar oportunidades para um melhor conhecimento de si. ☞ Sinalizar para o componente emocional e psíquico do Movimento Humano. ☞ Propor experiências que desvendem sensibilidade e consciência corporal no contato com processos físicos, emocionais, mentais e respiração. ☞ Aprender sobre percepção e cuidado de si mesmo e do outro (leitura corporal) através do lúdico participado. ☞ Trabalhar em busca de vitalidade, equilíbrio energético, bem estar, através de contato, toque e relaxamento. ☞ Resgatar a capacidade de expressão pela desinibição, assertividade e desbloqueio emocional. ☞ Vivenciar a relação percepção-expressão, realidade e prazer, interno-externo.

<p>METODOLOGIA</p> <ul style="list-style-type: none"> ☞ Atividades em sala de aula realizadas individualmente e em grupo. ☞ Desenvolvimento progressivo de uma estrutura didático-pedagógica que indique a existência de um eixo temático, na aquisição dos conhecimentos, habilidades, destrezas e tomada de consciência entre as partes, o todo corporal e suas implicações afetivo-sociais. ☞ Comunicação espontânea das percepções e sentimentos revelados nos processos de trabalho propostos a cada sessão. ☞ Utilização de recursos audiovisuais e dinâmicas de grupo.

<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> ☞ <u>Inicial</u>: Após apresentação do programa, o aluno deverá refletir se deseja ou não participar de grupo de movimento. Em caso afirmativo preenche a ficha de entrevista inicial (pré-avaliação). ☞ <u>Processual</u>: Ao final de todas as sessões é realizado um trabalho coletivo onde espontaneamente cada um em seu próprio momento comunica seus aprendizados, percepções, sentimentos e auto-avaliações. ☞ <u>Final</u>: a) Após a sessão de integração corporal, o aluno expressa em colagem específica e escreve, sobre como realizou internamente esta integração; b) O aluno preenche ficha de entrevista final (pós-avaliação) e formulário de avaliação do curso.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Apresentação do programa, auto-apresentações, compromisso de participação.
2. Preenchimento da ficha de entrevista inicial
 - ☞ Aquecimento
 - ☞ Canto do próprio nome.
3. Respiração
 - ☞ As diferentes escutas do corpo humano
 - ☞ Centring, grounding e facing
4. Pés e tornozelos
 - ☞ Uma releitura do mito de Édipo.
5. Joelhos e pernas
 - ☞ Pitágoras o homem dos Joelhos de Ouro.
6. Pelve
 - ☞ Reich e a peste emocional.
7. O Ventre e os Genitais
 - ☞ A Região Sagrada
8. Tronco, braços, cotovelos e mãos.
 - ☞ Eu e meu corporal
9. Pescoço e cabeça
 - ☞ Vida diária
10. Cadeias Musculares
 - ☞ Expansão – retração
 - ☞ Inspiração -expiração
11. Ossos e articulações
 - ☞ Elos e afetos
 - ☞ A medida em nossos ossos
12. Integração Corporal
 - ☞ Viagem ao interior do corpo
 - ☞ Colagem.
13. Valores Humanos uma viagem do "Eu" ao "Nós".
 - ☞ A personalidade humana e os cinco aspectos dos valores humanos
14. Ficha de entrevista final, avaliação do curso.
 - ☞ Seu corpo sua história
15. Encerramento
 - ☞ Avaliação para o grupo



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Bob. Alongue-se. São Paulo: Summus, 1983.
- BERGE, Yvonne. Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BERTHERAT, Thérèse & BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões, antiginástica e consciência de si. São Paulo: Martins Fontes, 13ª ed., 1987.
- BOADELLA, David. Correntes da vida: uma introdução à Biossíntese. São Paulo: Summus, 1982
- _____. Transferência, ressonância e interferência. In Cadernos de Psicologia Biodinâmica n°3. São Paulo: Summus, 1983, pp 85 – 107.
- BORIYSENKO, Joan. Um livro para curar o coração e alma. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. Cuidando do corpo, curando a mente. São Paulo: Record, 2ª ed., 1992.
- BOYESEN, Gerda. Entre psiquê e soma: introdução a psicologia biodinâmica. São Paulo: Summus, 1986.
- CRAXI, Antonio e Sylvie. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". São Paulo: Meca, 1995.
- DAMÁSIO, António R.. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DENYS-STRUYF, Godelieve. Cadeias musculares e articulares, o método G.D.S. São Paulo: Summus, 1995.
- DELMANTO, Suzana. Toques Sutis, uma experiência de vida com o trabalho de Pethő Sandor. São Paulo: Summus, 1997.
- EHRENFRIED, L. Da educação do corpo ao equilíbrio do espírito. São Paulo: Summus, 2ª ed., 1991.
- FELDENKRAIS, Moshe. Consciência pelo movimento. São Paulo: Summus, 1977.
- _____. Vida e Movimento. São Paulo: Summus, 1988.
- GAMA, Maria E. R. da G. & REGO, R. A. . Cadernos Reichianos n° 1 – Grupos de Movimento. Instituto Sedes Sapientie, 1994.
- GAIARSA, José A. . O que é corpo. São Paulo: Brasiliense, 6ª ed., 1994.
- _____. O espelho mágico, um fenômeno social chamado corpo e alma. São Paulo: Summus, 11ª ed., 1984.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUNTHER, Bernard. Sensibilidade e Relaxamento. São Paulo: Brasiliense, 6ª ed., 1989.
- KELEMAN, Stanley. Corporificando a experiência, construindo um vida pessoal. São Paulo: Summus, 1995.
- _____. Anatomia Emocional. São Paulo: Summus, 2ª ed., 1992.
- _____. Realidade Somática, experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.
- LELOUP, Jean-Yves. O corpo e seus símbolos, uma antropologia essencial. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. Cuidar do ser, Filon e os terapeutas de Alexandria. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 1996.
- LOWEN, Alexander. Bioenergética. São Paulo: Summus, 6ª ed., 1982.
- LOWEN, Alexander. A espiritualidade do Corpo, bioenergética para beleza e harmonia. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. Prazer, uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 4ª ed., 1984.
- _____. Alegria, a entrega ao corpo e a vida. São Paulo: Summus, 1997.
- LOWEN, Alexander & LOWEN, Leslie. Exercícios de bioenergética, o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 4ª ed., 1985.
- MATOS, Léo. Corpo & mente, práticas para atingir o equilíbrio psicológico perfeito. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONTAGU, Ashley. Tocar, o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 3ª ed., 1988.
- NEIDHOEFER, Loil. Trabalho corporal intuitivo, uma abordagem reichiana. São Paulo: Summus, 1994.
- REICH, Wilhelm. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1995.
- SANDOR, Pethö et alli. Técnicas de Relaxamento. São Paulo: Vetor, 1982.
- TALLAFERRO, Alberto. Curso básico de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZEMACH-BERSIN, David et alli. Solte-se, método de relaxamento para a saúde e boa forma. São Paulo: Summus, 1992.

ANEXO 2

Projeto Grupo de Movimento: Caminhos para interpretar o corpo



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC
 PRÓ REITORIA DE EXTENSÃO - PROEX
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA SAÚDE – DCS
 ANO 1999

PROPOSTA DE PROJETO DE EXTENSÃO

1. IDENTIFICAÇÃO DO SOLICITANTE:

NOME: Samuel Macêdo Guimarães

CPF: 210.617.346-68

RG: 719.359 SSP/BA

ITABUNA -BAHIA

TELEFONE: (0 - -73) 211 2536

FAX: (0 - -73) 211 2536

E-MAIL: samuel@uesc.br

CARGO/FUNÇÃO: Professor

TITULAÇÃO: Especialista

DEPARTAMENTO: Ciências da Saúde

ÓRGÃO/CENTRO: UESC

2. IDENTIFICAÇÃO DA PROPOSTA:

2.1. TÍTULO: GRUPO DE MOVIMENTO: Caminhos para interpretar o corpo

2.2. RESUMO

O projeto proposto a ser desenvolvido com a comunidade universitária (professores, funcionários, alunos que já cumpriram os créditos de educação física) e comunidade regional. Visa atender gente que esteja buscando uma relação de aproximação com o corpo que conduza na direção do *religare*, considerando que em sua multidimensionalidade, o corpo é um espaço eco-educacional onde o todo e a parte formam um binômio inseparável. Propõe refletir o corpo, compreender os efeitos psíquicos e emocionais de suas ações, integrando a experimentação, os valores humanos e a capacidade de vivenciar o problema de escolha entre um ato e outro. Trabalho Vivencial, onde o aprendizado sobre si mesmo e os outros, revelam nuances que auxiliam na compreensão de dimensões de corporeidade não percebidas no dia a dia, onde é o próprio corpo que deseja-sente-pulsa-age, por meio de músculos, ossos, articulações e metaboliza em suas vísceras, a matéria, a emoção e o espírito. Dispõe acatar este corpo que sente de dentro das suas fronteiras cutâneas, transformando inconsciência em consciência e alteridade madura.

Grupos de Movimento já fazem parte das modalidades oferecidas para as aulas de Educação Física da UESC desde 1995 e tem sido proposto como uma alternativa de trabalho corporal para aqueles que procuram através do movimento, aprendizagens significantes em relação a autonomia, livre expressão corporal, auto-conhecimento, com ausência total de situações corporais que favoreçam a criação de movimentos estereotipados, performance corporal, competição, estética, modelagem, qualquer trabalho que busque capacidades e ou valências físicas pela repetição e aumento da intensidade.

Sugere atividades que possibilitam a utilização de fundamentos neo-reichianos como bioenergética (Alexander Lowen), biossíntese (David Boadella), biodinâmica (Gerda Boyesen) e educação somática (Stanley Keleman) aliados aos fundamentos da Educação Física no campo da anti-ginástica (Thérèse Bertherat) e consciência corporal (Moshe Feldenkrais) em busca de sensibilização para o componente afetivo e emocional do movimento humano, voltado para a dimensão da holopráxis (vivências voltadas para a superação da fantasia da separatividade⁷⁰) que levem a uma consciência da dimensão humana integrativa, laboral, ecológica onde valores humanos – verdade, ação correta, paz, não violência e amor⁷¹ - possam ser elementos fundo da

⁷⁰ Cardoso, C. M. A Canção da Inteiraça, uma visão holística da Educação, Summus, 1995, p. 49

⁷¹ Craxi, A. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". São Paulo: Meca, 1995.

dimensão do viver para simplicidade, integridade, completude, dignidade, sacralidade, beleza, universalidade, pureza, comunhão, generosidade, respeito, abertura⁷².

Elegendo o corpo como mediador das relações internas e externas, realizadas a partir da própria experimentação elaborada e desencadeada em forma-função assertiva do autor que sente e age com sua própria qualidade de consciência, buscando assegurar situações vivenciais que levem a uma compreensão de corporalidade para uma visão não reducionista da nossa realidade externa (interpessoal), ao tempo que procura facilitar o contato com a multidimensionalidade interna (intrapessoal).

2.3. PERÍODO DE DURAÇÃO: Indeterminado, sendo 2 Turmas a cada semestre.	LOCAL DE REALIZAÇÃO: UESC, Sala 04 da Área de Educação Física do Departamento de Ciências da Saúde.
CLIENTELA ENVOLVIDA: Comunidade Universitária (Professores, Funcionários, Alunos) e Comunidade Regional.	ÓRGÃOS PARTICIPANTES: UESC, Associações Comerciais, Clubes Lojistas e similares da região.

3. DETALHAMENTO DA PROPOSTA:

3.1. OBJETIVOS

1. Criar oportunidades para um melhor conhecimento do próprio corpo e o dialogo da relação corpo-mente.
2. Sinalizar para o componente emocional e psíquico do movimento humano.
3. Propor experiências que desvendem sensibilidade e consciência corporal no contato com processos físicos, emocionais, mentais e respiração.
4. Aprender sobre percepção de si mesmo e do outro (leitura corporal) através do lúdico participado.
5. Trabalhar em busca de vitalidade, equilíbrio energético, bem estar, através de contato, toque e relaxamento.
6. Resgatar a capacidade de expressão pela desinibição, assertividade e desbloqueio emocional.
7. Vivenciar a relação percepção-expressão, realidade e prazer, interno-externo.
8. Experimentar e dialogar sobre a importância do espírito de grupo, da colaboração mútua e solidariedade entre os participantes como valores mais significativos do que a competição individual.
9. Harmonizar o pensamento e o sentimento do participante evitando posturas reducionistas

3.2. JUSTIFICATIVA

No mundo contemporâneo o desenvolvimento da comunicação de massa, e as aspirações políticas à uniformidade, contribuem significativamente para a presente intensificação do obscurecimento das individualidades levando a uma grande procura pelo macro do poder tecnológico conquistado pela razão científica. Para isso paga-se um preço alto com a perda do ritmo natural do homem, através da padronização do movimento, de um ritmo pessoal subordinado a horários comuns, comprometendo a qualidade de vida, criando assim, um sintoma de aversão ao pequeno, onde neste pequeno se insere o próprio corpo do cidadão, "acoplado" a um universo onde a tecnologia, representante destas tendências, seria a extensão artificial dos nossos sentidos. A experiência dos sentidos não é apenas primária, está afinada com nuances que tanto transmitem informação quanto aumentam o prazer. Nessa condição, a necessidade de estímulos artificiais e/ou culturalmente padronizados torna-se um obstáculo para a pureza da experiência sensorial *per se*, o que pode conduzir a um fazer em *loops* artificiais de dependência, onde na forma individual caracteriza o comportamento neurótico, tendencioso e obsessivo e no caso de um organismo coletivo, caracteriza o paradigma da paralisia.⁷³

⁷² Weil, P. Nova linguagem holística. 2ª ed., Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1987, p. 183

⁷³ Argüeles, J. O Fator maia: um caminho além da tecnologia. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 164

As expressões visíveis do que somos, se dão na dimensão corporal, que abrange, além da saúde física, tudo que está relacionado às sensações, habilidades e ações⁷⁴, valorizando o processo para o desenvolvimento de uma personalidade autodeterminada, capaz de viver em interação com o outro, onde o participante possa desenvolver sua própria "capacidade de transformação pessoal, aspecto fundamental para a transformação social" (Cardoso, 1995)

Trata-se de uma proposta experimentada, visto estar sendo realizada há cinco anos e que após diversos "ajustes" na concepção dos trabalhos acadêmicos da modalidade Grupos de Movimento da disciplina Educação Física da UESC, foram metodologicamente acompanhados no segundo semestre de 1998, e apresentam resultados que favorecem o pleito desta extensão (anexos). Ainda assim, podemos considerar que para o desabrochar e o armazenar de idéias elevadas é necessário que cada um revele a sua integridade (qualidades e defeitos) e que cada pessoa reconheça que é o resultado dos esforços que faz para viver e mais contemporaneamente, para sobreviver. Neste sentido o corpo além de ser elemento de existência, existe na medida das suas habilidades reconhecidas e pressupõe ao seu portador um espaço tridimensional para desenvolver-se, ampliar-se e compreender-se e assim desenvolver, ampliar e compreender o Universo ao seu redor.

É muito importante também frisar, que devido à nossa cultura negadora do corpo, valorizando apenas os aspectos cognitivos, em sido muito comum nos depararmos com grupos praticamente virgens de trabalho corporal, apesar dos já existentes, e que no ocidente o movimento humano "sucumbiu ao poderoso tabu que pesa sobre o corpo humano, sobre a carne... Se o corpo não é bom o movimento não pode ser bom."⁷⁵ valorizando sempre a linguagem verbal e o cognitivo. O movimento do personagem humano é uma linguagem completa e complexa e a seu modo tão elaborada quanto a linguagem verbal. Dispor de apenas uma delas "é pobreza – envolve mudez irremediável em numerosas áreas essenciais"⁷⁶.

3.3. METODOLOGIA

Cada Extensão do Grupo de Movimento será desenvolvido durante nove semanas. Iniciará sempre no mês seguinte ao do início das aulas de cada semestre e concluído após os nove encontros semanais, sendo cada encontro com a duração de duas horas. Cada grupo poderá ter um mínimo de oito e um máximo de vinte pessoas. Todas atividades serão realizadas em sala de aula específica e os trabalhos serão desenvolvidos individualmente e em grupo.

Pressupõe também para este projeto um desenvolvimento progressivo de uma estrutura didático-pedagógica que indique a existência de um eixo temático, na aquisição dos conhecimentos, habilidades, destrezas e tomada de consciência entre as partes, o todo corporal e suas implicações de corporeidade, além de variáveis afetivo-sociais.

A avaliação será realizada através de uma ficha de acompanhamento individual preenchida na primeira e na última sessão e também a cada sessão através da comunicação espontânea das percepções e sentimentos revelados nos processos de trabalho propostos em cada sessão. Além dos movimentos corporais, poderão ser utilizados recursos audiovisuais, dinâmicas de grupo e textos informativos.

Todos os participantes assinarão um mini contrato de participação que regulamenta e informa a cada participante o que será esperado de cada pessoa, como será desenvolvido o trabalho e qual será a área demarcada como limítrofes no trabalho de desenvolvimento da pessoa humana em cada um.

3.4. METAS/AÇÃO

Atender semestralmente a duas turmas de Grupos de movimento com 20 participantes cada turma, considerando que com o desenvolver do trabalho estas turmas poderão ser ampliadas até a 4 turmas. Sendo assim, ao momento de atendimento máximo deste projeto, a UESC estaria

⁷⁴ Cardoso, C. M. A canção da incerteza: uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995 p. 50

^{75 e 76} Gaiarsa, J. A. in: Feldenkrais, M. Consciência pelo Movimento. São Paulo: Summus, 1994 p. 9 e 10

contribuindo com a participação de 160 pessoas ao ano em atividades de Grupos de Movimento, divididas em duas turmas para a comunidade universitária e duas turmas para a comunidade regional.

3.5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

Inscrições: Início letivo de cada Semestre

Duração: Nove semanas, sendo uma sessão de duas horas a cada semana

Término: Antes de finalizar cada semestre

3.6. RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS

DOCENTES:

Professor Samuel Macêdo Guimarães

DISCENTES:

Um estagiário universitário, sendo pré-requisito para a seleção já ter participado de pelo menos um semestre de Grupo de Movimento.

TÉCNICOS:

Gráfica, Proex e imprensa da UESC

COMUNIDADE:

Associações comerciais, Clubes Lojistas de Itabuna e Ilhéus.

Comunidade Regional

Comunidade Universitária

3.7. CURRÍCULUM VITAE DO(S) COORDENADOR(S)

• IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Samuel Macêdo Guimarães

ENDEREÇO RESIDENCIAL: Rua Paraná, 68 apto 302-A

BAIRRO: Jardim Vitória

CEP: 45600-000 CIDADE: Itabuna (BA)

FONE: (0XX73) 211 2536

E-MAIL: samuel@uesc.br

DATA DE NASCIMENTO: 23/08/1955

RG: 719.359/SSP(BA)

CPF 210.617.346-68

• ATUAÇÃO PROFISSIONAL

CARGO: Professor

FUNÇÃO: Professor de Educação Física

DEPARTAMENTO: Ciências da Saúde

NÚCLEO: Área de Educação Física

REGIME DE TRABALHO: 20H () 40H () D.E. (X)

DISCIPLINA(S) MINISTRADA(S): Grupos de Movimento

• TITULAÇÃO ACADÊMICA

GRADUAÇÃO: Educação Física – Universidade Federal de Viçosa – MG

ESPECIALIZAÇÃO: Ginástica Escolar – Universidade Federal de Pelotas - RS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação Psicomotora

MESTRADO: Aluno Especial na disciplina Filosofia e Educação no Mestrado em Educação UFBA/UESC

• EXPERIÊNCIA ANTERIOR EM PROPOSTA DE EXTENSÃO:

- Selecionou, treinou universitários para Projeto Universidade Solidária.
- Coordenou e executou Projeto Universidade Solidária na cidade de Itabuna –PE, juntamente com 10 universitários da UESC.

- ATIVIDADES RELEVANTES.

- Coordenou a Área de Educação Física de abril de 1997 a abril de 1999
- Membro do Colegiado de História em 1997
- Membro do Colegiado de Filosofia em 1998 e 1999
- Conselheiro da EDITUS em 1998 e 1999
- Professor da disciplina Educação Psicomotora no Curso de Especialização (Latu Senso) em Educação Especial da UESC.
- Professor no Projeto da Terceira Idade da UESC, na atividade Terapia e Saúde em 1998 e 1999.
- Professor da Oficina Enfermagem e Corporeidade na Semana de Enfermagem em 1998
- Professor da Oficina Corporeidade na Terceira Idade no Encontro de Terceira Idade em 1998
- Psicoterapeuta Corporal Neo-Reichiano, com formação no Instituto Wilhelm Reich em Vitória-ES 1994-1997.
- Especializado em Psicoterapia Corporal para Crianças e adolescentes no Instituto Brasilda Rocha – São José do Rio Preto -SP 1995-1998.

GRUPOS DE MOVIMENTO

CENÁRIOS BÁSICOS DAS VIVÊNCIAS CORPORAIS

Respiração

A descoberta do grande oceano gasoso composto de duas moléculas de oxigênio, navegando por nós em qualquer lugar que estejamos, nos abre a porta infinita da vida.

Sem o Oxigênio não temos outra alternativa senão morrer. Bastam 5 minutos e tudo se acaba.

Inspiração: Criatividade, vida. Expirar: morrer. O ciclo respiratório se repete ininterruptamente durante dia após dia. Somos eternamente dependentes da respiração: nosso alento e alimento.

O oxigênio já nos ensina: não somos ilhas de auto-suficiência. Não nos bastamos a nós mesmos. Precisamos interagir com o oxigênio: fonte essencial de vida. Só a partir da respiração podemos perceber o mundo interno em constante luta de equilíbrio com o mundo externo.

Mas viver é sair de si em busca do ar, do alimento, do outro. É preciso viver (respirar), fluir e ser o que somos.

É preciso nos contagiar com o entusiasmo percebendo a ação do meu corpo e em que direção quero que ele me conduza.

Criando novidades, fazendo a mesma coisa de forma diferente, percebendo as nuances e me interessando pelo que faço da minha respiração já é um bom começo.

Se quiser ficar melhor manter o sentimento de querer sempre aprender algo novo, evitando os atrofiamentos.

Exercitando o entusiasmo, sabendo doar e receber, a respiração será melhor e por acréscimo todo o corpo.

Este é o tempo. Aqui agora. Talvez amanhã sejam outras possibilidades. Comece agora o seu aprendizado de si mesmo. Como uma criança aprende a andar. Vale a pena. A vida é eterna, mas deve ser vivida na sua totalidade a cada momento.

Pés e tornozelos

Pisar e sentir a planta dos pés em contato com o chão. Sensações plantares importantes para a conquista da postura bípede humana, São nos pés que nascem e morrem nossas alegrias.

Viver os pés, sentir se nossos pés são locais de problemas para o nosso corpo. Sentir qual é o cheiro que nossos pés emanam e onde as marcas físicas repercutiram em nosso corpo, em nossos sentimentos em nossa memória.

Será que experimentamos prazer ou não em estarmos sobre a nossa mãe terra? Como é o contato dos nossos pés com o chão? É no pé que somos matéria. Nossos pés no chão nos fornecem o contato com a realidade. Nos dá alicerce, base, fundamento.

Pés são raízes. Será que fomos desejados? Nossos pais ficaram felizes ou decepcionados ao nos ver chegar a esta terra? Quais são as nossas raízes?

Quanto de raiz nos aprofundamos no chão? Com os pés no chão sou transportado pela terra em sua órbita. Ceder ou resistir à força de gravidade, do chamado da mãe-terra que me mantém próximo e seguro? Posso sentir tudo isto se escuto meus pés.

Pisar por inteiro, firme, confiante, absorvendo e me alimentando dessa energia que a mãe-terra emana pelos meus pés é o que faz a diferença do modo como resolvo meus problemas na vida. Sem essa referência me desoriento, me enfraqueço, me confundo, me perco.

Tornozelos: a primeira articulação no sentido dos pés para a cabeça transmite as energias absorvidas das sensações plantares para todo o corpo. Como é meu tornozelo? Rígido? Flexível? Tenho tido muitas entorses?

Entre os chineses simboliza o refinamento da vida e das relações íntimas e sexuais. Simboliza também nossa articulação com o outro e também com todo outro.

Manter-se de pé é sintonizar-se com o balanço do corpo, com as contrações dos músculos e todas as influências das sensações cinestésicas. O tornozelo e o elo de ligação entre os pés e as pernas, no sentido da manutenção da postura bípede.

Na mitologia grega é o local onde as asas se prendem, a articulação do nosso ser material com o espiritual. Posso ter asas nos pés e sentir que o essencial é dar um passo a mais, ir além dos nossos limites. Ir além do ego.

É no tornozelo, a primeira articulação em que vivemos a experiência de nascer no corpo. Sair da vida intra-uterina e em direção à vida extra-uterina.

Nascer é a primeira articulação com a marca da solidão física, das memórias de chegar ao mundo, atravessando o canal vaginal, elo da viagem entre interno e externo no espaço-tempo da tridimensionalidade do mundo exterior.

Joelhos e Pernas

Fisicamente os joelhos determinam o grau de flexibilidade das pernas. Como articulação tem a função de dar continuidade ao transporte das informações recebidas pelas sensações plantares dos pés.

A rigidez nos joelhos é possível sinal de transtornos nas mudanças da vida. Joelhos flexíveis são ponto de partida para os saltos em direção às inovações de novos paradigmas. São os joelhos que ficam bambos na hora das emoções, joelhos flexíveis evitam que as fortes emoções possam nos esmagar.

Ter perna está associado ao exercício das emoções dos joelhos. As memórias impressas nos joelhos estão associadas com o prazer de sentarmos no colo dos nossos pais. Alguns jamais foram colocados sobre os joelhos, jamais foram colocados no colo.

Em harmonia com os joelhos nossas pernas são nossa sustentação. Nosso equilíbrio maior. Nossa autoconfiança. A relação pés, tornozelos, joelhos e pernas constituem a conquista entre o arrastar-se e o caminhar.

Caminhar é o sentido mais profundo do evoluir por nós mesmos. A maneira como andamos nos fornece uma pista de como encaramos o "andar" em direção aos nossos objetivos na vida. A semelhança de como encaminho minha existência com o meu jeito de andar é muito grande e pode ser notada facilmente.

As relações entre pernas, joelhos e pés nos põem em contato com nosso enraizamento (grounding) com a terra. É também nas pernas que estão as coxas, local intermediário entre os joelhos e os genitais, incluindo o sacro.

É preciso me contagiar com o entusiasmo de respirar e ir percebendo a ação das minhas pernas e em que direção queremos que nos levem. Minhas pernas são o meu maior apoio. O referencial que me leva e que me conduz aos caminhos da vida. Estar sobre as próprias pernas é ser cidadão: proprietário do seu próprio pedaço. Conhecedor do seu corpo.

Pelve

É na pelve que temos os maiores conteúdos de mobilização de energia vital.

Quem não tem "jogo de cintura" para sentir com mais propriedade os movimentos das mudanças, certamente mais cedo ou mais tarde, será esquecido ou substituído em qualquer trajetória a que se proponha.

Mas o jogo de cintura não pode ser jogado sem termos de entrar em contato com os fatos e sentimentos da nossa energia sexual e tudo o que estiver ligado as fases da libido (anal, uretral, fálica, genital).

Palavras como segredo, mistério, pecado, prazer, vergonha, origem da vida, encontro, SEXO, excreção, aparecem sempre às nossas "vistas" em tons de malícia ou escárnio.

É nesse "canto" do corpo que existem as palavras sujas expressando a nossa energia sexual canalizada para a vulgaridade.

Resgatar essa energia pélvica, entrar em contato com "ela" e compreendê-la (vivê-la) em seu aspecto sublime e vital é um grande passo para a saúde com qualidade de vida.

Mas quase nem dá para falar direito da pelve, sem encontrar barreiras, acusações e principalmente repressão.

Nesse local, o terreno é minado, não dá para ir com muita sede ao pote, mas também não dá para fingir que tudo isto não existe.

Mexer no vespeiro é complicado, mas não dá para pular esta lição.

Bem vindos a região mais fascinante do corpo. Ao centro da criatividade, dos relacionamentos, do sexo e da preservação da espécie.

Tronco, Braços, Cotovelos e Mãos

Chegamos agora a um dos pontos muito importantes do corpo. Em nosso tronco acontecem diversas ações e funções vitais das mais variadas e complexas.

O nosso tronco é o centro de muitos sistemas importantes para o bom funcionamento do corpo.

Respiração e batimentos cardíacos marcam os dois principais ritmos biológicos da pulsação do organismo.

Sem perceber estes ritmos e suas influências, perdemos a sintonia e desorganizamos o que existe em nós de animal, de natureza, de instinto e emoção.

Nossas emoções são mobilizadas no nosso tronco e vísceras. Sentimentos diversos mobilizam diferentemente nossa respiração.

O peito integrado e comandando o intelecto e o instinto nos permite perceber que a cabeça funciona melhor quando está ligada ao coração. No tórax EU SOU e estou em mim.

Braços e mãos. Dar e receber. Afastar e destruir o que é ruim, incomoda e perturba. Pegar e construir o que é bom. Segurar e soltar. Prender e libertar. Com as mãos moldo, escrevo e me expesso. Não me conheço e não sou dono de mim sem conhecer e ser dono das minhas mãos.

No tronco a coluna vertebral, o eixo que integra as diversas regiões corporais e organiza corpo e mente em uma unidade com sentido.

O abdome. Nele também as vísceras. Fonte de vida, do instinto, da energia. Sem este "toque" tudo murcha e definha, e o bicho homem se desliga das suas origens.

Tronco e braços: contato, sentimentos. Expressões, necessidades. Fuga e luta. Criatividade e bloqueio. Festival de busca incessante do equilíbrio. Meus braços alcançam e meu tronco acompanha.

Suprimi-los é provocar tempestades energéticas, é o mesmo que um ciclone, um terremoto ou um vulcão.

Vamos viver tronco e braços.

Cabeça e Pescoço

Quando nascemos entramos literalmente de cabeça no mundo. O mundo nos espera com suas probabilidades e incertezas. O primeiro contato do interno com o externo. Sugar e expelir. Mamar e golpear. Olho, ouço, farejo e mamou minha mãe. Tudo novo. Tudo diferente. Tudo um pouco desconexo.

Mamar, morder, comer, beber, beijar, cuspir. Alimento, prazer, frustração: a cabeça é o foco. A parte "nobre". A sala de controle. O pescoço sustenta e protege: O que vem de baixo não me atinge.

O pescoço não me deixa perder a cabeça, e isso não é fácil. Esta em geral é uma das áreas mais tensas do corpo.

Visão, olfato, paladar e audição: fazem parte da minha cabeça. Tocar é o sentir a união de minha cabeça com as coisas do mundo. A boca é o início.

Os sentidos quase sempre voltados para fora: extroversão. Sentir a vida: perceber-se sem disfarces, escutar a voz do interno, sentir o gosto do ser que nos habita, farejar o perigo que há em cada esquina do conhecer-se: Um convite à introversão.

Expressão e impressão. Entrada e saída: comunicação. Sem esses mecanismos é quase impossível ser compreendido. Incompreensão é péssimo. Às vezes é preciso defender-se.

Mostrar-se ou esconder-se? Como está o ambiente? Receptivo ou hostil? Mover-se nas faces e nos disfarces: versatilidade.

Na voz, o grito preso na garganta. Dizer o que precisa ser dito e poder dizer. Quero! Chega! Vem! Sai! Etc. Poder deixar a voz servir ao desejo, e não se escravizar pelas aparências.

Enfim, cabeça e pescoço interagindo com o coração. Com um sentir mais profundo. Com um sentir pulsando.

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é".

Caetano Veloso

ANEXO 4

Grupo de Movimento: Amostra de alguns depoimentos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
GRUPO DE MOVIMENTO

O QUE ENCONTROU E COMO ESTÁ SAINDO?

SELEÇÃO DE ALGUMAS RESPOSTAS

ENCONTROU	ESTÁ SAINDO
"...dúvidas..."	"...aprendendo a buscar o que quero..."
"...encontrei uma nova vida em minha própria vida..."	"...acho que nunca vou sair... ficou aqui no meu coração..."
"...nunca em minha vida tive um contato tão próximo comigo mesmo..."	"...estou saindo feliz... surpresa..."
"...entrei para cumprir apenas uma formalidade..."	"...Estou saindo mais madura..."
"...esperava trabalhar o físico. Ao chegar encontrei um trabalho que envolve o corpo de forma abrangente..."	"...saio com um conhecimento maior do domínio do corpo..."
"....."	"...melhorou meus relacionamentos em casa, no trabalho, no geral...estou mais segura e confiante, despertou dentro de mim uma força que não sabia que possuía..."
"...achei que iam ser aulas chatas..."	"...aprendi a me relacionar melhor... estou saindo tranqüila e satisfeita..."
"...uma experiência única..."	"...pela oportunidade de conhecer alguém que conviveu comigo por 20 anos e eu nunca conheci: Eu mesma..."
"...entrei cauteloso..."	"...Hoje me sinto um homem mais completo, menos machista... estou saindo mais humano..."

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA GRUPO DE MOVIMENTO</p>
<p>SUGESTÕES</p>	

“Ninguém muda o outro. No entanto, alguém pode mostrar a outrem que há vários caminhos e, portanto, várias saídas”.

(Uma aluna do G.M.)

Algumas sugestões:
1. “... ampliar o trabalho...”
2. “... fazer seminários... que isso fique conhecido não apenas pelos alunos obrigados a fazer Educação Física...”
3. “...deve continuar este trabalho...”
4. “...sugiro maior divulgação sobre o que é realmente o curso para que mais pessoas possam ser beneficiadas...”
5. “...deveria ser divulgado para outras pessoas tanto na Universidade quanto fora dela...”
6. “...que tivesse uma maior esclarecimento do que é grupo de movimento no início da escolha...”
7. “que continue existindo o grupo de movimento ensinando as pessoas...a conhecerem o próprio corpo...”

ANEXO 5

Grupo de Movimento: Resumos de apresentações em Congressos

3º Congresso Brasileiro de Atividade Física & Saúde
Florianópolis, UFSC, 15 a 17 Novembro de 2001

GRUPOS DE MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DE RE-SIGNIFICAÇÃO DO SABER VIVER NA EDUCAÇÃO FÍSICA DE UNIVERSITÁRIOS

Samuel Macêdo Guimarães
Mestrando Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Professor Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Bolsista CAPES/UESC

A Educação é uma preocupação constante em todos os fóruns de instância universal e estamos num espaço social que se configura nesse momento, como espaço de passagem de um mundo para o outro, em função das inúmeras alterações no mundo da vida, pelo processo das conjunturas da Sociedade Informática. Este processo é cansativo e produtor de formas de mal estar que geram condições que comprometem a saúde, seja por meio do estresse, da poluição ou das alterações negativas do estado de ânimo. Estas condições favorecem o surgimento de doenças psicossomáticas graves, como a angústia, o pânico e a depressão. Nossos corpos fisicamente tornaram-se mais sãos em função dos avanços tecnológicos, entretanto, carregamos um sentido descompensador desses "ganhos", que é o sofrimento de não sabermos muito bem o sentido de por quê se ter corpos mais saudáveis e eficientes quando estes não produzem o bem estar proporcional, que tanto se almeja. Nesse sentido, a experiência com Grupos de Movimento na UESC, é uma forma de trabalho, que pode minimizar estes efeitos negativos. Oferecem oportunidade de participação em vivências corporais que contribuem para uma re-construção do cuidado de si, sensibilização e re-significação do saber viver que podem complementar qualitativamente programas de atividades físicas e saúde. Oportuniza-se auto-avaliação através de vivências baseadas no cuidado de si, que tem o papel de proporcionar uma re-aproximação do sujeito consigo mesmo, base para uma relação com o outro e com o mundo. Assim, desvelam possibilidades significantes que auxiliam no re-conhecimento de estruturas nas quais o sujeito constrói o seu viver no dia-a-dia, auxiliando a evitar contextos autodestrutivos. A experiência se desenvolve desde 1995, atendendo uma média de 200 universitários ao ano, divididos em quatro grupos por semestre. Cada grupo participa de 15 sessões de duas horas com intervalo semanal. Cada sessão tem uma temática de corpo utilizando-se do respectivo Mundo dos Movimentos Neo-reichianos - Educação Somática, Bioenergética, Biossíntese, Biodinâmica, Antiginástica - com explicação do tema, participação das vivências e o registro oral das percepções corporais, nas quais evita-se formas estereotipadas no se-movimentar. Privilegia-se o contexto afetivo-social e relacional dos participantes. Trabalha-se na elaboração de princípios internos que desvinculam o sujeito de um pensamento unicausal, para um pensamento multidimensional do cuidado de si associado ao cuidado do outro e das relações com o mundo. Estimulam-se funções biológicas, elaborações emocionais e livre expressão da experiência. Constitui-se, assim, campo de oportunidades para confrontar-se com a própria singularidade, mediante processo de reflexão crítica dos contatos vivenciais multidimensionais proporcionados pelas experiências corporais vividas. Uma experiência que favorece impedir a insensibilização e o autodesconhecimento, fatores fundamentais, entre outros, para construção de uma concepção de saúde que favorece uma melhor compreensão de si mesmo e do saber viver. Daí, pelo conhecimento de si, uma pessoa expressa melhor a sua unidade dialética consciência-corpo que o vincula enquanto Ser Humano ao seu mundo.

Educação Física e Esportes (F.9.0.)

CONTRIBUIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS CORPORAIS NEO-REICHIANAS NA AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CORPORAL DE UNIVERSITÁRIOS DA UESC

Samuel Macêdo Guimarães

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Universidade Federal de Santa Catarina

(Introdução) Estudos fenomenológicos mostram que o Movimento Humano expressa a natureza da existência do ser-no-mundo e que a melhor forma de modificar a representação da consciência corporal se dá pela vivência. Em trabalhos corporais que possibilitem a reflexão crítica uma intervenção pedagógica no Mundo dos Movimentos faz da vivência corporal um espaço privilegiado. Este estudo teve como objetivo ver se é possível melhorar a compreensão de corpo através do trabalho corporal vivencial denominado Grupos de Movimentos, realizados na Educação Física Curricular da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, utilizando-se do respectivo Mundo dos Movimentos Neo-reichianos (Educação Somática, Bioenergética, Biossíntese).

(Metodologia) O estudo envolveu população de 108 universitários selecionados acidentalmente divididos em oito grupos. Cada grupo participou de 15 sessões de duas horas com intervalo semanal. Nas vivências omitiu-se qualquer consideração sobre técnicas ou formas objetivadas no se-movimentar. Cada sessão tinha uma temática de corpo (respiração, pés, pernas, pelve, tronco, braços, mãos, cabeça e pescoço, etc.), com explicação do tema, participação das vivências e o registro oral das percepções corporais. Foram também aplicados dois questionários semi-estruturados no início e no final do processo, um avaliando a qualidade da percepção corporal em forma desenho do corpo humano e o outro, a expectativa no início e experiência no final do processo.

(Resultados) Constatou-se com base nos dados obtidos, que: A experiência vivencial favoreceu a uma auto-observação capaz de melhorar a compreensão das relações entre as partes e o todo corporal, ampliando a capacidade de descrever as percepções. A forma de expressar a qualidade da percepção pelo desenho foi significativamente melhorada, inclusive apresentando claras mudanças visuais de representação do corpo, principalmente no que se refere ao gênero feminino. Favoreceu compreender, com que expectativas os universitários participam destas vivências e que experiências são acrescentadas à consciência corporal. No geral que a consciência corporal pode ser melhorada a partir de vivências corporais com reflexão crítica.

(Conclusão) Tendo em vista que todo conhecimento passa pelo corpo. A consciência corporal é fundamental para superação das contradições e consolidação da autonomia e emancipação, pois diminui as determinações inconscientes de conduta e amplia o campo das ações conscientes. Daí pode-se considerar que ter uma consciência corporal ampliada é fazer do sujeito, um sabedor de que seu corpo é referência para poder constituir-se, conhecendo que seu corpo está sempre expressando um discurso da sua relação com o seu tempo histórico-social. Conclui-se que pelo conhecimento de si mesmo, uma pessoa expressa melhor a sua unidade dialética consciência-corpo que o vincula enquanto Ser Humano ao seu mundo.

(Agência Financiadora) CAPES

XX SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA NO NOVO MILÊNIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
21 a 23 de Junho de 2001

**VIVÊNCIAS CORPORAIS NEO-REICHIANAS E AMPLIAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS DA UESC**

Samuel Macêdo Guimarães
Mestrando UFSC, professor UESC, bolsista CAPES/UESC

RESUMO

O Movimento Humano expressa a existência do *ser-no-mundo* e a melhora da consciência corporal acontece pela vivência corporal, espaço privilegiado de intervenção pedagógica. Este estudo teve como objetivo, observar se é possível melhorar a consciência corporal através do trabalho vivencial denominado Grupos de Movimentos, realizados na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, utilizando-se do Mundo dos Movimentos Neo-reichianos tais como bioenergética, educação somática e biossíntese. Envolveu 108 universitários divididos em oito grupos. Cada grupo participou de 15 sessões de duas horas com intervalo semanal com uma temática de corpo, explicação, vivências e o registro oral das percepções corporais. Aplicou-se questionário semi-estruturado no início e no final do processo avaliando a qualidade da percepção corporal em forma de desenho do corpo humano, a expectativa inicial e experiência do processo. Constatou-se que a experiência vivencial favorece uma melhora da auto-observação onde a percepção corporal no desenho foi significativamente melhorada, apresentando claras mudanças visuais de representação do corpo, principalmente no que se refere ao gênero feminino, sugerindo que consciência corporal pode ser melhorada a partir de vivências corporais com reflexão crítica. O conhecimento passa pelo corpo e a consciência corporal é fundamental para consolidar autonomia, pois diminui determinações inconscientes de conduta e amplia o campo das ações conscientes. Torna o sujeito conhecedor do seu corpo, expressando uma unidade dialética consciência-corpo que o vincula enquanto Ser Humano ao seu mundo como referência para poder constituir-se emancipadamente.

Anais do III Simpósio de Produção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física da UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, UFSC, Maio, 2000.

GRUPO DE MOVIMENTOS, UMA EXPERIÊNCIA NEO-REICHIANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ (UESC)

Prof. Samuel Macêdo Guimarães
Universidade Estadual de Santa Cruz
Mestrando em Educação Física da UFSC

Este painel apresenta uma experiência realizada no segundo semestre de 1998 e primeiro semestre de 1999 na Educação Física Curricular da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Ba) acompanhando quatro Grupos de Movimento em cada semestre, envolvendo uma amostra de 108 estudantes universitários. Teve como objetivo proporcionar ao participante um aprendizado sobre si mesmo e sobre os outros, que revelassem nuances que auxiliassem na compreensão de dimensões de corporalidade não percebidas no dia a dia. Trabalhou-se numa concepção epistemológica que busque "olhar" em direção ao homem (mulher) que se movimenta e não ao movimento que o homem (mulher) produz, utilizando-se de trabalhos corporais com fundamentos neo-reichianos (bioenergética, biossíntese, educação somática, biodinâmica, antiginástica) numa abordagem que evitou considerações técnicas que produzissem estereótipos corporais associados a ginástica, dança, desportos entre outros. Utilizou-se de diversos recursos teóricos metodológicos voltados para fundamentar uma compreensão a partir da própria experiência do se-movimentar, seguindo uma estrutura didático-pedagógica que indicasse um eixo temático, na aquisição dos conhecimentos, habilidades, destrezas e tomada de consciência ente as partes e o todo corporal, apoiado pelos cenários geradores de experimentação em 15 sessões de duas horas/aulas, envolvendo os temas respiração, pés e tornozelos, joelhos e pernas, pelve, ventre e genitais, tronco, braços, cotovelos e mãos, pescoço, cabeça, bem como de fundamentos filosóficos associados a cada tema. Para fins de avaliação formal utilizou-se de questionário propondo o desenho de um corpo humano associando a percepção de um sentimento para cada tema-cenário corporal na antes da primeira sessão e após o a execução de todo programa (pré e pós-teste). Os resultados apontaram que a experiência com movimentos não estereotipados, na concepção apresentada neste trabalho, favorece uma auto-observação do praticante, que pode conduzi-lo a um melhor conhecimento de si mesmo, contribuindo para uma melhor relação consigo mesmo e com os outros. Apontou também para a necessidade de uma ampliação deste trabalho na forma de extensão, buscando oferecer o trabalho à comunidade regional da UESC.

samuel@uesc.br

ANEXO 6

Outros resumos de trabalhos apresentados em Congressos

IV SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA
Joinville – SC
01 DE SETEMBRO DE 2002

**CORPO-CORAÇÃO, UMA METÁFORA PARA O CUIDADO DE SI.
TAREFA DA EDUCAÇÃO FÍSICA?**

Samuel Macêdo Guimarães

Mestrado em Educação Física: UFSC - Bolsista CAPES: UESC

A questão da relação com o outro é um aspecto importante do cuidado de si. O cuidado de si precisa do outro, precisa de dialogicidade. Esta dialogicidade é sempre uma troca de frequências. A esta troca de frequências, sentida no corpo na forma de sentimentos, denominaremos como metáfora do corpo-coração. Assim, a necessidade de compreender o sujeito não deve estar baseada numa teoria do objeto como único critério de verdade. É preciso consciência histórica da situação experimentada na vida em si mesma, formulada por um pensamento crítico e autocrítico. Um exercício de aprender a reconhecer que tipo de sujeito estamos encarnando: se um sujeito submetido pelo controle ou se conectado a sua própria identidade pela consciência e cuidado de si. Neste estudo busca-se uma reflexão filosófica, produzida a partir da pergunta: *Como estamos nos sentindo como intelectuais neste momento?* Reflexão esta, desenvolvida apoiada nos conceitos de intelectual orgânico (Gramsci), da genealogia do sujeito (Foucault), e autonomia (Paulo Freire), recortando a busca de compreensão do cuidado de si como referencial de bem viver. Ao recusar o que somos a partir daquilo que é dado, torna-se possível pelo cuidado de si, nos libertarmos dos tipos de ação recorrente oriundas do mundo externo de referencial reificador. Ocupar-se de si é tarefa do intelectual. Cuidar de si é tarefa para toda vida e implica em aprender a reconhecer os obstáculos que desvinculam o ser humano de suas próprias subjetividades. As discussões finais apontam para uma concepção de experimentar a metáfora de corpo-coração como cuidado de si, para construção de um aspecto importante da intelectualidade. Neste sentido valoriza a subjetividade de forma plural, considerando a presença do outro como necessária para construir a relação consigo mesmo expressa no cuidado de si. Sugere que a Educação Física é campo privilegiado de vivências, onde o outro está sempre presente na origem da constituição da estética da existência de si, na figura do mestre, guia, professor, diretor de consciência, ou amigo. A metáfora corpo-coração pode contribuir para aproximação de um projeto de construção de discursos verdadeiros (Foucault), e que esta aproximação não acabe as incertezas nem as inquietações na busca do conhecimento.

e-mail: samuel@uesc.br

IV SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA
Joinville – SC
01 DE SETEMBRO DE 2002

EM BUSCA DE UM INDIVÍDUO HUMANO NA SOCIEDADE INFORMÁTICA

JESUS, J. F. ; GUIMARÃES, S. M. ; NUNES, R.

Mestrado em Educação Física – Centro de Desportos – UFSC

Fazendo uma reflexão geral, de caráter filosófico, sobre o indivíduo humano, podemos afirmar que este indivíduo é uma formação histórica, assim como também é um produto das relações sociais. Pode ser referendado, na certeza de que não podemos neste momento, nos dispersar do destino contemporâneo deste ser humano, no contexto da atual revolução informática, na condição de sua inserção social, nem também nos abstermos de reconhecê-lo na condição de indivíduo biológico. A sociedade informática tem em sua sociogênese, o perigo da exacerbação da individualidade, tornando o homem desta forma, orientado no sentido de um isolamento, que poderá produzir além dos problemas inerentes a uma falta de atividade física, situações sociais ligadas à aspectos produtores de uma apatia para relacionamentos entre humanos. Neste sentido, a Educação Física pode oferecer uma grande contribuição para que os inevitáveis fenômenos negativos da solidificação progressiva da sociedade informática possam ser minimizados através de programas que incentivem as diversas atividades no interior da Educação Física que possam favorecer o bom relacionamento humano, o autoconhecimento e a auto-regulação. A qualidade de vida e situação social da humanidade corre o risco de uma degeneração do tempo livre que podem produzir mudanças na condição de humanidade do ser humano. Neste sentido é preciso ter muito cuidado, no caso das propostas relacionadas à educação física, para que o esporte não se constitua o ópio do povo. O esporte da sociedade informática precisa ser constituído de elementos que favoreçam o desaparecimento de pressões que produzam estereótipos de normas rígidas de comportamento e estimuladas pelo processo de aprendizado de movimentos unicamente técnicos e com fins questionáveis no sentido de mecanismos emancipatórios. O desafio de buscar o conhecimento da informação conforme dito anteriormente é o de descobrir onde está a sabedoria deste conhecimento.

UFSC - Centro de Desportos - Trindade - 88040-900 - Florianópolis - SC
E-mail: joça@cds.ufsc.br; samuel@uesc.br; renildonunes@uol.com.br